

Antologia dos Imortais

FRANCISCO
CÂNDIDO
XAVIER

WALDO
VIEIRA



ANTOLOGIA DOS IMMORTAIS

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Ditados por
Espíritos Diversos**

COLOMBINA

Júlia Cortines Laxe*

Mascarada mulher o rabeção trouxera.
Morrera em pleno baile a frágil Colombina
E, no egrégio salão de culto à Medicina,

4 O professor leciona, em voz veemente e austera:

- "Rapazes, contemplai! É rameira e menina.

6 Tombou ébria novicio e com certeza era
Devassa meretriz, mistura de anjo e fera,
8 Flor de lama e prazer, Vênus e Messalina."

Em seguida, a cortar, rompe a seda sem custo,
Desnuda-lhe, solene, a alva pele do busto,
Afasta, indiferente, as flores de rendilha...

No entanto, ao descobrir-lhe a face triste e bela,
O mestre cambaleia e chora junto dela...
Encontrara na morta a sua própria filha.

4. Ler com sinérese: *vee-men-te*.

6. Leia-se com hiato: *com/cer/te/za/e/era*.

8. Para que possamos observar o gosto da poetisa para a alusão a nomes célebres, quer mitológicos quer da vida real, cf. o soneto "A vingança de Cambises" (apud Pan. III, págs. 246-247).

17. Cf. nota nº. 2, pág. 36.

21. Cf. nota nº7, pág. 62.

(*) "Júlia Cortines" – diz Péricles Eugênio da Silva Ramos (Pan.III, pág.246) – "é uma das poetisas selecionadas por Valentim Magalhães para figurarem na parte antológica de **A Literatura Brasileira** (1870 - 1895). Sua poesia afigura-se realmente parnasiana, de um comedimento e boleio de frases semelhantes ao de Francisca Júlia." É ela, segundo afirma o poeta e ensaísta Darcy Damasceno (**in A Lit. no Brasil**, III. T.1, pág.376). quem "abre o desfile dos epígonos parnasianos".

Sentimento, emoção, cuidado da forma, beleza expressional e correção métrica caracterizam-lhe os poemas, levando José Veríssimo a compará-la a celebre poetisa italiana Ada Negri (**Apud E. Werneck, Ant. Brasileira** pág. 507. (Rio Bonito, Estado do Rio, 12 de Dezembro de 1868 – Desencarnou em 19 de março de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: **Versos; Fragmentos; Vibrações.**

ELA

I

RODRIGUES DE ABREU (Benedito Luís de Abreu)*

Onde ela passa qual estrela,
Célere e luminosa,
Varrendo a escuridão da vida humana,
O carvão da miséria
Faz-se bendito lume,
Atraindo as mãos frias
De velhos e crianças
Que so1uçam na sombra.

Onde ela passa docemente,
Por divina visto
Entre as campas do mundo,
Toda planta esmagada
Reverdece de nova
Ao brilha da esperança.

Onde ela passa generosa,
Sabre a lama da Terra,
Lírios brotam do charco,
Perfumados e puros,
Coma bênçãos do Céu
Projetadas no lodo.

Ninguém lhe ouviu jamais qualquer palavra
De azedia ou censura.

Apenas a vaidade muitas vezes
Lhe toma a retaguarda
E espalha a pessimismo
Nos corações, em torno,

Comentando, agressiva,
A torva indiferença
Dos que bebem a sós
O vinho da ilusão
E devoram cruéis,
O pão da mesa farta,
Dando sobras ao mofo,
Atolados na usura 35 Que a aura anestesia.

Ela passa, entretanto,
Nobre, serena e bela,
Em profundo silêncio,

Educando e servindo
Sem que ninguém lhe escute 41 Sequer o próprio hálito...
Porquanto, em tudo e em todos,
E' sempre a Caridade — a Luz que veio de Deus.

(*) Poeta, teatrólogo, educador. Escreveu nos principais jornais e revistas dos Pais. Tendo sido a infância de RA uma das mais afanosas, iniciou ele o curso primário em Piracicaba, completando-o em S. Paulo. Depois de muitas reviravoltas por diversos colégios, de outras cidades, regressa o poeta à Capital paulista, onde passa a lecionar. Posteriormente, transfere-se para sua terra natal, desencarnando, mais tarde, em Bauru. Péricles Eugênio da Silva Ramos (in Lit, no Brasil, III, t. 1, página 538) classifica RA como poeta modernista não «histórico» e acrescenta, adiante, que ele «cultivou uma poesia simples, sentimental e dolorida». Embora Afonso Schmidt (in Dic. Aut. Paulistas, pág. 16) o considere «um dos maiores poetas de S. Paulo», Domingos Carvalho da Silva, «o seu melhor crítico», diz que RA, como poeta, foi «alto valor que não chegou a realizar-se, mas que manteve sempre a sua individualidade» (apud Pan. VI, pág. 80). (Municipal de Capivari, Est. de São Paulo, 27 de Setembro de 1897 — Bauru, Est. de São Paulo, 24 de Novembro de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: Noturnos; A Sala dos Passes Perdidos; Casa Destelhada; etc.

NATAL

Irene Ferreira de Souza Pinto*

Grande bolo à mesa.
2 A árvore linda em festa.
O brilho da noite empresta;
Regozijo ao coração...
É como se a Natureza
Trouxesse Belém de novo
Para os júbilos do povo
Em doce fulguração.

Tudo é bênção que se enflora,
De envolta na melodia
Da luminosa alegria
Que te beija a segue além...
Mas se reparas, lá fora,
O quadro que tumultua,
Verás quem passa na rua
16 Sem ânimo e sem ninguém.

Contemparás pequeninos
De faces agoniadas,
Pobres mães desesperadas,
Doentes em chaga e dor..
E, ajudando aos peregrinos
Da esperança quase morta,
Talvez enxergues à porta
O Mestre pedindo amor.

É sim!... É Jesus que volta
Entre os pedestres sem nome,
Dando pão a quem tem fome,
Luz às trevas, roupa aos nus!
Anjo dos Céus sem escolta,
Embora a expressão serena,
Tem nas mãos com que te acena
Os tristes sinais da cruz.

Natal! Reparte o carinho
Que te envolve a noite santa
Veste, alimenta e levanta
O companheiro a chorar.
E, na glória do caminho
Dos teus gestos redentores,
Recorda por onde fores
Que o Cristo nasceu sem lar.

16. Cf. nota nº. 2, pág.36.

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de mouro (**cole. Poetas Paul**, pág.97):" Começou seus estudos no Colégio Florense, de Jundiáí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na **Revista Feminina**; foi a criadora das crônicas sociais do **Correio Paulistano**." Contista, escreveu na **Feira Literária**, e em 1921 estreava como romancista, publicando **Rosa Maria**. No Cemitério da consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o belíssimo soneto "Último desejo", de autoria dela. (amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 – Rio de Janeiro, GB, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

OBSESSOR

GALDINO Pereira DE CASTRO*

- "Misericórdia, irmãos!..." – Em súplica na praça,
16 O condenado á forca estorcega-se e geme.
A turba aos empuxões – enorme nau sem leme –
18 Abismar-se no mar da violência devassa.

O réu chora, maldiz a sentença e ameaça...
O carrasco desdobra espessa corda creme.
Tomba a cabeça irada, o torço rola, treme,
22 Bamboleando ao clamor da imensa populaça.

Mas do corpo suspenso, agora inerte e quedo,
24 Sai o Espírito em sombra – um salteador sem medo-,
De olhar a reluzir, em lúgubre transporte...

Qual fantasma do crime a destilar vingança,
Segue em revolta extrema, e intemorato alcança.
O implacável juiz que o condenara á morte.

3. Aliteração em RR.

4. Suarabácti: "o-b-ses-so". Cf. nota 1, pág.47.

14. Cf. o soneto "Noturno" (apud Pan. IV pág 267) e observe-se que o esquema rimático dos tercetos é idêntico ao de "Na Jaula da Carne", em que o poeta explica a causa remota da loucura de que, hoje, muitos irmãos nossos são portadores na cela dos manicômios.

16. Estorcega-se: o mesmo que estorcer-se. Note-se o efeito deste verbo.

18-22. Ler com sinérese: vio-lên-cia e bam-bo-lean-do.

24. Ler sal-tea-dor em três sílabas.

(*) Destacado poeta do grupo da Nova Cruzada e jornalista precoce, Galdino de Castro, formado em Medicina, depois de desistir do curso jurídico, foi clínico e político. Colaborou em vários periódicos da Bahia, fundando alguns até mesmo nos tempos colegiais. Dedicou-se ao magistério anos antes de transferir-se para S. Paulo, depois de abandonar a literatura. <<Dos livros que anunciava - Pavilhões, Auriflamas, Troféus – não publicou nenhum. >> (Salvador, Bahia, 18 de Abril de 1882 – S. Paulo, 23 de Agosto de 1939.)

RENASCIMENTO

RODRIGUES DE ABREU (Benedito Luís de Abreu)*

O que sentes agora,
Já sentiste.
O que pensas agora,
Já pensaste.
O que dizes agora

Já. disseste.
E aquilo que desejas
Novamente fazer,
Muita vez já fizeste.

Resguarda, assim, a sonho
De luz e de beleza
Que bebeste na altura,
Para a nova jornada,
Sentindo no amor puro,
Pensando de alma reta e renovada,
Falando com nobreza,
E conservando, em suma, a lei do bem de cor,
88 A fim de que realizes a bondade
Para a Vida Maior.
Toda berço na Terra é nova marco...
91 E a alma reencarnada é coma a estrela Refletida no charco.

88. Ler rea-li-zes, com sinérese.
91. Leia-se E a/al/ma, em três sílabas.

(*) Poeta, teatrólogo, educador. Escreveu nos principais jornais e revistas dos Países. Tendo sido a infância de RA uma das mais afanosas, iniciou ele o curso primário em Piracicaba, completando-o em S. Paulo. Depois de muitas reviravoltas por diversos colégios, de outras cidades, regressa o poeta à Capital paulista, onde passa a lecionar. Posteriormente, transfere-se para sua terra natal, desencarnando, mais tarde, em Bauru. Péricles Eugênio da Silva Ramos (in Lit, no Brasil, III, t. 1, página 538) classifica RA como poeta modernista não «histórico» e acrescenta, adiante, que ele «cultivou uma poesia simples, sentimental e dolorida». Embora Afonso Schmidt (in Dic. Aut. Paulistas, pág. 16) o considere «um dos maiores poetas de S. Paulo», Domingos Carvalho da Silva, «o seu melhor crítico», diz que RA, como poeta, foi «alto valor que não chegou a realizar-se, mas que manteve sempre a sua individualidade» (apud Pan. VI, pág. 80). (Municipal de Capivari, Est. de São Paulo, 27 de Setembro de 1897 — Bauru, Est. de São Paulo, 24 de Novembro de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: Noturnos; A Sala dos Passes Perdidos; Casa Destelhada; etc.

ROMANCE

Júlia **Cortines** Laxe*

No vetusco solar da longínqua Provença,
Ao pajem disse a dama, ante pálida lua:
17 – “Nunca te esquecerei!... Sou tua, sempre tua!...”
No outro dia, porém, deu-lhe escárnio e descrença.

Relegado no campo ao suor da charrua,
Entre a mágoa do amor e a humilhação da ofensa,
21 O jovem busca a morte... A morte, em sombra imensa,
Endoidece-lhe o sonho e a vida continua...

4. Ler com sinérese: *vee-men-te*.

6. Leia-se com hiato: *com/cer/te/za/e/era*.

8. Para que possamos observar o gosto da poetisa para a alusão a nomes celebres, quer mitológicos quer da vida real, cf. o soneto “A vingança de Cambises” (apud Pan. III, págs. 246-247).

17.cf. nota nº. 2, pág. 36.

21.cf. nota nº7, pág. 62.

(*) “Júlia Cortines” – diz Péricles Eugênio da Silva Ramos (Pan.III, pág.246) – “é uma das poetisas selecionadas por Valentim Magalhães para figurarem na parte antológica de **A Literatura Brasileira** (1870 - 1895). Sua poesia afigura-se realmente parnasiana, de um comedimento e boleio de frases semelhantes ao de Francisca Júlia.” É ela, segundo afirma o poeta e ensaísta Darcy Damasceno (**in A Lit. no Brasil**, III. T.1, pág.376). quem “abre o desfile dos epígonos parnasianos”.

Sentimento, emoção, cuidado da forma, beleza expressional e correção métrica caracterizam-lhe os poemas, levando José Veríssimo a compará-la a celebre poetisa italiana Ada Negri (**Apud E. Werneck, Ant. Brasileira** pág. 507. (Rio Bonito, Estado do Rio, 12 de Dezembro de 1868 – Desencarnou em 19 de março de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Versos; Fragmentos; Vibrações.

TERNURA MATERNAL

Carlos Dias Fernandes

I

As paredes da casa em vão procuro,
Quero dizer adeus e não consigo...
3 Vejo apenas o vulto amargo e amigo
Da morte que me estende o manto escuro.

Choro a estirar-me, trêmulo, inseguro;
O leito ensaia a pedra do jazido...
Padeço, clamo e indago a sós comigo,
Qual pássaro que tomba contra um muro.

A névoa espessa enreda o corpo langue.
É o terrível crepúsculo de sangue
Que me tinge de sombra os olhos baços;

Mas surge alguém, no caos que me entontece,
É a minha mãe, que alonga as mãos em prece,
Doce estrela brilhando nos meus braços!...

II

15 Ave que torna, em chaga, ao brando ninho,
Ouço divina música na sala,
É a sua voz celeste que me embala,
Motes do lar que tornam de mansinho.

19 Ergo-me agora... O corpo é o pelourinho
De que me desvencilho por beijá-la...

21 "Mãe! Minha Mãe!,,, " – suspiro, erguendo a fala,
A soluçar de júbilo e carinho.

23 - " Dorme, filho querido! Dorme e sonha!..."
Nossa velha canção terna e risonha
Regressa com beleza indefinida...

Tomo-lhe os braços em que me acrisolo
E durmo novamente no seu colo
Para acordar no berço de outra vida.

3. Note-se o efeito expressional resultante da aproximação de amargo amigo e amigo.

15. Há leve semelhança deste soneto com " Volta à Casa Paterna " de Luís Guimarães Júnior. Todavia, aqui o poeta consegue receber, em generosas manifestações de carinho, as vibrações de coragem e amor materno, que lhe aconselha dormir e sonhar para, em breve, "acordar no berço de outra vida."

19. Cf. nota nº. 1, pág. 44

21. Cf. nota nº. 7, pág. 42.

23. Cf. nota nº. 2, pág. 36.

(*) Jornalista, romancista, poeta, crítico, autor dramático, Carlos D. Fernandes residiu em várias cidades e , por onde passava, era temido por sua combatividade característica. Esteve no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Pará, no Recife. De sua vida nesta última cidade, onde se formou em Direito, Gilberto Amado, em Minha Formação no Recife, dá-nos fiel descrição do poeta. Como redator, ou colaborador, escreveu em inúmeros jornais e revistas. Amigo dos mais calorosos de Cruz e Souza, participou do movimento da Rosa-Cruz e da Meridional, segundo informações que colhemos em A. Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., II, pág. 195). (Mamanguape, Paraíba, 20 de Setembro de 1875 – Rio de Janeiro, GB, 9 de Dezembro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: Solaus; Vanitas Vanitatum; Livro das Parcas; Terra da Promissão; etc...

A BRANDURA

Andradina América de Andrada E Oliveira*

Asserena-te e vara a desventura
No caminho de dor, áspero e azedo ;
Serenidade – o lúcido segredo
Em que a vida se eleva e transfigura.

Tudo cresce na força da brandura.
A água desgasta os punhos do rochedo ;
Olha a chuva cantando no arvoredos,
A transfundir-se em pão, bondosa e pura.

De coração batido e lodo à face,
Inda que o fel da injúria te traspasse,
Semeia o bem que as mágoas alivia...

Mesmo trazendo o peito por cratera,
Suporta, ampara e crê, ajuda e espera,
Que amanhã será sempre novo dia.

(*) Poetisa, contista, romancista, iniciou sua vida literária, quase menina, conforme afirma sua filha Lola de Oliveira em Minha Mãe!, escrevendo em inúmeros periódicos sul-riograndenses. Foi também teatróloga e aplaudida conferencista. Professora pela Escola Normal de Porto Alegre, com distinção em todas as matérias, a poetisa de Folhas Mortas lecionou em cursos particulares, em várias cidades gaúchas, depois de nove anos dedicados ao magistério público. Fundou um jornal literário feminino, O Escrínio, mais tarde transformado em revista ilustrada, e formou, segundo Antônio Carlos Machado, entre as maiores feministas brasileiras de sua época. De 1920 até à sua desencarnação, residiu na capital paulista. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de Junho de 1878 – S. Paulo, 19 de Junho de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Folhas Mortas; Preludiando, contos; Cruz de Pérolas, contos ; etc.

A PRIMEIRA PEDRA

Francisca Clotilde Barbosa Lima*

A multidão tumultua
Em cada canto da praça.
Algemado, em plena rua,
É um homem triste que passa...

Há gritos no Sol a pino...
São vozes a descompor :
– “Donde vieste, assassino?
Celerado! Matador!... ”

– “Fera solta! Condenado!
Gatuno! Monstro! Quem és?”
E o infeliz disse, cansado,
Mal se agüentando nos pés :

– “Por Deus, poupai-me a lembrança!
Basta a aflição que me corta...
Eu fui aquela criança
A quem cerrastes a porta.”

“Fui o pequeno mendigo
Que todos vistes passar!
Vede a miséria em que sigo,
Sem a esperança de um lar!... ’

“Faminto, descalço e roto,
A minha vida era assim...
Cresci na lama do esgoto,
Nunca tive alguém por mim...”

Bebendo o pranto que rola,
Suspirou, em conclusão :
– “Debalde pedia escola,
’Debalde pedia pão.”

Toda a praça silencia.
Sòmente vibram no ar
Os soluços da agonia
De pobre mãe a chorar...

(*) Poetisa, contista e romancista, exerceu o magistério até os últimos dias de sua existência terrena, tendo sido a primeira mulher a lecionar na

primeira Escola Normal do Estado do Ceará (Cf. Jangada, revista da Ala Feminina da casa de Juvenal Galeno, 1º trimestre de 1953, conferência de de Maria Stella Barbosa de Araújo sobre Francisca Clotilde). Foi figura importante do "Clube Literário" do Ceará, em cujo órgão "A Quinzena" publicou vários sonetos «repassados de lirismo e cheios de beleza». Colaborou ainda em diversos periódicos cearenses, e fundou a revista mensal A Estrela, de larga e brilhante existência. Como jornalista, a sua pena era das mais inflamadas, especialmente quando se tratava das questões de caráter nacional. Raimundo Magalhães e Mário Linhares referiram-se elogiosamente à «distinta patrícia», que foi grande amiga da juventude, sobretudo das crianças. (S. João de Inhamuns, hoje Tauá, Ceará, 19 de Outubro de 1862 – Aracati, Ceará, 8 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Coleção de Contos; Noções de Aritmética; Fabiola; etc.

A PROCURA DA IDÉIA ORIGINAL

Augusto Álvaro de CARVALHO ARANHA *

O homem demanda, embora surdo e lento,
A verdade que o busca, viva e certa;
Mas dorme na ilusão a que se oferta,
No garimpo interior do pensamento.

Iludido, cansado, desatento,
Crendo no acaso, um dia brilha e acerta...
Muda-se então a vida em luz aberta
Pela fulguração de um só momento.

O súbito clarão de uma faísca
Explode no horizonte azul e risca
O alto manto do céu em que se enfiara...

Assim, a idéia nova em nossa mente :
Eclode num lampejo incandescente
E abre caminho pelo mundo afora...

(*) Depois de estudar no Maranhão e em Pernambuco, veio CA a matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, bacharelando-se em 1901. Além de poeta distinto, foi promotor e juiz em algumas cidades do interior paulista. Colaborou em inúmeros órgãos da imprensa de Sergipe, Pernambuco, Rio e S. Paulo. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Sobre ele assim se externou Armindo Guaraná, em seu Dic.Bio-Bibl. Sergipano, pág. 41: «Poeta primoroso e festejado da escola parnasiana, é também um espírito dotado de filantropia e um juiz culto e reto. » (Aracaju, Sergipe, 30 de janeiro de 1876 – Rio de Janeiro, GB, 30 de Março de 1928.)

BIBLIOGRAFIA : Primícias ; Poeira do Meu Caminho ; Visão das Horas;
etc.

A SUBLIME SENTENÇA

Francisco Antônio de carvalho Júnior*

Ao pé de templo enorme, a praça tumultua.
Ansiosa expectativa na calçada poeirenta...
A massa encontra o Cristo e, trágica, apresenta
Consternada mulher a chorar seminua...

- "Adúltera, Senhor!" - velho escriba insinua.
- "Que dizes, Mestre?" - insiste a multidão violenta -
"Somos o tribunal que a tradição sustenta,
A lei é apedrejar nos libelos da rua!"

- Fita o Mestre a infeliz que à miséria alanceia;
Inclina-se, em seguida, e escreve sobre a areia,
Como quem grava o sonho onde a vida não medra.

Depois, contempla em torno a malícia, o veneno,
E exclama para a turba, entre nobre e sereno:
- "Quem for puro entre vós, lance a primeira pedra!"

(*) Depois de ingressar na Faculdade de Direito de S. Paulo, fazendo o terceiro e quarto anos no Recife, somente em 1877 concluía o curso em S. Paulo. Ainda estudante, colaborou na República, de Lúcio de Mendonça. Poeta, folhetinista, crítico literário, dramaturgo. Nomeado promotor de Angra dos Reis, em 1878, transferiu-se depois para o Rio, onde viria à desencarnar no ano seguinte, como juiz municipal. Machado de Assis reconheceu o talento do jovem CJ, afirmando ser ele «poeta, e de raça» (Apud Péricles Eug. da S. Ramos, in Lit. no Brasil, II, pagina 292). (Rio de Janeiro, GB, 6 de Maio de 1855 - Rio de Janeiro, GB, '3 de Maio de :1879.)

BIBLIOGRAFIA : Escritos Póstumos.

A TI QUE ME OUVES

Alceu de Freitas Wamosy*

Como o dia ao findar, o decesso não trunca
O poder do ideal e a corrente da vida...
Nem ancinho a morder, nem mão em garra adunca...
A morte? Apenas sonho embalando a partida...

Se o caminho em que vais é trilha que se junca
De farpas, lama e fel, sem clareira ou saída,
Sê compaixão sòmente e não sentirás nunca
A sombra da tristeza ou a esperança perdida.

Se a agonia envenena o pranto de teus olhos,
Qual rocio letal no lodo que te banha,
Não te fira a visão de tremedais e abrolhos.

O amor é como o sol ante o charco profundo...
Amando, entenderás que a dor mais rude e estranha
É sempre a Lei de Deus que se move no mundo...

(*) Poeta e jornalista, AW trabalhou ativamente na imprensa, principalmente depois que fixou residência em Livramento, tendo sido diretor de O Republicano. Patrono da cadeira n 40, na Academia Sul-Riograndense de Letras. Sua poesia é essencialmente subjetiva, com impressões de vida interior. Prefaciando-lhe a obra póstuma Poesias, Mansueto Bernardi afirmou : «Alma de eleição, um dos mais finos temperamentos artísticos do Rio Grande, uma das belas vazes da poesia, no Brasil. » E mais adiante, observava : «Ao mesmo tempo que o pensamento do amor, o pensamento da morte o acompanha sempre. (...) Foram eles, por assim dizer, o amor e a morte, assim como a luz e a sombra dos seus olhos, o mel e a cicuta dos seus lábios, a sístole e a diástole do seu coração.» (Uruguiana, Rio Grande do Sul, 14 de Fevereiro de 1895 – Livramento, Rio Grande do Sul, 13 de Setembro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Na Terra Virgem; Coroa de Sonhos; etc.

ADEUS

Francisca Júlia da Silva*

Na agonia da luz o astro-rei purpurina...
Leves tarjas de noite a manchar o horizonte...
Uma estrela a piscar remove a névoa fina
E espelha-se, feliz, no regato defronte...

Soluça um pombo além e se alteia e se inclina
E voa sem que o Sol novo rumo lhe aponte...
Humilde rola chora a gemer na campina,
Alheia ao prado em flor e à carícia da fonte...

Chega a sombra afinal... Aparece a tristeza
No arrulho que ficou por gemidos em bando,
Quais cordas a estalar numa lira retesa... ;

Assim, num dia assim, a morrer sem alarde,
Chorando eu disse adeus e ele partiu chorando,
A renascer na Terra onde estarei mais tarde...

(*) Conquanto apresente a poesia de F J alguns defeitos formais, é considerada a maior poetisa parnasiana, «maravilhoso poeta, um dos mais originais do Brasil», no dizer de Vicente de Carvalho (citado no Pan. III, pág. 248). Versejou em importantes periódicos de S. Paulo, e na A Semana, do Rio. João Ribeiro, Olavo Bilac, Agrippino Griego e até mesmo Machado de Assis teceram largos elogios aos versos de Francisca Júlia, versos que plasmaram o ideal extremo da beleza, segundo as palavras de Manuel Bandeira (apud Dic. Aut. Paulistas, pág. 580). Em torno de sua desencarnação, diz Péricles Eugênio da Silva Ramos: «O que de positivo pude apurar, ouvindo testemunhas até oculares, foi que no dia da morte de Edmundo (Filadelfo Edmundo Munster) a poetisa se retirou para repousar. E não mais acordou, apesar dos esforços médicos para reanimá-la, vindo a falecer na manhã do dia do enterro do marido.» (Poesias, pág. 21.) (Xiririca, atual Eldorado, Est. de S. Paulo, 31 de Agosto de 1874 (1871?) – S. Paulo, 1º de Novembro de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: Mármore; Esfinges; etc.

AGAPANTOS

Gastão de Deus Vítor Rodrigues *

Enfim vencido... Na última canseira,
Cimo espinhoso de suplícios tantos,
Busquei, ansioso, a estrada de agapantos,
Que me fora visão da vida inteira.

Tudo, porém, era neblina e poeira,
Misturadas de preces e acalantos,
Nênias da morte, hinários sacrossantos,
E a noite, a imensa noite derradeira...

Nos auges da aflição que me constringe,
Cai, entretanto, a máscara da esfinge...
Oh! Sepulcro, onde a sombra em que te cevas?...

Refaz-se a luz que em lágrimas transponho,
E vejo, além, as flores do meu sonho,
Como estrelas radiando sobre as trevas...

(*) Poeta e prosador, Gastão de Deus, depois de cursar a Escola Normal de Paracatu, Minas, transferiu-se para Goiás, onde concluiu o curso jurídico na Faculdade de Direito do Estado. Advogou por algum tempo em sua terra natal, sendo colaborador do jornal Goiás - Minas, de que foi representante. Redator do vespertino uberabense Lavoura e Comércio e Juiz de Direito em Anápolis. Afirma Veiga Netto (Ant. Goiana, á (. 98) Gastão de Deus «nunca abandonou a pena, e foi sempre pg.) que fértil a sua sementeira de poesias e artigos espalhados pelos jornais de Goiás e Minas». (Catalão, Estado de Goiás, 8 de Março de 1883 – Anápolis, Go, 17 de Abril de 1917.)

BIBLIOGRAFIA: Agapantos, poesia; Páginas Goianas, prosa.

AGORA

Alceu de Freitas Wamosy*

Eis o tempo que passa... Um juiz onde fores,
Espírito da Lei que a tudo envolve e doma.
Ontem, do Nilo em festa à grandeza de Roma,
Era a glória do mundo em cinzas e esplendores.

Hoje, carro triunfal dos sonhos redentores,
Em que a bênção do dia é celeste redoma,
Onde a vida se alteia e, pura, se retoma
Para erguer-te a alegria e suprimir-te as dores.
Amanhã será sol em pleno trilho escuro,
Almenara de amor a indicar-te o futuro
No horizonte da paz, onde a esperança mora.

Mas do tempo que é sombra, anseio, plano e anelo,
Nos caminhos do Tempo, eis que o Tempo mais belo
É o momento imortal que chamamos "agora".

(*) Poeta e jornalista, AW trabalhou ativamente na imprensa, principalmente depois que fixou residência em Livramento, tendo sido diretor de O Republicano. Patrono da cadeira n 40, na Academia Sul-Riograndense de Letras. Sua poesia é essencialmente subjetiva, com impressões de vida interior. Prefaciando-lhe a obra póstuma Poesias, Mansueto Bernardi afirmou : «Alma de eleição, um dos mais finos temperamentos artísticos do Rio Grande, uma das belas vazes da poesia, no Brasil. » E mais adiante, observava : «Ao mesmo tempo que o pensamento do amor, o pensamento da morte o acompanha sempre. (...) Foram eles, por assim dizer, o amor e a morte, assim como a luz e a sombra dos seus olhos, o mel e a cicuta dos seus lábios, a sístole e a diástole do seu coração.» (Uruguiana, Rio Grande do Sul, 14 de Fevereiro de 1895 - Livramento, Rio Grande do Sul, 13 de Setembro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Na Terra Virgem; Coroa de Sonhos; etc.

ALVORADA

Leopoldo Vóssio Brígido Dos Santos*

"Morto! Morto!..." – inda escuto. O coração dorido
E o pensamento em fogo – a vida que me resta...
Meu corpo dorme exangue a derradeira sesta
De quem tudo esqueceu no supremo gemido.

Levanto-me, porém, jubiloso e aturdido.
Tenho outra forma em luz – alma acordada em festa
A esperança é a canção que a alegria me empresta...
"Vivo! Vivo!..." – respondo ao choroso alarido.

Entretanto, ninguém ouve a fé que me nutre.
No quarto, o desespero – pavoroso abutre,
Insufla-me visões de cinzas, sombra e nada!...

Insisto, brado, clamo, ansioso e descontente,
Mas, de súbito, enxergo outro mundo e outra gente
No celeste esplendor da Sublime Alvorada...

(*) Poeta de vastos recursos, crítico literário de finos dotes, veio LB para o Rio com 19 anos de idade, aí tendo colaborado em vários jornais, como A Semana, O Paiz, a Gazeta de Notícias, etc. Funcionário da Fazenda, chegou ao posto de subdiretor do Tesouro Nacional. «Tradutor inteligente e delicado,» – Fernando Góes o afirma (Pan. V, página 254) – «verteu para o português um famoso poema de Dante Gabriel Rossetti, The Blessed Damozel, que inspirou a Debussy uma das suas mais belas melodias – La Damoiselle Élue». Esta e outras traduções colocam-no «entre os melhores tradutores da poesia simbolista, universal no Brasil», declarou-o A. Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., III, pág. 256), que considerou LB um «poeta de instrumento delicado, num sincretismo discreto de parnasianismo predominante e de simbolismo não formal». (Itapipoca, Ceará, 17 de Janeiro de 1876 – Rio de Janeiro, GB, 24 de Agosto de 1947.)

BIBLIOGRAFIA : Poemas do Tempo.

ANJOS E FERAS

Lafayette Melo *

“Ingratos, os homens se afastaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai...” – O Espírito de Verdade¹.

E morre a Humanidade em bacanais horrendas...
Manda o bezerro de ouro e, qual dragão, rapina
Os princípios da fé, a enterrá-los nas lendas...
Chega Moisés, a Lei, e aclama a Voz Divina!

Séculos vêm e vão... Em loucuras tremendas
Surge o monstro do vício a morder...
E domina. Nasce Jesus, o Amor, descerrando outras sendas,
E ergue a força do bem por excelsa doutrina!

Segue o passo do tempo, e eis que por toda a Terra
Os chacais do ateísmo e as hienas da guerra
Cercam as multidões de fracos e infelizes...

Mas Kardec, a Razão, estende luz à História;
Desponta o Espiritismo, o Evangelho em vitória,
Traçando ao mundo aflito as Novas Diretrizes!...

(*) Filho de Desidério de Melo e de D. Clarinda de Melo, LM, além de poeta, foi professor, poliglota e jornalista. Um dos fundadores e diretores de O Garoto, em sua terra natal. Órfão de pai desde cedo, foi um autodidata. Desde que se tornou espírita, passou a ser devotado colaborador de A Flama (hoje, A Flama Espírita), semanário espírita uberabense, com sonetos bem trabalhados, de conteúdo doutrinário. (Uberaba, Minas, 21 de Outubro de 1892 – Patrocínio, Minas, 15 de Agosto de 1953.)

ANTEVISÃO

Alceu de Freitas Wamosy*

E um dia chegará, de segundo a segundo,
A vitória imortal... Tiranias ultrizes
Dobrarão para sempre as trágicas cervizes
Ante o reino do amor a espriar-se, fecundo!

A impiedade revel, o ódio a rir-se iracundo,
A usura de Harpagão e o gládio de Cambises
Serão restos crostais de velhas cicatrizes,
Temerárias lições no semblante do mundo!

Não mais fome ou nudez... O arado, a escola e o malho
Entoarão sobre a Terra as canções do trabalho
Em trompas e clarins de concerto bendito!

E os homens, céus além, ao tato incontroverso,
Descobrirão, por fim, nos portais do Universo,
A bússola de Deus no timão do Infinito!

(*) Poeta e jornalista, AW trabalhou ativamente na imprensa, principalmente depois que fixou residência em Livramento, tendo sido diretor de O Republicano. Patrono da cadeira n 40, na Academia Sul-Riograndense de Letras. Sua poesia é essencialmente subjetiva, com impressões de vida interior. Prefaciando-lhe a obra póstuma Poesias, Mansueto Bernardi afirmou : «Alma de eleição, um dos mais finos temperamentos artísticos do Rio Grande, uma das belas vazes da poesia, no Brasil. » E mais adiante, observava : «Ao mesmo tempo que o pensamento do amor, o pensamento da morte o acompanha sempre. (...) Foram eles, por assim dizer, o amor e a morte, assim como a luz e a sombra dos seus olhos, o mel e a cicuta dos seus lábios, a sístole e a diástole do seu coração.» (Uruguiana, Rio Grande do Sul, 14 de Fevereiro de 1895 – Livramento, Rio Grande do Sul, 13 de Setembro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Na Terra Virgem; Coroa de Sonhos; etc.

AO VIAJOR DA VIDA

Artur Ragazzi*

Foge à ilusão da forma que te ilude
Entre sombras e lápides terrenas.
Surpreenderás, na carne, sonho apenas
De infância, mocidade e senectude...

Ri-se o berço... Depois, a juventude
É ligeira estação de horas serenas...
Depois, ainda, as lágrimas e as penas
Da velhice a chorar o inverno rude...

Que a aspereza da estrada pouco importe...
Segue, de coração piedoso e forte,
Plantando o amor na Terra vasta e rica.

Marca a esparzir o bem de escala a escala!
O bem – o dom de paz que te assinala ;
Sòmente o bem é a luz de amor que fica.

(*) Poeta largamente relacionado e estimado nos ambientes literários e sociais de Belo Horizonte. Italiano de nascimento, veio com os pais, ainda menino, para o Brasil, fixando-se em Ouro Preto. Em 1897, inaugura, da a nova capital mineira, aí passou a residir até ao fim de sua existência. Foi uma das principais expressões do alto comércio de Belo Horizonte e elemento de valor nos círculos literários que nessa cidade se formaram à sombra de Alphonsus de Guimaraens e de Mendes de Oliveira. «Poeta de largos recursos,» – di-lo a Folha de Minas, em 5 de Novembro de 1948 – «era também Artur Ragazzi uma alma pura e sensível a todas as manifestações do calor humano..» Em vários jornais e revistas mineiros e cariocas saíram estampadas as suas produções líricas, «donde rescendem impulsos sinceros de uma inspiração privilegiada, a par de notável poder de expressão verbal». (Veneza, Itália, 31 de Julho de 1879 – Belo Horizonte, Minas Gerais, 4 de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA : Cavaleiro Andante ; Coivara Acesa ; algumas inéditas.

APARIÇÃO

Zeferino de Sousa Brazil*

Saulo, o perseguidor, segue o roteiro, atento.
Vem Damasco à visão do futuro rabino.
Aridez ao redor... Mato raro, mofino...
Nem perfume de flor, nem sussurro de vento.

Pronto, vasto clarão golpeia o firmamento.
Desce um homem de luz e empana o Sol a pino.
"Saulo!... Saulo!..." – convoca o emissário divino.
"Quem sois vós?" – Saulo grita, assombrado e violento.

"Eu sou Jesus" – responde a vítima ao verdugo –,
"Não recalcitres mais contra o amor de meu jugo!"
Cego, o doutor da lei tomba de alma ferida...

Mas longe de jungir-se aos grilhões do passado,
Levanta-se na areia, exsurge transformado,
E consagra a Jesus o coração e a vida.

(*) Poeta, cronista e jornalista, membro da extinta Academia Rio-grandense de Letras e patrono da cadeira nº. 24 na Academia Sul-Rio-grandense de Letras, o «Príncipe dos Poetas do Rio Grande do Sul» legou um nome de grande prestígio nos meios intelectuais do País. Referindo-se à poesia de Zeferino Brazil, João Pinto da Silva (Hist. Lit. R. G.S., página 86) afirmou : «E' um inspirado, um espontâneo, à maneira antiga, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um artista. » Incluindo-o em sua Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana, Manuel Bandeira tirou-o do olvido. (Porto Grande, Munic. de Taquari, Est. do Rio Grande do Sul, 24 de Abril de 1870 – Porto Alegre, Est. do R.G.S., 3 de Outubro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA : Alegros e Surdinias ; Vovó Musa ; Na Torre de Marfim ; Teias de Luar ; etc.

AQUI E ALI

ANÔNIMO

Vento gelado dá beijos traiçoeiros
Na face contraída do mundo
Com lábios de cadáveres insepultos.
As folhas do arvoredor, tiritantes de frio,
Sussurram gemidos lassos...
Os insetos enrouqueceram...
Trino cavo de pássaro doente
Dissoa tristura pelo espaço...
A Natureza hiberna no frigorífico da terra.

Aqui, no homem sem corpo,
As algemas agrilhoantes do destino
Enroscam-se à mente sufocada.
Quanta aflição nas celas dos remorsos!
Coroa de espinhos
Dos atas que não foram feitos...
Galopeia o pensamento!

Ai, dos bastidores do silêncio,
Debulha a melodia mental
Galgando as montanhas de ar,
E fende as cinzas do céu...
Há revérberos de sorrisos
Chuviscando na amplidão!
Arco-íris em noite escura...
Primavera na invernia...

Chora perdão o Espírito amparado...
Gêiser de fé esfervilhando sensações,
Age a prece do bom
Entrando, em triunfo de amor,
Na Cidade dos Injustos...

ARMA ONIPOTENTE

TOBIAS BARRETO de Menezes *

Ei-la a estrugir na idéia!... Alçada com lisura,
Reflete os dons de Deus, ergue, educa e domina!...
Tesoura, corta os véus literais da Escritura!
Cinzel, grava os anais da Justiça Divina!

Aguilhão, tece o fio imortal da cultura!
Lança, retalha o corpo estranho da rotina!
Clava, reduz o grés do mal a cinza escura!

Pincel, tinge os painéis ridentes da bondade!
Chave, fende os portais ocultos da Verdade!
Palheta, fere em lira a paz serena!

Homem, caminha além! Pompéia, em verso e prosa,
O altívolo espadim da expressão luminosa
A brilhar-te nas mãos sob a forma de pena!...

(*) Chefe da chamada "Escola do Recife", o poeta sondoreiro de Dias e Noites deixou uma obra vasta e imponente. Para Exupero Monteiro, da Academia Sergipana de Letras "Tobias foi um poeta de grandezas e ternuras", salientando que "a dúvida religiosa foi uma das constantes da sua amargurada existência" (T. Barreto, pág. 30).

Cultura polimórfica e profunda, escreveu sobre Filosofia, Direito, Literatura, Música, "abrindo novos caminhos à vida espiritual do país", no dizer de Edgard Cavalheiro. Figura de destaque na Faculdade de Direito de Recife. Lente da Universidade Livre, de Francfort, em 1881.

Patrono da cadeira nº38, na Academia Brasileira de Letras, pertenceu, ainda, ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

Esforçado paladino da imprensa, colaborou em vários pródigos em Recife, tendo fundado e redigido muitos outros.

Orador ,crítico, polemista e perfeito conhecedor de meia dúzia de línguas, Armindo Guaraná considerou-o "o maior dos sergipanos pelo talento e pela erudição". (Campos, atual Tobias Barreto, Est. de Sergipe, 7 de junho de 1839 – Recife, Est. De Pernambuco, 26 de junho de 1889.)

BIBLIOGRAFIA: Dias e Noites; Estudos Alemães; Discursos;etc.

ASAS

Antônio Cunha Mendes

Terra, nada reténs que o verme não carcoma!...
Tudo nasce e caminha ante o poente aziago...
Toda pompa a luzir, qual furacão num lago,
– Túrbida agitação sobre a undiflava coma...

Na urna de Moisés vês longínqua redoma ;
No fausto de Alexandre, um painel triste e vago...
A cinza sepulcral dos salões de Cartago
Soterrou no silêncio os mármores de Roma...

Duas asas, porém, na rota em que fltuas,
Sustentam-te, no Espaço, impassíveis e cruas,
Nenhuma alteração que, leve, as entrecorte.

Libram com Deus e a Vida, em suprema conquista...
Tribos, povos, nações... Nada que lhes resista...
Uma – a clava do Tempo ; outra – a sega da Morte!

(*) Depois de ter publicado seus primeiros versos em alguns jornais de seu Estado natal, e aí pertencido à «Padaria Espiritual», CM transferiu-se para S. Paulo, onde concluiu o curso de Direito e dirigiu a Revista do Brasil, que apresentava colaboradores do gabarito de Emílio Kemp, Carvalho Aranha, Amadeu Amaral e outros. Escreveu em revistas simbolistas e em jornais da época, como O Paiz, do Rio, principalmente em versos. Exerceu a advocacia no Rio e, depois, em S. Paulo. Foi também romancista. (Maranguape, Ceará, 15 de Março de 1874 – S. Paulo, 2 de Junho de 1984).

BIBLIOGRAFIA: Lyriss, poemeto; Poesias; etc.

BONECA

NARCISA AMÁLIA de Campos*

Boneca!... Era uma vez a bonequinha humana,
Borboleta a voejar, sob véus de neblina,
Primavera de sonho e graça matutina,
Transfundidas na carne em rósea filigrana...

Bela e ardente, dançou, qual brejeira cigana,
Nos laços da ilusão que se adensa e esborcina ;
Mulher, envelheceu disfarçada em menina,
Alegre bibelô na ribalta mundana.

Nem renúncia no amor, nem lar de que se importe.
Mas, bailando febril, encontra, um dia, a morte,
Na dor que lhe crepeia o coração e a estrada...

A libélula cai sobre o charco profundo
E, no visco de lama, ouve apenas do mundo :
– “Boneca!... Era uma vez a boneca doirada!”

(*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas letras» – di-lo Antônio Simões dos Reis (Narcisa Amália, pág. 15) – «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fez questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (Poetas de Resende, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza musical dos versos». Redigiu o jornal resendense A Gazetinha, tendo co-laborado em outras folhas de Resende, bem como de Niterói, Rio e S. Paulo. «Foi a primeira mulher, entre nós,» – diz Edgard Cavalheiro (Pan. II, pág. 296) – «a erguer a voz em defesa de suas irmãs de sexo, numa tentativa feminista avançada para o meio acanhado e rotineiro de então.» Depois de residir em Resende, passou para o Rio de Janeiro, onde se consagrou ao magistério, até que veio a 'desencarnar, cega e parálitica, com setenta e dois anos de idade. (S. João da Barra, Estado do Rio, 3 de Abril de 1852 – Rio de Janeiro, GB, 24 de Junho de 1924.)

BIBLIOGRAFIA: Nebulosas, poesias.

CAIM

Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos *

Qual monstro hirsuto que se desenterra,
Aborto horrendo de sinistro abdômen,
Torna Caim, sem látegos que o domem,
Para a nova balística da guerra!

As medonhas mandíbulas descerra,
Indiferente às chagas que o carcomem,
E, bramindo, desperta na alma do homem
As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,
E, embora em pranto, envolve de amor puro
O lobo famulento da caverna.

(*) Bacharelando-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar "Ribeiro Junqueira", até à desencarnação. Cognominado o "Poeta da Morte" por Antônio Torres, emparelha-se com Antero Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA "o seu grande explorador", segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (In A Lit. no Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (Pan., V, pág.64) que "em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo". (Engenhos Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 - Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: Eu; Eu e Outras Poesias.

CANÇÃO DO TEMPO

Francisca Clotilde Barbosa Lima*

Ouve a esperança que te fala ao peito :

– “Hoje é o dia
De lavrar o coração
E plantar a alegria.”

No relógio da Terra, o tempo é curto...
Estende, agora, as mãos, enquanto é cedo.
Sê mais feliz, fazendo almas felizes,
Sem repouso e sem medo.

Assevera o minuto: “faze logo.”
Diz a vida : “não temas.”
À plena luta, a chave da bondade
É solução em todos os problemas.

Não mostres rosto triste.
Toda mágoa entorpece...
Conserva no semblante o riso que há no sol
E o louvor que há na prece.

Se podes trabalhar,
Reflete na semente
Que, lançada no solo,
É o pão de tanta gente!...

Procura no perdão a paz de novo,
Não te abandones à ilusão da ira.
Desculpa, de alma limpa, tantas vezes
Quantas vezes alguém te bata ou fira.

Não te prendas a dores de passagem,
Nem a posses terrenas...
Demoras-te no mundo
Por instantes apenas.
Todo mal que pratiques
É sombra a segregar-te em cativo;
Mas todo bem que faças
É amor vibrando no Universo inteiro...

Hoje é o dia de ajudar e abençoar, de entender e construir,
Segundo a fé que, em ti, refulge e arde.
Amanhã, outro dia talvez diga :

- "Não prossigas além, que é muito tarde..."

(*) Poetisa, contista e romancista, exerceu o magistério até os últimos dias de sua existência terrena, tendo sido a primeira mulher a lecionar na primeira Escola Normal do Estado do Ceará (Cf. Jangada, revista da Ala Feminina da casa de Juvenal Galeno, 1º trimestre de 1953, conferência de Maria Stella Barbosa de Araújo sobre Francisca Clotilde). Foi figura importante do "Clube Literário" do Ceará, em cujo órgão "A Quinzena" publicou vários sonetos «repassados de lirismo e cheios de beleza». Colaborou ainda em diversos periódicos cearenses, e fundou a revista mensal A Estrela, de larga e brilhante existência. Como jornalista, a sua pena era das mais inflamadas, especialmente quando se tratava das questões de caráter nacional. Raimundo Magalhães e Mário Linhares referiram-se elogiosamente à «distinta patrícia», que foi grande amiga da juventude, sobretudo das crianças. (S. João de Inhamuns, hoje Tauá, Ceará, 19 de Outubro de 1862 - Aracati, Ceará, 8 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Coleção de Contos; Noções de Aritmética; Fabiola; etc.

CANTA, CORAÇÃO

Francisca Clotilde Barbosa Lima*

"Quem espera sempre alcança",
Afirma velho rifão...
Coração, segue e confia,
Canta a vida, coração!

A Terra é escola de luta ;
A luta é a força de escol.
Todo sonho busca a frente,
Tudo espera, sob o Sol.

A semente espera a flor,
Que deitará no porvir
Anseia a flor pelo fruto,
O fruto espera servir.

A esperança é luz no tempo,
E o próprio tempo a conduz ;
Cada noite espera a aurora
A aurora espera mais luz.

Se hoje curtes, de alma aflita,
Provação, névoa,. pesar,
Amanhã é novo dia,
Não te canses de esperar.

"Quem espera sempre alcança",
Afirma velho rifão...
Coração, segue e confia,
Canta a vida, coração!

(*) Poetisa, contista e romancista, exerceu o magistério até os últimos dias de sua existência terrena, tendo sido a primeira mulher a lecionar na

primeira Escola Normal do Estado do Ceará (Cf. Jangada, revista da Ala Feminina da casa de Juvenal Galeno, 1º trimestre de 1953, conferência de

de Maria Stella Barbosa de Araújo sobre Francisca Clotilde). Foi figura importante do "Clube Literário" do Ceará, em cujo órgão "A Quinzena" publicou vários sonetos «repassados de lirismo e cheios de beleza». Colaborou ainda em diversos periódicos cearenses, e fundou a revista mensal A Estrela, de larga e brilhante existência. Como jornalista, a sua pena era das mais inflamadas, especialmente quando se tratava das questões de caráter nacional. Raimundo Magalhães e Mário Linhares referiram-se elogiosamente à «distinta patrícia», que foi grande amiga da juventude, sobretudo das crianças. (S. João de Inhamuns, hoje Tauá, Ceará, 19 de Outubro de 1862 – Aracati, Ceará, 8 de Dezembro de 1935.)

CÂNTICO FRATERNAL

João de Deus Ramos*

Canta, irmão, canta o carinho!
Canta o rio em todo canto
Fazendo o próprio caminho
Belo e santo.

Dura o bem, dura a alegria,
Dura o amor e a paz perdura.
Somente o mal desce à via
Da loucura.

Vibra, irmão, vibra em Jesus!
Vibra o Sol, em raios vibra,
E o dossel de sua luz
Equilibra.

Chora a vida rumo à frente.
A evolução chora, chora,
Pois o pranto é lava ardente
Que aprimora.

Sente, irmão, sente o perfume,
A brisa chegando à porta;
Seu passo que aviva o lume
Reconforta.

– Onde há paz? Onde há bondade?
Onde há amor e há riso aonde?
Onde?! Em ti ! És a verdade
Que se esconde...

(*) De origem humilde, João de Deus bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1859 exercendo brilhantemente o jornalismo e o magistério, sendo considerado um verdadeiro apóstolo da instrução "É um lírico inimitável" dele diz Mendes dos Remédios (História Lit.Port. Pág.586) –" é o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguém teve a arte de dizer coisas mais belas em frases tão simples. » (S. Bartolomeu de Messines, Algarves, Portugal, 8 de Março de 1830 – Lisboa, 11 de Janeiro de 1896).

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: Flores do Campo; Ramo de Flores; Folhas Soltas; Cartilha Maternal, etc. ; b) do poeta desencarnado
Jardim da Infância, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

CARMA

Antonio Félix de Bulhões Jardim *

...E estou preso à memória – horrendo pelourinho...
É o passado a bramar... Emoções e lugares...
Ódio, aflição, amor,..Insano torvelinho...
Casam-se riso e pranto em sonhos e avatares.

O tempo – velho tempo – , o lúgubre adivinho,
Revolve-me no ser as ânsias e os pesares...
Acusa-me feroz e fere-me, escarninho,
Atando-me aos grilhões de angústias invulgares.

Se guardo além da morte a máscara serena,
Trago no coração a dor que me condena,
Ante a sombra que fui, tangendo a vida a esmo.

A consciência exuma as transgressões remotas
E o clarim do dever repete em largas notas:
– Ninguém foge do mal que plantou por si mesmo.

(*) Tendo concluído, com 20 anos, o curso de Direito na Faculdade do Estado de São Paulo, Félix de Bulhões ocupou diversos cargos na magistratura goiana, chegando a desembargador. Poeta, jornalista e político, fundou várias publicações, dentre outras, Goiaz, Província de Goiaz e Tribuna Livre , onde expunha as idéias de liberal e autêntico antiescravagista. "Muitas vezes" – di-lo o Dr. Jerônimo de Moraes,

Discurso..., pág. 7 – "os seus períodos eram cortantes como o bisturi dos cirurgiões, quando esvurmava as chagas sociais, ou se convertiam em látigos cruéis com que fustigava os adversários desleais.." (Goiás, 28 de Agosto de 1845 – Goiás, est. Do Goiás, 29 de Março de 1887.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias

CARMA I

Lafayette Melo *

Há no vasto castelo, estilo Renascença,
Desenhos e painéis de perfeição sem nugas.
Milhões de almas, aí tomadas de ânsia imensa,
Estudam crânios, pés, braços, mãos e verrugas...

Buscando provação, dor, angústia e doença,
Desenham-se croquis de mil prisões sem fugas...
E falam do valor da matéria mais densa,
Seja na carne flórea ou num manto de rugas.

Tudo é justiça e amor, em feliz casamento;
No Palácio da Luz brilha o renascimento,
Enaltecendo a Lei, em Divino Objetivo.

E o carma aperfeiçoa os derradeiros planos
De todo viajar dos carreiros humanos
Ao renascer no corpo, o templo excelso e vivo!

(*) Filho de Desidério de Melo e de D. Clarinda de Melo, LM, além de poeta, foi professor, poliglota e jornalista. Um dos fundadores e diretores de O Garoto, em sua terra natal. Órfão de pai desde cedo, foi um autodidata. Desde que se tornou espírita, passou a ser devotado colaborador de A Flama (hoje, A Flama Espírita), semanário espírita uberabense, com sonetos bem trabalhados, de conteúdo doutrinário. (Uberaba, Minas, 21 de Outubro de 1892 – Patrocínio, Minas, 15 de Agosto de 1953.)

CONFIDÊNCIA DE MÃE

Andradina América de Andrada E Oliveira*

Dei-te um berço de rendas e de flores,
Adorei-te por nume excelso e amigo
E inclinei-te, meu filho, a ser comigo
Soberano de sonhos tentadores.

Ordenava, no orgulho que maldigo :
– “Não te curves nem sirvas, onde fores...”
Entreguei-te mentiras por louvores
E enganosa fortuna por abrigo.

Hoje, de alma surpresa, torno a casa ;
Tremo ao ver-te no luxo que te arrasa,
Como quem dorme em trágico veneno!

E choro, filho meu, choro vencida,
Por guardar-te entre os grandes toda a vida,
Sem jamais ensinar-te a ser pequeno.

(*) Poetisa, contista, romancista, iniciou sua vida literária, quase menina, conforme afirma sua filha Lola de Oliveira em *Minha Mãe!*, escrevendo em inúmeros periódicos sul-riograndenses. Foi também teatróloga e aplaudida conferencista. Professora pela Escola Normal de Porto Alegre, com distinção em todas as matérias, a poetisa de *Folhas Mortas* lecionou em cursos particulares, em várias cidades gaúchas, depois de nove anos dedicados ao magistério público. Fundou um jornal literário feminino, *O Escrínio*, mais tarde transformado em revista ilustrada, e formou, segundo Antônio Carlos Machado, entre as maiores feministas brasileiras de sua época. De 1920 até à sua desencarnação, residiu na capital paulista. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de Junho de 1878 – S. Paulo, 19 de Junho de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: *Folhas Mortas*; *Preludiando, contos*; *Cruz de Pérolas, contos* ; etc.

CONFISSÃO

Lulu Parola (Aloísio Lopes Pereira de Carvalho) *

Quando a cela de carne vira pó,
A gente volta vivo para cá,
Lembrando com saudade de dar dó
Essa bóia daí que aqui não há...

Moqueca, caruru, mãe-benta, efó,
Quibebe, canjiquinha, munguzá,
Sequilhos, abará, manuê, bobó,
Tutu, acarajé e vatapá...

Vivo morto de fome por aqui!
Para que eu não embirre igual guri,
É preciso ter muita e muita fé...

Puxa, meu pessoal! Que sururu!
Ouçam meu coração que fala nu :
Cuidado, pois o garfo dá banzé!

(*) Devotado jornalista, e poeta de humor fino e original. Manteve, de 1891 a 1919, uma seção diária de versos humorísticos no Jornal de Notícias, de Salvador, intitulada «Cantando e Rindo», assinando-a Lulu Parola, pseudônimo literário com que se popularizou. Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira n. 2. Deputado estadual. Redator de A Tarde, de 1925 até o dia de sua desencarnação. Florêncio Santos, no seu artigo – Reminiscências da «A Tarde» – estampado no Jornal do Commercio de 28 de Outubro de 1962, assim se referiu a ele : «Homem bom e amigo leal, era Aloísio um chefe de família exemplar. Desprovido de bens materiais, foi um nababo da inteligência e do idealismo.» (Salvador, Bahia, 27 de Março de 1966 – Salvador, 2 de Fevereiro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: Cantando e Rindo, 14 Série; Cantando e Rindo, 2' Série ;
etc.

CONTO DO NATAL

Francisca Clotilde Barbosa Lima*

A noite é quase gelada.
Contudo, Mariazinha
É a menina de outras noites
Que treme, tosse e caminha...

Guizos longe, guizos perto...
É Natal de paz e amor.
Há muitas vezes cantando :
– “Louvado seja o Senhor!”

A rua parece nova
Qual jardim que floresceu.
Cada vitrina enfeitada
Repete: “Jesus nasceu!”

Descalça, vestido roto.
Mariazinha lá vai...
Sozinha, sem mãe que a beije,
Menina triste sem pai.

Aqui e ali, pede um pão...
Está faminta e doente.
“Vadia, saia depressa!”
– É o grito de muita gente.

– “Menina ladra!” – outros dizem.
– “Fuja daqui, pata feia!”
Toda criança perdida
Deve dormir na cadeia.”

Mariazinha tem fome
E chora, sentindo em torno
O vento que traz o aroma
Do pão aquecido ao forno.

Abatida, fatigada,
Depois de percurso enorme,
Estira-se na calçada...
Tenta o sono, mas não dorme.

Nisso, um moço calmo e belo
Surge e fala, doce e brando :

– Mariazinha, você
Está dormindo ou pensando?

A pequenina responde,
Erguendo os bracinhos nus :
– Hoje é noite de Natal,
Estou pensando em Jesus.

– Não lhe lembra mais alguém?
Ela, em lágrimas, disse :
– Eu Penso também, com saudade,
Em minha mãe que morreu...

– Se Jesus aparecesse,
Que é que você queria?
– Queria que ele me desse
Um bolo da padaria...

Depois de comer, então
– E a pobre sorriu contente –
Queria um par de sapatos
E uma blusa grande e quente.

Depois... queria uma casa,
Assim como todos têm...
Depois de tudo... eu queria
Uma boneca também...

– Pois saiba, Mariazinha,
Eu lhe digo que assim seja!
Você hoje terá tudo
Aquilo que mais deseja.

– Mas, o senhor quem é mesmo!
E ele afirma, olhos em luz :
– Sou seu amigo de sempre,
Minha filha, eu sou Jesus!...

Mariazinha, encantada,
Tonta de imensa alegria,
Pôs a cabeça cansada
Nos braços que ele estendia...

E dormiu, vendo-se outra,
Em santo deslumbramento,
Aconchegada a Jesus,

Na glória do firmamento.

No outro dia, muito cedo,
Quando o lojista abre a porta,
Um corpo caiu, de leve...
A menina estava morta.

(*) Poetisa, contista e romancista, exerceu o magistério até os últimos dias de sua existência terrena, tendo sido a primeira mulher a lecionar na primeira Escola Normal do Estado do Ceará (Cf. Jangada, revista da Ala Feminina da casa de Juvenal Galeno, 1º trimestre de 1953, conferência de Maria Stella Barbosa de Araújo sobre Francisca Clotilde). Foi figura importante do "Clube Literário" do Ceará, em cujo órgão "A Quinzena" publicou vários sonetos «repassados de lirismo e cheios de beleza». Colaborou ainda em diversos periódicos cearenses, e fundou a revista mensal A Estrela, de larga e brilhante existência. Como jornalista, a sua pena era das mais inflamadas, especialmente quando se tratava das questões de caráter nacional. Raimundo Magalhães e Mário Linhares referiram-se elogiosamente à «distinta patrícia», que foi grande amiga da juventude, sobretudo das crianças. (S. João de Inhamuns, hoje Tauá, Ceará, 19 de Outubro de 1862 – Aracati, Ceará, 8 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Coleção de Contos; Noções de Aritmética; Fabiola; etc.

CONVERSÃO

Durval Borges de Morais*

Poderoso tirano o punho férreo brande
E grita: – “Abaixo a fé!” – sob as fúrias da ira.
– “Se Deus acaso existe, o coração me fira
Ou falanges do mal às torrentes me mande!”

Agarrado à riqueza o orgulho se lhe expande,
E’ verdugo e senhor, rouba, insulta e delira
Repetindo o refrão: – “Deus é a eterna mentira!” –
Em desafio aos céus para ostentar-se grande.

Certo dia adocece... Em mágoa indefinida
Rende-se, humilde, à crença e roga a Deus mais vida;
Transfigura o solar em si lente cenóbio!

Para estender-lhe amor, complacência e doçura,
Não dispusera Deus dos arcanjos da Altura,
Simplesmente bastara o poder de um micróbio...

(*) Príncipe dos Poetas Bahianos», Durval de Morais era membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, e delegado desta na Federação das Academias de Letras do Rio de Janeiro. Membro igualmente da Academia Carioca de Letras. Diplomou-se em Química e Farmácia. Colaborou ativamente nas revistas simbolistas Nova Cruzada e Os Anais, ambas de Salvador. É considerado um dos maiores poetas religiosos do Brasil. Para Jackson de Figueiredo, DM «era, sobretudo, um poeta que se deixava enleiar no labirinto de obscuras filosofias». (Maragogipe, Bahia, 20 de Novembro de 1882 – Rio de Janeiro, GB. 5 de Dezembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA. : Sombra Fecunda ; Rosas do Silêncio ; O Poema de Anchieta; Conquistador do Infinito; etc.

CULPA E RESGATE

Antônio Valentim da Costa Magalhães*

-Senhora, compaixão! – a moça triste implora.
- Não merece perdão a mulher que se aluga!...
Acabarei contigo, infame sanguessuga!... –
Grita no espancamento a impassível senhora.

A vítima doente anseia, tomba e chora,
Tremendo, a soluçar, sob o pé que a subjuga...
Rompe-se um grande vaso... E o sangue rola em fuga.
A morte arranja o fim... Tudo é silêncio agora...

A ré que ninguém viu, como se nada houvera,
Continua a viver qual flor na primavera,
Mas a Lei vigilante assinala-lhe a trilha.

E antes que a dama nobre em remorsos se adentre,
A alma da moça triste acolhe-se-lhe ao ventre
E ela estende-lhe o seio, enlaçando-a por filha...

(*) Romancista, poeta, crítico literário, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante anos no Ri de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do celebre jornal literário – A Semana – e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de Rimário exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos (Pan., III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, GB, 16 de Janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, GB, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: Cantos e lutas; Rimário; Quadros e Contos; Horas Alegres; etc.

DESCULPA

Irene Ferreira de Souza Pinto*

Escuta serenamente
Quem te repele ou censura.
Há muito fel de amargura,
Em forma de maldição.
Às vezes quem te maltrata
Arrasta apenas consigo
Sede, fome e desabrigo
Por brasas no coração.

Quem te injuria e escarnece,
Na frase agressiva, azeda,
Em si sofre a labareda
Que verte do próprio mal.
Toda cólera é doença.
Aquele que se enraivece
Solicita o pão e a prece
Do socorro fraternal.

Muita gente cai nas trevas,
Por não achar, no caminho,
Brandura, silêncio e ninho,
No peito amigo de alguém.
Inda que ofensas te cubram
E lâminas te retalhem,
Que as tuas forças não falhem
Na força que espalha o bem.

Desculpa, constantemente,
O golpe, a pedrada, o insulto,
Apesar do pranto oculto,
Amargo, desolador!

- Quem tolera e quem perdoa,
Embora de alma ferida,
Encontra, na própria vida,
O reino do Eterno Amor.

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de moura (cole. Poetas Paul, pág.97):" Começou seus estudos no Colégio Florense, de Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do Correio Paulistano." Contista, escreveu na Feira Literária, e em 1921 estreava como romancista, publicando Rosa Maria. No Cemitério da consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o

belíssimo soneto “Último desejo”, de autoria dela. (amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 – Rio de Janeiro, GB, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

DESENCARNAÇÃO

Álvaro Sá de castro Menezes*

Dorme a ninfa obscura em desvão da floresta...
Tênuê réstia solar dissolve a névoa fina.
Agita-se o casulo. A múmia pequenina
E' féretro mirim que, súbito, se enfresta.

A borboleta em luz, como alguém que protesta
Contra o sono letal sob a folha mofina,
Desdobra as asas de ouro e, leve bailarina,
Sobe às grimpas do azul em delírio de festa...

A morte é assim também... No corpo inerte, langue,
Silêncio e rigidez trabalham de partilha,
Tentando nova forma a que a vida se engrade!...

Mas do estojo larval, sem o lume do sangue,
A alma ressurge e voa, ascende, canta e brilha,
Ave do Grande Além, galgando a imensidade...

(*) Castro Menezes, que foi «conteur» e cronista, além de poeta precoce e advogado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais d Rio de Janeiro, esteve algum tempo no Pará, onde foi professor e jornalista, tendo também exercido a magistratura em seu Estado natal. Um dos fundadores da revista Rosa-Cruz, um dos mais importantes órgãos do movimento simbolista carioca. Redator, no Rio de Janeiro, de A Tribuna, de O Imparcial e do Jornal do Commercio. Pertenceu à Academia Fluminense de Letras. (Niterói, Estado do Rio, 3 de Junho de 1883 – Rio de Janeiro, GB, 7 de Março de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: Mitos; Poesias; Estrada de Damasco; etc.

DESERTOR

Galba de Paiva*

Silêncio... Inércia... Morte, O fim de tudo...
Era o estranho ideal que acalentara
Quando vivi qual cego, surdo, mudo,
Ou sonâmbulo em crise longa e rara.

Covarde e tresloucado, em transe agudo,
De súbito fugi à vida amara
E marchei, constrangido, para o estudo
Do enigma que, em vão, me acabrunhara.

Mas não morri... Morreu-me o vaso impuro...
E, distante da carne transitória,
Colho o passado e planto o meu futuro.

Nem mistério, nem cinza à nossa frente...
Apenas o homem louco de vanglória
Procurando enganar-se inútilmente.

(*) Poeta distinto, jornalista, conferencista e crítico literário. Depois de cursar o Liceu Alagoano, de Maceió, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido o orador da turma de 1915. Exerceu várias funções públicas na administração e na magistratura do Rio Grande do Sul. Colaborou em diversos jornais e revistas, dentre outros o Diário do Interior, de Santa Maria, Última Hora, de Porto Alegre, Fon-Fon! e Leitura Para Todos, do Rio de Janeiro. Na revista carioca A Semana foi crítico literário ao tempo de Adelino Magalhães. De 1930 até à sua desencarnação, viveu no Rio de Janeiro, advogando no foro. (Uruguiana, Rio Grande do Sul, 26 de Setembro de 1893 – Rio de Janeiro, GB, 1 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA : Folhas, versos; Hora Azul, conferência; Elogio das Cores, idem ; etc.

DESOBSESSÃO

Alfredo José dos Santos Nora *

Vertendo suor em baga
No médium que o entretém,
Ei-lo que chega do além,
O Espírito em sombra e chaga.

Desfaz-se em revolta e praga,
Condena, fere, porém
Escuta o verbo de alguém,
Que ajuda, enternece e afaga.

Na palavra que renova,
O fogo revel da prova
Agora é bálsamo de luz.

E o pobre, ante a paz bem-vinda,
Embora chorando ainda,
Bendiz o amor de Jesus.

(*) Após estudar Engenharia até o 4º ano do curso, Alfredo Nora abraçou a carreira de funcionário da Central do Brasil. Poeta e jornalista brilhante, colaborou em várias revistas e jornais. "Conquanto fosse um poeta essencialmente lírico", – escreveu seu amigo Jorge Azevedo (Estado de Minas de 24/9/61) – possuía, sempre afiado, o estilete da sátira. E, nos seus momentos de euforia espiritual, gostava de perfilar a família em versos leves e humorísticos. E gostava, também, e muito de escrever a amigos cartas em versos. (Município de Piraí , estado do Rio, 18/11/1881) – Desencarnou em 13/11/1948.)

DEUS

Dario Persiano de Castro Venoso*

Passa no oceano azul a resplendente frota,
Brilham flâmeos pendões, de fragata em fragata...
Relampeia o esplendor... É a luz que se desata
Do coração da vida em clâmide remota.

Vejo a ronda dos sóis por divina cascata,
Da Terra a que me prendo, – humilhada galeota.
Cada estrela é canção, que a beleza pilota,
Nos tênues brocatéis de púrpura e de prata.

Ah! estranho Universo!... Ah! glória que me esmagas!...
Constelações, digam!... Quem vos fez como vagas
De pétalas, bailando aos sublimes falemos?

Uma sílaba só freme, de mundo em mundo :
Deus!... – o doce mistério altívolo e profundo!...
Deus!... – o infinito Amor dos caminhos eternos!...

(*) Poeta, orador, romancista, contista, historiador, jornalista. Fez o curso primário no Liceu de S. Cristóvão, do Rio, e em 1885 fixou residência na capital do Paraná, onde exerceu vários cargos públicos. Professor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, DV angariou grande prestígio como verdadeiro «mestre da mocidade». Altamente espiritualista, foi um apaixonado prosélito das doutrinas ocultistas e herméticas. Helenófilo, chegou a criar em Curitiba um Instituto Neopitagórico, para cuja sede construiu o famoso «Templo das Musas». Fundou várias revistas simbolistas, dentre as quais se destacou O Cenáculo. Sua produção é vasta em todos os gêneros. Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná e criou a cadeira nº9 da Academia Paranaense de Letras. (S. Cristóvão, Rio de Janeiro, GB, 26 de Novembro de 1869 – Curitiba, Paraná, 28 de Setembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: Efêmeras; Hélicon; Cinerário; Esotéricas; etc.

DEUS TE ABENÇOE

Irene Ferreira de Souza Pinto*

Deus te abençoe o gesto de carinho,
Alma da caridade, branda e pura,
Pela migalha de ventura
Aos tristes do caminho.

Deus te abençoe a refeição sem nome
Que trazes, cada dia,
Aos cansados viajores da agonia
Que esmorecem de fome.

Deus te abençoe a roupa restaurada
Com que vestes, contente,
A penosa nudez de tanta gente
Que vagueia na estrada!...

Deus te abençoe a bolsa de esperança
Que abres, a sós, sem que ninguém te espreite,
Para a gota de leite
Destinada à criança...

Deus te abençoe o pano do lençol
Com que envolves, em doce cobertura,
Os enfermos que choram de amargura,
À distância do sol.

Deus te abençoe, por onde fores,
E te conserve as luzes
Em que extingues, removes ou reduces
Os problemas, as lágrimas e as dores!

Deus te abençoe a fala humilde e santa,
Com que aplacas a ira
Da calúnia, do escárnio, da mentira,
Na frase que perdoa e que levanta.

Caridade, que o teu nome ressoe,
Pleno de amor profundo,
E por tudo o que fazes neste mundo,
Deus te guarde e abençoe!...

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de moura (cole. Poetas Paul, pág.97):" Começou seus estudos no Colégio Florense, de

Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do Correio Paulistano." Contista, escreveu na Feira Literária, e em 1921 estreava como romancista, publicando Rosa Maria. No Cemitério da consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o belíssimo soneto "Último desejo", de autoria dela. (amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 – Rio de Janeiro, GB, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

DIANTE DA VIDA

A. BRANCO *

Encarcerado, enfim, nas grades da memória,
Tudo tresanda em mim o sinistro bafio
Da torva escuridão a que me sentencio,
Na câmara de fel da sombra merencória.

Mocidade, ilusão, tudo é lodo e vanglória
Esbarrando na morte – horrendo desafio! –

Para a descida ao caos ignoto, imenso, frio,
E ser lama pensante, escória sob a escória.

O' minha alma infeliz, porque assim te sublevas?
Corvo triste da mágoa a crocitar nas trevas,
Volve em prece a dormir na paz inerme do ovo!

Sepulta, coração, no tremedal medonho,
A aflição derradeira e o derradeiro sonho
Para tudo esquecer e começar de novo!

(*) Não se identificando por óbvias razões, ensina-nos o poeta que, após a desencarnação, se carregamos frustrações e culpas, debalde procuraremos fugir às «grades da memória». Só a reencarnação, com efeito, representa a terapêutica ideal, quando teremos de «começar tudo de novo».

DOCE PARALÍTICA

Antônio Valentim da Costa Magalhães (*)

(Preito de amor à irmã aprisionada no leito há trinta anos...)

Revejo-te a brilhar no fausto de outras eras...
No tronco de cetim, sob o dossel de opalas,
Gravas horrendas leis, e o povo, ao proclamá-las,
Deita pranto e suor nas provações severas...

Ninfa adulada e loura, em róseas primaveras,
Fragrâncias orientais suavíssimas trescalas,
E contraste, irrisão! Quando surges e falas,
Epopéias de dor em fúria transverberas...

Depois de longo tempo, augusta soberana,
Encontrei-te a chorar... Tristonha ruína humana,
Enferma e sem ninguém que te incense ou idolatre!

Mas reencarnada, assim, desditosa e esquecida,
Lavaste o coração, purificaste a vida
E fulgas qual estrela entre as sombras do catre!

(*) Romancista, poeta, crítico literário, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante anos no Ri de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do célebre jornal literário – A Semana – e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de Rimário exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos (Pan., III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, GB, 16 de Janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, GB, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: Cantos e lutas; Rimário; Quadros e Contos; Horas Alegres; etc.

DON GIL MENDONÇA

José Júlio da Silva Ramos*

Do castelo feudal que o vento forte enrija,
Brame Dom Gil Mendonça, em subida almenara :
– “Agasalho a ninguém!...” – Ressoa a voz preclara,
De florão a florão, de cornija a cornija.

Sempre à noite, há quem chore e beije a pedra rija.
– “E’ a neve!... Abra Dom Gil!...” – Cada rogo dispara
E assopra anseio e dor nos braços de Carrara,
Sem que o dono feroz se comova ou transija.

Certo dia, no entanto, ouvem-se augúrios de algo...
Surge uma sombra leve e procura o fidalgo
Que, em vão, se estorce e ruge à porta que não cerra.

– “Que bandido me assalta?” – exclama, braço em riste,
Mas o vulto era a morte, e a morte, calma e triste,
Acomoda Dom Gil numa fossa de terra.

(*) Emérito professor de Português do Colégio Pedro II, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº. 37, prosador primoroso e poeta lírico de profunda inspiração, Silva Ramos fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Filólogo dos mais eminentes, soube influenciar espíritos de escol quais Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Sousa da Silveira. Colaborou em diversas publicações, como A Semana, Revista da Academia Brasileira de Letras, Renascença, etc. «A magnanimidade de Silva Ramos» – disse Alcântara Machado – «é atestada não por este ou aquele capítulo, mas por todas as páginas da sua existência.» (Recife, Pernambuco, 6 de Março de 1853 – Rio de Janeiro, GB, 16 de Dezembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: Adejos; Pela Vida Fora; A Reforma Ortográfica; Centenário de João de Deus, conferência ; etc.

DUAS VIDAS

Antônio Valentim da Costa Magalhães (*)

- "Uma esmola, senhor, que me alivie os males!..."

E o marajá responde humilhando o mendigo:

- "Um paria é maldição na viagem que eu sigo!

Afaste-te, infeliz! Não me fites, nem fales!..."

Ao Sonido marcial de clarins e timbales,

A caravana parte, em busca de outro abrigo...

E o grande hindu, lembrando um rei vaidoso e antigo,

Fulge no palanquim por montanhas e vales!

Mas o príncipe morre... E o Tribunal Divino

Impõe-lhe vida nova... E' um paria sem destino,

Que traz agora a dor qual fogo atado ao lenho...

E no mesmo lugar que ele, mísero, empresta,

Implora a um marajá que se retira em festa:

- "Uma esmola, senhor, para as chagas que eu tenho!..."

(*) Romancista, poeta, crítico literário, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante anos no Ri de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do célebre jornal literário – A Semana – e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de Rimário exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos (Pan., III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, GB, 16 de Janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, GB, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: Cantos e lutas; Rimário; Quadros e Contos; Horas Alegres; etc.

ENTENDE A JESUS

Adelaide Augusta Câmara (AURA CELESTE)

Escuta a voz do amor por onde fores,
Guarda contigo as láureas da ventura,
E esparze por mil gestos redentores
A luz da paz à senda mais obscura,

Contempla a Vida em bênçãos multicores
No roteiro da anônima criatura,
A flor, o orvalho, a brisa e os resplendores
Do céu azul na fonte d'água pura...

Descobre em tudo as dádivas celestes
Sustendo docemente os passos, prestes
A cair nas abismos da jornada.

Fala, sorri, estuda, canta e ora,
Mas entende a Jesus que espera e chora
No triste olhar da infância abandonada!

(*) Poetisa, conferencista, contista e educadora, deixou belas páginas lítero-doutrinárias, em prosa e verso, inscrevendo-as geralmente com o pseudônimo de Aura Celeste. Levada ao Espiritismo pelo Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, trabalhou em diversas instituições espíritas do Rio de Janeiro, a elas dedicando o melhor de suas energias. Fundadora e diretora do Asilo Espírita «João Evangelista», lar para crianças desprotegidas, onde realizou a tarefa máxima de educadora competente e Extremosa. Entre as várias faculdades mediúnicas de que era dotada, sobressaíram a receitista e a psicofônica. Prefaciando-lhe o livro Vozes d'Alma, Leal de Souza chamou-lhe «a grande Musa moderna, a Musa espiritualista». (Natal, Rio Grande do Norte, 11 de Janeiro de 1874 – leio de Janeiro, GB, 24 de Outubro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA : Vozes d'Alma, versos ; Sentimentais, versos ; Aspectos da Alma, contos; Palavras Espíritas, palestras; etc.

Obras de sua mediunidade: Orvalhos do Céu; Do Além; etc.

ESCUA, CORAÇÃO

Mario Veloso Paranhos Pederneiras*

Cansado coração, pélago afora,
No peito infortunado, errante e aflito,
Sofre na carne o estranho sambenito
Das rudes provações de cada hora.

Ninguém perceba a mágoa do teu grito ;
Persevera no amor, sangrando embora...
Além, no Grande Além, a Eterna Aurora
É o porto de teus sonhos no Infinito.

Escala os topos ásperos da trilha,
Agradecendo o golpe que te humilha,
Onde vibres, tremendo de ansiedade.

Ama e perdoa, coração, que, um dia,
Volitarás chorando de alegria
Na divina ascensão à Imensidade...

(*) Depois de fazer os estudos secundários no Colégio Pedro II, não logrou o penumbrista do Simbolismo concluir o seu curso de Direito, centralizando toda a atenção no cultivo das letras, passando então a fundar e dirigir revistas quais Rio-Revista, Galáxia, Mercúrio e fonfom!. O seu prestígio ficou evidenciado no primeiro concurso para a escolha do príncipe dos poetas brasileiros : MP classificou-se em terceiro lugar, logo abaixo de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Assinala Alceu Amoroso Lima (in Lit. no Brasil, III, pág. 404) que a poesia de MP «é marcada por um profundo sentimento de espiritualidade, especialmente doméstica». (Rio de Janeiro, GB, 2 de Novembro de 1867 – Rio de Janeiro, GB, 8 de Fevereiro de 1915.)

BIBLIOGRAFIA: Agonia; Rondas Noturnas; Histórias do Meu Casal; Ao Léo e à Mercê da Vida; etc.

ESPERA, ESPERA

Lívio Barreto

Sorve a taça de pranto a descoberto,
Minha doce rainha desterrada;
Se a neblina da noite ensombra a estrada,
A luz da aurora fulgura vem perto...

Choras de olhar cansado no deserto,
Choro fitando a abóbada estrelada,
Sofres, alma querida, reencarnada,
Meus anseias de espírito liberto...

Clamas por fé... Minhalma te responde...
Ouves a minha voz não sabes de onde,
- Clarão de amor na névoa fugidia!...

Vence a grande aflição... A primavera
Chegará vitoriosa... Espera, espera...
Esperar é o meu pão de cada dia.

(*) De origem humilde, caixeiro e, mais tarde, modesto guarda-livros, Lívio Barreto foi um artista emérito do verso. Era, segundo Mario Linhares, "o de mais viva originalidade" do grupo da "Padaria Espiritual", famosa entidade literária de Fortaleza, da qual foi ele, LB, um dos fundadores, tomando o pseudônimo acadêmico de Lucas Bizarro. Artur Teófilo (in O Pão, órgão da Padaria Espiritual, 15 de Outubro de 1895) informa que LB teve na vida uma paixão que o acompanhou, mais e mais insistente, até à morte. E acrescenta: "Toda a obra literária de Lívio Barreto não é mais que o diário escrito dessa infeliz paixão, que tão implacavelmente o torturou, impressionando-o muito, roubando-lhe a energia...". No Libertador, de Fortaleza, estampou "formosíssimos versos de uma suave melancolia a que decerto não era estranha essa por quem, longe da Pátria, ele ansiava ardentemente" (idem, ibidem). Era funcionário da "Companhia Maranhense de Navegação a vapor" quando, moço ainda, desencarnou fulminado por uma congestão cerebral. É patrono, na Academia Cearense de Letras. (Distrito de Ibuçu, Município de Granja, Ceará, 18 de Fevereiro de 1870 – Camocim, Ceará, 29 de Setembro de 1895.)

BIBLIOGRAFIA: Dolentes.

ESPÍRITA !

Lafayette Melo *

Atende à dor maior a bramir quando passas:
Homens na idade anciã gemendo em noite fria...
Infratores da Lei sob as trevas madraças...
Pais a implorar trabalho e pão de cada dia...

Jovens no imenso caos de aventuras devassas...
Anônimos abrindo o corpo à Anatomia...
Mil pedintes sem rumo a esmolar pelas praças...
Mulheres onde o crime, em sombra, assalta e espia...

Petizes a esperar quem os peça primeiro...
Enfermos sem socorro, ao léu da prova escura...
E mães cata-papéis junto ao lixo-celeiro...

A Religião da Luz não se isola no Templo ;
Qual pábulo de amor para toda criatura,
A grandeza da Fé fulge e cresce no exemplo!...

(*) Filho de Desidério de Melo e de D. Clarinda de Melo, LM, além de poeta, foi professor, poliglota e jornalista. Um dos fundadores e diretores de O Garoto, em sua terra natal. Órfão de pai desde cedo, foi um autodidata. Desde que se tornou espírita, passou a ser devotado colaborador de A Flama (hoje, A Flama Espírita), semanário espírita uberabense, com sonetos bem trabalhados, de conteúdo doutrinário. (Uberaba, Minas, 21 de Outubro de 1892 – Patrocínio, Minas, 15 de Agosto de 1953.)

ESPLENDORES

Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior*

Além, a luz do espaço se esfacela
Em explosões de sons e cores raras,
Tecendo o amor e a glória nas searas
Da vida universal sublime, bela...

Brilham, depois do azul que o céu revela,
Astros em bando, iguais longas aparas
De altas constelações, em formas claras:
Sóis pendendo de vasta passarela...

O homem fita espantado as nebulosas
Bailando em formações maravilhosas,
E vê-se um verme à frente do Destino...

Ante o excelso esplendor finda-se o engano...
Como se faz pequeno o orgulho humano!
Como se torna imenso o Amor Divino!

(*) Poeta., romancista, historiador, jornalista, dramaturgo e orador consumado. Doutorou-se Afonso Celso na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1881. Professor e diretor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Reitor da Universidade do Brasil. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº. 36. Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa. Colaborou em muitos jornais e revistas de S. Paulo e do Rio, principalmente no Jornal do Brasil desta última cidade. Veio a ser presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Possuía numerosos títulos honoríficos. Foi um dos primeiros esperantistas no Brasil. A sua musa era natural e espontânea, clara e simples. Rodrigo Octávio Filho, à beira do túmulo do grande brasileiro, afirmou : «Afonso Celso foi poeta, e emocionou. Foi mestre, e ensinou. Foi patriota, e pregou. » (Apud Homenagem à memória do Conde Affonso Celso, pág. 35.) (Ouro Preto, Minas Gerais, 31 de Março de 1860 – Rio de Janeiro, GB, 11 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: Prelúdios; Devaneios; Telas Sonantes; etc.

ESSE PEQUENO ...

Irene Ferreira de Souza Pinto*

Esse pequeno sozinho,
À noite, no pó da estrada,
De roupa suja e rasgada,
Que passa pedindo pão,
É um anjo pobre a caminho,
Sob inocente amargura...
Pássaro triste à procura
De ninho e consolação.

Criança desconhecida...
Dormirá? Quem sabe onde?...
É órfão?... Ninguém responde.
Aceita o que se lhe dê.
Quantas mágoas tem na vida,
Quanta miséria a consome,
Quanto anseio, quanta fome,
Ninguém sabe, ninguém vê...

Nunca lhe atires ao lado
Qualquer palavra ferina...
Socorre, ampara, ilumina
Em nome do Eterno Bem,
Que esse menino exilado,
Sem lar e sem companhia,
Se o Céu quisesse podia
Ser teu filhinho também!

Encoraja-lhe a esperança,
Envolve-o no teu sorriso
E sentirás, de improviso,
A bênção de doce luz!
É que no amor da criança,
Que te agradece o carinho,
Receberás, de mansinho,
A gratidão de Jesus!

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de moura (cole. Poetas Paul, pág.97): "Começou seus estudos no Colégio Florense, de Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do Correio Paulistano." Contista, escreveu na Feira Literária, e em 1921 estreava como romancista, publicando Rosa Maria. No Cemitério da consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o

belíssimo soneto “Último desejo”, de autoria dela. (amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 – Rio de Janeiro, GB, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

EUTANÁSIA

Gestor Vítor dos Santos*

Ofega o corpo a sós... Oculta, a morte espia...

– Invisível chacal na tocaia da presa.

Na máscara do rosto, a ansiedade retesa

Aparenta velar a dor do último dia.

Choras ao ver prostrada a criatura indefesa

Cujo olhar sem consolo a lágrima embacia,

E intentas ministrar-lhe a branda anestesia

Que apresse o longo fim e ajude a Natureza.

Susta, porém, teu gesto! A vida é sábia em tudo!...

A alma jungida à carne, em pranto amargo e mudo,

Roga-te, embora gema e fale de outra esfera:

– “Aguardo a mão da Lei, sempre doce e benvinda!

Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!...”

E, por trás da alma em luta, a Lei exclama: – “Espera!”.

Poeta, conteur, romancista, crítico, Nestor Vítor foi também, no dizer de Andrade Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras, I, pág. 268,), «pensador moralista penetrante». Vice-diretor, aos 26 anos, do Internato do Ginásio Normal, atual Colégio Pedro II. Colaborou em vários jornais do Rio, entre os quais O Paiz, o Correio da Manhã e O Globo. Patrono, na Academia Paranaense de Letras, da cadeira nº. 27, tendo pertencido à extinta Academia de Letras do Paraná. Amigo particular de Cruz e Souza, foi NV o crítico principal do Simbolismo em plagas brasileiras. Brito Broca não vacila em colocá-la entre os melhores críticos brasileiros. Para Fernando Góes (Pan. IV, pág. 78), «a poesia não foi o forte de gestor Vítor, antes é a sua parte mais vulnerável». (Paranaguá, Paraná, 12 de Abril de 1868 – Rio de Janeiro, GB, 13 de Outubro de 1932.)

BIBLIOGRAFIA : Signos ; Transfigurações ; etc.

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

EXORTAÇÃO

João de Deus Ramos *

Trabalho – nossa coroa,
Consciência – nosso altar,
Na Terra que voa, voa,
Sem pousar.

O presente – panorama
Do Grande e Excelso Porvir;
Segue a Jesus, ama, ama,
Sem pedir.

Eis o Evangelho – cartilha
Do nosso curso escolar.
Farol de amor, brilha, brilha,
Sem cessar.

Abismo, lameiro e aclave
São convites ao dever.
Quem não luta vive, vive,
Sem viver...

Alma – luz que nunca morre.
Ninguém se pode matar.
Vida é fonte : corre, corre,
Sem parar.

Quando o coração é cofre
De esperança e bem-querer,
O espírito sofre, sofre,
Sem sofrer...

O cristão marcha em demanda
Da glória do Eterno Lar.
Serve, ajuda, anda, anda,
Sem cansar.

Ao Mestre da Vida aprouve
Rogar-nos a discernir,
O ouvido que ouve, ouve,
Sem ouvir...

Desterra a intenção escusa

Com os bens da vida vulgar,
Doa a todos, usa, usa,
Sem guardar.

Deus por Divina Tutela
É sol no próprio nadir.
Caminheiro, vela, vela,
Sem dormir!...

(*) De origem humilde, João de Deus bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1859 exercendo brilhantemente o jornalismo e o magistério, sendo considerado um verdadeiro apóstolo da instrução “É um lírico inimitável” dele diz Mendes dos Remédios (História Lit.Port. Pág.586) – “ é o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguém teve a arte de dizer coisas mais belas em frases tão simples. » (S. Bartolomeu de Messines, Algarve, Portugal, 8 de Março de 1830 – Lisboa, 11 de Janeiro de 1896).

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: Flores do Campo; Ramo de Flores; Folhas Soltas; Cartilha Maternal, etc. ; b) do poeta desencarnado Jardim da Infância, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

EXPIAÇÃO

Lafayette Melo *

Enterro de outro corpo. Abrindo a campa fria,
Ocorreu a imprevista exumação... O achado
Do cadáver de borco, horrível, macerado,
No pavor da aflição, recordando a agonia...

Torva interrogação pairou, rude e sombria:
– Fora enterrado vivo o inditoso finado?...
Mas, no Espaço, o problema era já superado :
Caso triste e invulgar de catalepsia...

Alguém pagou à Lei o sentiu derradeiro,
No sofrimento atroz dos minutos da morte,
De um crime feito atrás quando fora coveiro.

E a alma foi demandando as esferas da Altura,
Exultante de amor, resplandecente e forte,
Mais livre e mais feliz, mais serena e mais pura!...

Filho de Desidério de Melo e de D. Clarinda de Melo, LM, além de poeta, foi professor, poliglota e jornalista. Um dos fundadores e diretores de O Garoto, em sua terra natal. Órfão de pai desde cedo, foi um autodidata. Desde que se tornou espírita, passou a ser devotado colaborador de A Flama (hoje, A Flama Espírita), semanário espírita uberabense, com sonetos bem trabalhados, de conteúdo doutrinário. (Uberaba, Minas, 21 de Outubro de 1892 – Patrocínio, Minas, 15 de Agosto de 1953.)

FASCINAÇÃO

Ciro Costa*

Atravessara, aflito, os umbrais do outro mundo
E, ao erguer-se da lousa, exânime, febreiro,
No sepulcro imagina o suntuoso aposento
Onde, a sós, afagava o tesouro infecundo.

– “Meu dinheiro!” – reclama, exasperado e atento.
– “Ouro! Meu ouro só! Por nada me confundo!
Ladrões! Quem me furtou?” – esbraveja iracundo,
Em largo desafio aos sarcasmos do vento.

Ouve o silêncio em torno e ruge: – “Agora, agora!
Achei meu cofre! Achei!... ” – gargalha, grita, chora,
Na homérica ilusão que ele mesmo proclama...

Inclina-se. Algo colhe e, em delírio perfeito,
Investe contra a sombra e aperta contra o peito
Velha tampa de esquife empastada de lama.

(*) Depois de formar-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo, o artista de «Pai João» viajou pela Europa e pelo Oriente, chegando a visitar a Índia e o Egito. Residiu por algum tempo no Rio de Janeiro. Juntamente com Olavo Bilac, Martins Fontes e outros intelectuais, fundou a «Sociedade dos Homens de Letras do Brasil». Colaborou nas revistas paulistas da época, dentre elas A Cigarra e A Vida Moderna. Eleito para a Academia Paulista de Letras, não chegou a tomar posse. «Ciro Costa era uma irradiação larga, amplíssima de talento e de simpatia» – afirma Marques da Cruz na Revista da Academia Paulista de Letras, nº. 25, pág. 169. «Epígono da geração acadêmica do Romantismo», fundamentalmente um romântico, ele viveu, porém, a vida da sua época. «Foi parnasiano e simbolista» – escreve Marques da Cruz, concluindo. (Limeira, Est. de S. Paulo, 18 de Março de 1879 – Rio de Janeiro, GB, 22 de Junho de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: Estelário ; Terra Prometida.

FILHO QUE NÃO NASCEU

José Guedes*

Fui trazido ao teu colo e sussurro, baixinho:
– “Mãe, eu serei na carne o sonho de teu sonho!...”
Depois, em prece ardente, em ti meus olhos ponho,
Pássaro fatigado ante a úsnea do ninho.

Abraço-te. És comigo a esperança e o caminho...
Em seguida – oh! irrisão! –, eis que, num caos medonho,
Expulsas-me a veneno, e, bruto, me empeçonho,
Serpe oculta a ferir-te em silêncio escarninho.

Já me dispunha a dar o golpe extremo, quando
Surge alguém que me obriga a deixar-te dançando
Em formoso salão onde o prazer fulgura.

Passa o tempo. Hoje volto... É o amor que em mim arde.
Mas encontro-te, oh! mãe, a gemer, triste e tarde,
Sombra que foi mulher, enjaulada à loucura...

(*) O poeta não se identificou nas reuniões a que compareceu.

GLÓRIA DO MUNDO

José Guedes*

Suspenso em pleno peito amplo vergel florido,
Existe qual jardim sem espinho e sem hera...
Por mais chuva ou mais sol, conserva o colorido,
E, embora o frio em torno, esplende em primavera...

Do regato a jorrar não se escuta um gemido...
Nas brisas de perfume o amor jamais se altera...
E nesse abrigo santo, em pétalas tecido,
A doçura vigia em generosa espera...

Remanso de bondade em divino transporte,
Oásis no deserto a sorrir para a morte,
Quem consegue exaltar esse ninho fecundo?...

Só Deus!... Só Deus, usando a luz da aurora acesa,
Poderá definir a infinita grandeza
Do coração de mãe como a glória do mundo!...

(*) Poeta, jornalista e polemista, colaborou nas mais importantes revistas simbolistas do Paraná. Falando sobre o seu único livro de versos, Fernando Góes (Pan. IV, pág. 221) conclui: «Poemas de alguém que teve uma vida de sofrimentos e que giram em torno do amor à família, da morte, da dúvida, da dor. De forma descuidada – Ismael confessa faltar-lhe o «segredo da Forma»; o «mérito da Arte» – esses versos são confissões e às vezes pungentes desabafos. » Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná, do qual fora sócio fundador, e é, na Academia Paranaense de Letras, o patrono da cadeira nº. 34. (Campo Largo, Paraná, 27 de Julho de 1876 – Curitiba, 7 de Dezembro de 1926).

BIBLIOGRAFIA: Ciclos, versos; A Mocidade de Hoje, prosa; etc.

GLORIFICAÇÃO

Ismael Alves Pereira Martins*

Se ontem, atribulado, andei sem rumo certo,
Nômade do ideal, gemendo estrada afora,
Hoje, crente, proclamo, ao coração que chora,
A alegria imortal do espírito liberto...

Renovado, feliz, vou pelo mundo agora,
Já não mais como fui, amargando o deserto,
E antevejo o painel do futuro entreaberto,
Em torrentes de amor a crescer hora a hora...

Em Jesus encontrei o Mentor dos Mentores,
A guardar no Evangelho a Cartilha Suprema,
Libertarão do mal, consolação nas dores.

Glorificado seja o Senhor Bem Amado,
Erguendo a liberdade ao pé de cada algema,
Pregando a redenção para todo culpado!...

(*) Poeta, jornalista e polemista, colaborou nas mais importantes revistas simbolistas do Paraná. Falando sobre o seu único livro de versos, Fernando Góes (Pan. IV, pág. 221) conclui: «Poemas de alguém que teve uma vida de sofrimentos e que giram em torno do amor à família, da morte, da dúvida, da dor. De forma descuidada – Ismael confessa faltar-lhe o «segredo da Forma»; o «mérito da Arte» – esses versos são confissões e às vezes pungentes desabafos. » Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná, do qual fora sócio fundador, e é, na Academia Paranaense de Letras, o patrono da cadeira nº. 34. (Campo Largo, Paraná, 27 de Julho de 1876 – Curitiba, 7 de Dezembro de 1926).

BIBLIOGRAFIA: Ciclos, versos; A Mocidade de Hoje, prosa; etc.

GUERRA E PAZ

JOSÉ de Abreu ALBANO *

Soldado após a rígida campanha,
Guardando as palmas de ilusória lida,
Marchei de peito arfante e face erguida,
Crendo-me herói de olímpica façanha.

Mas, varando os umbrais da morte estranha,
Revivi, descontente, a própria vida,
E, muito embora os louros da acolhida,
Senti-me verme alçado na montanha.

Alma tocada de arrependimento,
Desperdiçara, em vão, força e cultura,
Qual chama entregue ao temporal violento.

Assim, entre a ventura e a desventura,
Sou rei na guerra de cruel tormento,
E mendigo de paz na sorte escura.

(*) depois de estudar no Stonyhust College, em Blackburn, Inglaterra, e bem assim na Áustria e na França, regressa José Albano da Europa e faz preparatórios no Liceu do Ceará. Em 1908, volta a Europa a serviço do Consulado Brasileiro, em Londres. Viaja, depois, por diversos países, inclusive a Grécia, Turquia, Palestina, Egito e Espanha, onde publica suas Rimas. No ano seguinte transfere-se definitivamente para a França, onde desencarnou. Dele, disse Mário de Alencar.

(apud Pan. V, pág. 220): «Conversando, sentia-se-lhe o orgulho, gerado por desdém e descontentamento dos homens e das coisas, do meio e do tempo. Criticava a todos e a tudo... » Vernaculista e poliglota, «era um gênio atribulado pela obsessão do perfeito». «Inquieto até o delírio, » – frisa a Ant. Cearense, pág. 254 – «impeliam-no na vida os mais desencontrados sentimentos e paixões. » (Fortaleza, Ceará, 12 de Abril de 1882 – Montauban (Tarn-et-Garone), França, 11 de Julho de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Rimas de José Albano, Redondilhas; idem, Alegoria; idem, Canção a Camões; idem, Ode à Língua Portuguesa; Four-Sonnets by Joseph Albano with Portuguese Prosc-Translation; etc.

HISTÓRIA DE DONA AMÉLIA

Cornélio Pires *

Conheci Dona Amélia na fazenda
- Dona Amélia Maria Liberata -
Linda e rica mulher, mas rude e ingrata,
Sempre altiva, no estrado de ouro e renda.

Deixava o pão mofando preso à lata
E gritava: "Ninguém me desatenda".
Procurava conflitos de encomenda
Para zurzir os servos na chibata...

Mais tarde veio a morte... A nobre dama
Padecia o remorso como a chama
Quando o fogo se apega à carne nua.

O tempo voa... E agora, reencarnada,
Vejo-a sozinha, triste e desprezada,
Esmolando socorro em cada rua.

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d'Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc.

HISTÓRIA DO AMOR

Artur Gonçalves De Sales*

Pede a ostra colada à pedra em que se escalva :
– “Ajuda-me, Senhor! Sou larva triste e feia!...”
Nisso, o mergulhador pisa o lençol de areia,
Qual fulmíneo titã, no abismo verde-malva.

Pensa, encantada, a pobre: – “Eis alguém que me salva...”
O homem, contudo, ataca e a mísera baqueia.
Depois, sofre, na tona, o facão que a golpeia,
Fere, insulta, escarnece e lanha, valva em valva.

Mas, em vez de revolta, a vítima indefesa
Oferta-lhe, ao cair, por troféu de beleza,
A pérola que brilha entre os arpões e os rascos...

Essa é a história do amor que se alteia, sublime ;
Inda mesmo a sangrar, sob a injúria do crime,
Beija e enriquece as mãos dos seus próprios carrascos.

(*) Depois de ter assentado praça no 9º Batalhão de Infantaria e tentado matricular-se na Escola Militar, no Rio de Janeiro, Artur de Sales voltou a Salvador, onde, em 1905, recebeu o diploma de aluno-mestre, da Escola Normal. Exerceu o magistério primário «em aprendizados agrícolas». Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, aí ocupando a cadeira nº. 8. A obra poética de AS, a princípio simbolista, passou depois a ser concebida parnasianamente. Suas poesias, em geral abrangendo temas populares, revelam-lhe o grande interesse pelas coisas do mar. Considerado «admirável plástico do verso» por Jackson de Figueiredo, foi ainda Artur de Sales, na expressão de Eugênio Gomes, um «ébrio de Shakespeare», traduzindo-lhe, em versos alexandrinos, a peça Macbeth. (Cais Dourado, Salvador, Bahia, 7 de Março de 1879 – Salvador, 27 de Junho de 1952.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias (1901-1915) ; Poemas Regionais; etc.

HISTÓRIA DO DESTINO

Artur Gonçalves De Sales*

Rogava o barro a sós, preso a lodosa charpa :
– “Liberta-me, Senhor, do lixo que me escorna!
Ai de mim que sou lama envilecida e morna!...”
Veio a chuva e, oh! beleza! o brejo vibra e zarpa.

A água que dormia em tímida madorna
Põe-se, turva, a correr no solo que se escarpa,
Atormenta-se, luta e vai, de farpa em farpa,
Como pranto de dor que, súbito, se entorna...

Agita-se e obedece, escrava à gleba obscura,
Beija os rijos punhais da rocha em que se apura,
Abraça as provações e canta a bendizê-las!

Depois, é fonte ao mar, qual poema divino!...
Alma, a história do charco é a história do destino
Que nos arrasta, além pata além das estrelas...

(*) Depois de ter assentado praça no 9º Batalhão de Infantaria e tentado matricular-se na Escola Militar, no Rio de Janeiro, Artur de Sales voltou a Salvador, onde, em 1905, recebeu o diploma de aluno-mestre, da Escola Normal. Exerceu o magistério primário «em aprendizados agrícolas». Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, aí ocupando a cadeira nº. 8. A obra poética de AS, a princípio simbolista, passou depois a ser concebida parnasianamente. Suas poesias, em geral abrangendo temas populares, revelam-lhe o grande interesse pelas coisas do mar. Considerado «admirável plástico do verso» por Jackson de Figueiredo, foi ainda Artur de Sales, na expressão de Eugênio Gomes, um «ébrio de Shakespeare», traduzindo-lhe, em versos alexandrinos, a peça Macbeth. (Cais Dourado, Salvador, Bahia, 7 de Março de 1879 – Salvador, 27 de Junho de 1952.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias (1901-1915) ; Poemas Regionais; etc.

HOMEM

Dario Persiano de Castro VeLoso*

Argonauta da luz que nasceste nas trevas,
Por térmita perdido em malocas bizarras,
Dormiste com leões de sinistras bocarras
E, símio, atravessaste as solidões grandevas.

Preso aos totens e atado à inspiração dos devas,
Vivias de arco e flecha ao clangor de fanfarras.
Ai! a herança da guerra a que ainda te agarras,
Os impulsos do abismo e as cóleras longevas!

Hoje, razão que brilha e amor que desabrocha,
Prometeu a chorar no coração da rocha,
Circulado de sóis e entre as sombras imerso!

Homem! Anjo nascente e animal inextinto,
Serás, após vencer as injúrias do instinto,
A obra prima de Deus no esplendor do Universo!

(*) Poeta, orador, romancista, contista, historiador, jornalista. Fêz o curso primário no Liceu de S. Cristóvão, do Rio, e em 1885 fixou residência na capital do Paraná, onde exerceu vários cargos públicos. Professor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, DV angariou grande prestígio como verdadeiro «mestre da mocidade». Altamente espiritualista, foi um apaixonado prosélito das doutrinas ocultistas e herméticas. Helenófilo, chegou a criar em Curitiba um Instituto Neopitagórico, para cuja sede construiu o famoso «Templo das Musas». Fundou várias revistas simbolistas, dentre as quais se destacou O Cenáculo. Sua produção é vasta em todos os gêneros. Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná e criou a cadeira nº9 da Academia Paranaense de Letras. (S. Cristóvão, Rio de Janeiro, GB, 26 de Novembro de 1869 – Curitiba, Paraná, 28 de Setembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: Efêmeras; Hélicon; Cinerário; Esotéricas; etc.

HORA EXTREMA

Júlio Mário Salusse*

Céu de chumbo a rugir na imensidão remota
Verte em largos bulções indômita procela.
No tempestuoso mar que se agita e encapela,
Sofro o anseio febril dos náufragos sem rota.

Mergulho a vastidão, qual mísera gaivota
Que, em tentando fugir da nau que se esfacela,
Logra apenas ferir-se e tombar junto dela,
Sonho audaz de infinito amargando a derrota.

Desço às vascas do fim, no pélagos profundo...
Irrompe de improviso a tela de outro mundo,
Sob a luz que transcende os fastos da memória.

Faz-se a treva esplendor, raia o dia opulento...
Ante a luz divinal, que banha o firmamento,
Levanto-me do abismo, em suprema vitória.

(*) Poeta lírico de inspiração invulgar, o autor de «Cisnes estudou em Nova Friburgo e no Rio, ai se bacharelado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Advogou durante alguns anos sendo posteriormente promotor público na comarca de Paraíba do Sul e de Friburgo, no Estado do Rio. Fixou-se, depois, na terra carioca., onde continuaria a exercer a advocacia. Nilo Bruzzi (Júlio Salusse, o último Petrarca, pag. 16) considera-o o «maior poeta, platônico deste século, no Brasil» e o «mais delicado romântico havido nas nossas letras». E afirma : «Jamais teve um momento de revolta contra o destino, porque, sendo filho da mais atroz adversidade, recebia a dor como corolário natural da sua existência silenciosa. » Pertenceu à Academia Fluminense de Letras. (Friburgo ,Estado do Rio, 30 de Março de 1872 – Rio de Janeiro, GB, 80 de Janeiro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Nevrose Azul; Sombras.

IDÉIA

Durval Borges de Morais*

Não morre a idéia pura! Ei-la no firmamento!...
Forças rudes da inércia amolgam-se, reagem...
Cede a sombra passiva ao apelo e à passagem
Do sublime clarão triunfante e opulento.

Ora, alteia-se e; vibra!... Um furacão violento
Da emoção a bramir na grandeza selvagem!...
Ora, derrama som, perfume, cor, imagem,
Poema, sonho, luz, glória e deslumbramento!

Melodia no espaço, em acordes profundos,
Ouço-a fremir, além, por dínamo dos mundos,
E, chama a flamejar, extático, distingo-a!...

Quero jungi-la à Terra e tento, em vão, trazê-la,
Pois embora me esfalfe, a resplendente estrela
Range, estala e fenece entre os grilhões da língua!...

(*) Príncipe dos Poetas Bahianos», Durval de Morais era membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, e delegado desta na Federação das Academias de Letras do Rio de Janeiro. Membro igualmente da Academia Carioca de Letras. Diplomou-se em Química e Farmácia. Colaborou ativamente nas revistas simbolistas Nova Cruzada e Os Anais, ambas de Salvador. É considerado um dos maiores poetas religiosos do Brasil. Para Jackson de Figueiredo, DM «era, sobretudo, um poeta que se deixava enlear no labirinto de obscuras filosofias». (Maragogipe, Bahia, 20 de Novembro de 1882 – Rio de Janeiro, GB. 5 de Dezembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA. : Sombra Fecunda ; Rosas do Silêncio ; O Poema de Anchieta; Conquistador do Infinito; etc.

INSTANTÂNEO NAS TREVAS

José Júlio da Silva Ramos*

O Espírito de Luz desce à noite umbralina...
Doce nume a lenir as feridas da furna,
Escuta um malfeitor de face taciturna,
Que a estorcer-se, mordaz, acusa e desatina.

Anjo à frente de um monstro... A compaixão divina
Oferta ao frio e à sombra o bem por flâmea urna.
Rende-se a fera humana e conta, em voz soturna,
A história de si mesmo, expondo a senda em ruína...

Amaldiçoava o pai que outrora lhe trouxera
A riqueza e o prazer em dourada quimera,
Sem jamais dar-lhe amor ao peito maltrapilho...

Cala-se... O benfeitor beija-lhe o férreo pulso
E cai-lhe, humilde, aos pés, sob pranto convulso...
O emissário dos Céus achara o próprio filho.

(*) Emérito professor de Português do Colégio Pedro II, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº. 37, prosador primoroso e poeta lírico de profunda inspiração, Silva Ramos fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Filólogo dos mais eminentes, soube influenciar espíritos de escol quais Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Sousa da Silveira. Colaborou em diversas publicações, como A Semana, Revista da Academia Brasileira de Letras, Renascença, etc. «A magnanimidade de Silva Ramos» – disse Alcântara Machado – «é atestada não por este ou aquele capítulo, mas por todas as páginas da sua existência.» (Recife, Pernambuco, 6 de Março de 1853 – Rio de Janeiro, GB, 16 de Dezembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: Adejos; Pela Vida Fora; A Reforma Ortográfica; Centenário de João de Deus, conferência ; etc.

IR E VIR

José Guedes*

Oh! suprema ventura, ampla e radiosa!
Libertar-se e subir, ao fim da luta...
A alma sonha, tateia, ouve e perscruta
A alegria que há muito se não goza!

Mais além, surgem trilhas de ouro e rasa,
Sobre a Terra que foge, diminuta...
A paisagem por fim se desenluta
Em aurora esplendente e majestosa!

Estou livre, no entanto escuto gritos
Que me lanham quais látigos aflitos...
Triste de mim!... Debalde, me comovo!...

O passado apresenta longo arquivo,
E eu, que ria e cantava redivivo,
Volto ao berço das lágrimas de novo!...

(*) O poeta não se identificou nas reuniões a que compareceu.

JORNADA

Adelino da Fontoura Chaves*

Fui átomo, vibrando entre as forças do Espaço,
Devorando amplidões, em longa e ansiosa espera...
Partícula, pousei... Encarcerado, eu era
Infusório do mar em montões de sargaço.

Por séculos fui planta em movimento escasso,
Sofri no inverno rude e amei na primavera;
Depois, fui animal, e no instinto da fera
Achei a inteligência e avancei passo a passo...

Guardei por muito tempo a expressão dos gorilas,
Pondo mais fé nas mãos e mais luz nas pupilas,
A lutar e chorar para, então, compreendê-las!...

Agora, homem que sou, pelo Foro Divino,
Vivo de corpo em corpo a forjar o destino
Que me leve a transpor o clarão das estrelas!...

(*) Poeta, contista, teatrólogo. Transferindo-se da Atenas Brasileira para o Rio de Janeiro, cedo percebeu AF que nascera para o jornalismo. Trabalhou com Artur Azevedo na Gazetinha e com Lopes Trovão no Combate, e foi agente, em Paris, da Gazeta da Tarde. Patrono da cadeira nº. 1 da Academia Brasileira de Letras e da cadeira nº. 38 da Academia Maranhense de Letras. Autor de "Beatriz", «Celeste», «Atração e Repulsão» e tantos outros sonetos famosos, «é ele» – assinala Múcio Leão (in Dispersos, pág. 12) – «o caso único de um patrono de Academia que não tem nenhum livro publicado». (Axixá, Maranhão, 80 de Março de 1855 "" – Lisboa, Portugal, 2 de Maio de 1884.)

LÁGRIMAS

Francisco Lobo da Costa

Quando a luta te deixe em plena estrada,
Qual tronco a sós, sem flores e sem frondes,
Na secreta renúncia a que te arrimas,
Bendita seja a lágrima que escondes!

Quando a amargura te converta a vida
Em rede estranha de sinistras horas,
Mesmo nas raias do suplício extremo,
Bendita seja a lágrima que choras!

Quando a prova te assalte os semelhantes
Na dor de sendas ásperas e incertas,
Na simpatia que te inflama o peito,
Bendita seja a lágrima que ofertas!

Quando, porém, caminhas na bondade
A que nobre e sereno te conjugas,
Muito acima das lágrimas que vertes,
Bendita seja a lágrima que enxugas!

(*) De família humilde, órfão em tenra idade, o poeta romântico do Sul, no dizer de Edgard Cavalheiro (Pan. II, pág. 298), já aos doze anos cantava em versos a retomada de Uruguaiana. Colaborou nos jornais mais importantes de sua terra, e foi sócio do «Pártenon Literário». Não conseguindo matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, veio a residir por algum tempo em Florianópolis, onde se entregou à bebida, que lhe aniquilou o corpo físico. Definiu-o João Pinto da Silva (História Lit. R. G. S., pág. 48) como «o intérprete inspirado do pensamento e dos sentimentos do povo, em face do Amor e do Infortúnio». E a despeito de sua poesia assim se expendeu Guilhermino César (Hist. da Literatura R. G. S., pág. 283) : «A sua forma, tão espontânea, era às vezes muito descuidada, mas Lobo da Costa possuía, como poucos, senso musical e bom gosto inato.» (Pelotas, Rio Grande do Sul, 12 de Julho de 1853 – Ai desencarnou em 19 de Junho de 1888.)

BIBLIOGRAFIA: Auras do Sul; Dispersos; O Filho das Ondas; Flores do Campo.

LAMENTO PATERNO

Ah! meu filho, na concha de teu peito,
Via-te o coração por céu vindouro,
Encerravas contigo, meu tesouro,
O futuro risonho, alto e perfeito.

Entretanto, prendi-te a cruces de ouro,
Cujo peso carregas sem proveito,
Abatido, cansado, insatisfeito,
Arrojado a terrível sorvedouro...

Recolheste, no encanto de meu jugo,
O fascínio da posse por verdugo
E a preguiça forjando horrendas pragas.

Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas
O dinheiro vazio que armazenas
Na demência da usura em que te apagas!...

(*) O poeta não se identificou nas reuniões a que compareceu.

LEI DO AMOR

NARCISA AMÁLIA de Campos*

– “Rua!... Rua, infeliz que me ensombraste o nome!...”
– Clama o pai, a rugir para a filha que implora :
– “Não me expulses, meu pai!... Temo a noite lá fora!...”
E ele mostra o punhal na fúria que o consome.

Voa o tempo a rolar, sem que a vida o retome...
Ele, desencarnado, ansioso e triste agora,
Traz à filha exilada o coração que chora,
Espírito a sofrer, em sede, chaga e fome.

Ela sente-lhe a dor, através da lembrança,
E dá-lhe um corpo novo, ante a luz que o descansa
Nos fios da oração, em celeste rastilho!...

E, mais tarde, no lar que os apascenta e acalma,
Ele diz : “Minha mãe, doce mãe de minh alma!...”
E ela diz a cantar: “Deus te abençoe, meu filho!...”

(*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas letras» – di-lo Antônio Simões dos Reis (Narcisa Amália, pág. 15) – «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fez questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (Poetas de Resende, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza musical dos versos». Redigiu o jornal resendense A Gazetinha, tendo co-laborado em outras folhas de Resende, bem como de Niterói, Rio e S. Paulo. «Foi a primeira mulher, entre nós,» – diz Edgard Cavalheiro (Pan. II, pág. 296) – «a erguer a voz em defesa de suas irmãs de sexo, numa tentativa feminista avançada para o meio acanhado e rotineiro de então.» Depois de residir em Resende, passou para o Rio de Janeiro, onde se consagrou ao magistério, até que veio a 'desencarnar, cega e parálitica, com setenta e dois anos de idade. (S. João da Barra, Estado do Rio, 3 de Abril de 1852 – Rio de Janeiro, GB, 24 de Junho de 1924.)

BIBLIOGRAFIA: Nebulosas, poesias.

LIBERTAÇÃO

Oscar Rosas Ribeiro

Alma, que um dia voltarás desperta
Do cárcere de sombra a que te enleias,
Despe, chorando, as últimas cadeias
Que te chumbam à estrada escura e incerta.

Foge à noite fatal que te acoberta
Nos prazeres da carne em que te volteias.
Solta a esperança, além, na luz sem peias
E sonha a vida plena, enfim liberta!

Do ergástulo de angústia em que te agitas,
Sob o fardo das lágrimas benditas,
Contempla os céus, fulgindo em primavera...

Cinge a humildade valorosa e boa
E encontrarás na dor que te abençoa
A divina alegria que te espera.

(*) Amigo e conterrâneo de Cruz e Souza, OR, além de poeta, foi jornalista. Secretário do Novidades, no Rio de Janeiro, para onde se transferiu ainda jovem. À maneira de tantos outros vates simbolistas, não reuniu em volume os seus versos, que estão dispersos nos periódicos do seu tempo. Antiescravagista ardoroso. (Desterro, hoje Florianópolis. 12 de Fevereiro de 1862 – Rio de Janeiro, Gb, 27 de Janeiro de 1925.)

LIÇÃO

B. LOPES (Bernardino da Costa Lopes) *

Nas grimpas do pé de amora
O vento leve balança
E tala a flor terna e mansa
Que voa caminho afora.

Um petiz vem vindo agora
- Doce mimo de criança -,
Quer reter a flor que dança,
Mas tropeça, cai e chora...

Nas lindas cores da tela
A Natureza revela
A vida de muita gente...

Em busca da fantasia,
Perdemos toda a alegria,
A lutar penosamente.

(*) Jornalista e poeta de mérito. Classificou-o João Ribeiro como sendo um dos maiores poetas de sua geração. Mestre do gênero descritivo entre nós, "B. Lopes é" – no dizer de C. Chiacchio, Biocrítica, pág. 62 – "a poesia sem metafísicas complicadas, nem filosofias tétricas. Simples poeta de poesia simples". (Boa Esperança, atual Imbiara, Município de Rio Bonito, Est.do Rio, 19 de janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, GB, 18 de setembro de 1916).

BIBLIOGRAFIA: Cromos; Pizzicatos; Val de Lírios, Plumários; etc.

LUXO E LIXO

ErasmO Júnior (Deraldo Dias De Morais) *

Às vezes, dizes: "Trabalho
É carroção que não puxo."
E avanças devagarinho
Para a gaiola do luxo.
Lá dentro, acabas suando,
Qual estudante no espicho,
Aprendendo, muito tarde,
Que o ócio é cama de lixo.

Entornas grandes promessas
Em fala, sonho, debuxo,
No entanto, buscas, primeiro,
Conforto, destaque, luxo...
Consumes a força e o tempo
Em sono, prato, cochicho,
E, um dia, clamas debalde
No escuro montão do lixo.

Anseias dinheiro a rodo,
Cheque e cheque em papelucho,
Regalo de toda espécie,
Caminho talhado em luxo...
Mas, depois de tanto fausto,
Tanto enfeite, tanto nicho,
Mergulhas além da morte
Na grande maré do lixo.

Não conserves a existência
Por tesouro no cartucho.
Muita gente afunda e morre
No antigo atascal do luxo.
O bem de todos é a lei
Que a vida guarda a capricho.
Repara que todo excesso
Vem do luxo e cai no lixo.

(*) Formou-se, em 1918, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Catedrático de latim no então Ginásio da Bahia. Na revista *A Luva*, criou uma seção de versos humorísticos intitulada «A Bandurra de Ferro», assinando-a com o pseudônimo ErasmO Júnior, geralmente usado em suas produções poéticas, segundo informa Aloysio de Carvalho Filho (*Coletânea Poet. Bahianos*, pág. 161). Pertenceu à Academia de Letras da

Bahia, tendo ocupado a cadeira nº. 19. (Salvador, Bahia, 24 de Fevereiro de 1896 – Salvador, 9 de Agosto de 1948.)

MÃE BALBINA

Cornélio Pires *

Espancaram-te o rosto, Mãe Balbina.
Velha, furtaste um pão jogado ao solo,
Ama de tanta boca pequenina
Que aflagavas, cantando, no teu colo.

Ninguém te viu, anêmica e franzina,
Com o filho da patroa a tiracolo,
E a dor de mãe solteira, inda menina,
No suor da coivara e do monjolo.

Roubaste um pão apenas, Mãe querida,
Tu que foste roubada em toda a vida
Por tantos filhos que te abandonaram!...

Mas Deus guarda-te, além, por luz e enfeite,
O tesouro de sangue, pranto e leite
Das pérolas de amor que te furtaram!

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d'Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc.

MARIA DOIDA

Cornélio Pires *

"Doida! Maria Doida!" A meninada
Persegue a pobre louca em longas filas.
Cerrando as mãos nervosas e intranquias,
Maria corre em fúria desgrenhada.

Ah! minha irmã, que em sombra te aniquilas ;
Desditosa, sozinha, desprezada,
Bebes, com sede e fome, na calçada,
O pranto que te verte das pupilas!...

Mas, à noite, Maria, enquanto dormes,
Revês, de novo, as árvores enormes
Do teu solar de luxo noutras eras...

E agradeces, na palha seca e fria,
A rude provação de cada dia,
Como preço do júbilo que esperas!

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d'Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc.

MATINADA

Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (*)

Ampla luz se desnastra, onda por onda,
Desponta a madrugada purpurina...
O carreiro das lágrimas termina,
Minha alma acorda, anseia, indaga, sonda...

Subo, encantado e pasmo... A etérea ronda
Das estrelas, na abóbada divina,
Lembra flores, em monte, na campina
Que o Eterno Lavrador cultiva e esmonda...

A saudade aparece... O peito chora...
Gaturamo rompendo os véus da aurora,
Onde encontrar meu ninho nesses ramos?

Torno à Terra, em soluços de alegria!...
Bendito seja Deus que nos confia
O amor por céu na luz do lar que amamos!

(*) Poeta, jornalista, contista, comediógrafo, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1869, depois de iniciar os estudos na Faculdade de S. Paulo, seguindo a carreira diplomática. Foi adido à legação brasileira no Chile, em Londres e em Roma, além de haver exercido as funções de secretário de legação em Lisboa. Aposentou-se no cargo de ministro plenipotenciário, na Venezuela. Sócio de várias Associações culturais do Brasil e do estrangeiro, foi fundador da cadeira nº. 31 na Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (Peq. Hist. Lit. Brasileira, págs. 287-288), ao estudar a poesia de Luís Guimarães Júnior, acentuou que «as notas descritivas predominam, geralmente, sobre as subjetivas, o artista sobreleva ao poeta, e o pintor se avanteja ao filósofo», acrescentando, adiante : «Há nos seus painéis um laivo de ternura discreta, um sentimento de melancolia muito particular. » Prefaciando--lhe Sonetos e Rimas, Fialho de Almeida chamou-lhe «o Massenet do soneto» (apud Iracema G. Vilela, Luiz Guimarães Júnior, pág. 110). (Rio de Janeiro, GB, 17 de Fevereiro de 1845 – Lisboa, 19 de Maio de 1898".)

BIBLIOGRAFIA : Corimbos ; Sonetos e Rimas ; Poema dos Mortos ; Filigranas; etc.

MORTE E REENCARNAÇÃO

Antônio Eliezer Leal de Souza*

Morrer!... Morrer!... A gente crê que esquece,
Pensa que é santo em paz humilde e boa,
Quando a morte, por fim, desagrilhoa
O coração cansado posto em prece.

Mas, ai de nós!... A luta reaparece...
A verdade é rugido de leoa...
A floração de orgulho cai à toa,
Por joio amargo na Divina Messe.

No castelo acordado da memória
Ruge o passado que nos dilacera,
Quando a lembrança é fel em dor suprema...

Sempre distante o céu envolto em glória,
Porquanto em nós ressurge a besta-fera
Buscando, em novo corpo, nova algema.

(*) Ao desligar-se do Exército, dedicou-se Leal de Souza ao jornalismo, tendo sido redator de A Federação de Porto Alegre. Iniciou, depois, o curso jurídico, no Rio de Janeiro, sem concluí-la, porém. Nessa mesma cidade, salientou-se na posição de diretor de A Careta e de secretário de A Noite, do Diário de Notícias e de A Nota. Poeta que mereceu louvores de Olavo Bilac, achando João Pinto da Silva (Hist. Lit. R.G.S., pá.g. 223) que na obra poética dele «há composições que uma crítica sincera, tanto quanto imparcial, pode perfeitamente classificar entre as melhores de nossa literatura». Fernando Góes (Pan. V, pá.g. 251) assinala que «Leal de Souza escreveu mais tarde dois romances e alguns livros sobre espiritismo, – preocupação que já se encontrava presente em alguns passos do Bosque Sagrado.» (Livramento, Rio Grande do Sul, 24 de Dezembro de 1880 – Rio de Janeiro, GB, 1º de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Álbum de Alzira; Bosque Sagrado; No Mundo dos Espíritos; Transposição de Umbrais (conferência na Federação Espírita Brasileira)

MORTE ÚMIDA

Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos *

Ei-lo, o doente que se desengana...
A úlcera enorme baba gosma escura;
O esqueleto senil se descostura
Ao bote da gangrena soberana.

Linfa, sangue e suor em papa insana,
Na fusão miasmática sem cura,
Por sânie e fel no ventre da amargura
Cospem a podridão da casca humana.

Última convulsão que desgoverna.
A morte chega brusca, horrenda e terna...
Corre na goela hirta fino gume.

A alma ditosa nasce noutro nível.
É o parto novo... E a vida imperecível
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

(*) Bacharelado-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar "Ribeiro Junqueira", até à desencarnação. Cognominado o "Poeta da Morte" por Antônio Torres, emparelha-se com Antero Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA "o seu grande explorador", segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (In A Lit. no Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (Pan., V, pág.64) que " em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo". (Engenhos Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 - Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: Eu; Eu e Outras Poesias.

MORTO VIVO

Moacir de Toledo Piza*

Reborbulha-me a idéia na cabeça...
Corre o sangue nas veias de meu pulso...
Os ouvidos, por mais que me estarreça,
Guardam consigo os sons que eu mesmo expulso...

Minha imaginação brinca, travessa...
Respiro. É o peito meu, triste, convulso...
E a razão pede para que não desça
À sombra imensa de meu próprio impulso.

Fulgura-me a visão na luz dos olhos...
Meus pensamentos voam sem antolhos...
O coração prossegue imperativo...

Tenho fome de paz e de conforto!
Se ontem eu fora estranho vivo-morto,
Sou agora, em verdade, morto-vivo...

(*) Bacharel, em 1915, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, co-laborou na imprensa de S. Paulo e do Rio, «com incursões, freqüentes e ilimitadas, ao epigrama e ao sarcasmo». Mas, «apesar de toda essa aparência de mordacidade iconoclástica à flor da pele, era um sentimental e um lírico. Amigo cem por cento dos amigos» (L. C. de Melo, Dic. Aut. Paulistas, pág. 484-485). Foi redator do Estado de S. Paulo. Hilário Tácito, na apresentação à *Vespeira*, pág. III, afirma que «a crítica dos doutos consagrou o escritor paulista como digno de figurar entre os nossos mestres do gênero satírico». (Sorocaba, Est. de S. Paulo, 19 de Abril de 1891 – S. Paulo, Est. de S. Paulo, 25 de Outubro de 1923.)

Conta R. Magalhães Júnior (Ant. Hum. e Sát., pág. 291) que o poeta foi vítima de uma paixão funesta, que o levou ao suicídio com arma de fogo.

BIBLIOGRAFIA : Sátiras ; Calabar, em colaboração com Juó Bananére ; *Vespeira* ; etc.

MUITO ALÉM

Moacir de Almeida*

Móvel quanto a maré cantante e permanente;
Serena como a flor transcendendo o monturo;
Excelsa quanto os sóis, fugindo em bando à frente:
Imortal como o tempo a buscar o futuro;

Nobre quanto a beleza a palpitar fremente;
Veraz como o clarão do pensamento puro;
Larga quanto a visão do infinito crescente;
Forte como o progresso a caminhar seguro;

Profunda quanto o mar de anseios e avatares;
Ardente como o amor na flama religiosa;
Divina quanto a luz dos gênios tutelares ;

Doce como o perdão nos cárceres e crimes;
Assim prossegue a vida, estuante, formosa,
Sempre além, muito além dos sonhos mais sublimes!...

(*) Patrono na Academia Belo-Horizontina de Letras e na Academia Carioca de Letras. "Comparado a Castro Alves," – diz Fernando Góes (Pan. V, pág. 308) – "pelo vigor do estro, pelo arrojado das imagens, pela grandeza dos temas que o preocuparam, Moacir de Almeida foi, realmente, um poeta, na mais ampla e precisa acepção da palavra." Júlio Pinto Gualberto (O Gênio Poét. de..., pág. 12) ressaltou-lhe "a fina sensibilidade, a profunda penetração psicológica", acrescentando, páginas adiante: "A poética de Moacir de Almeida tem tópicos de musicalidade, bálsamo para os que sofrem." Elogiado por Agrippino Grieco, Atílio Milano, Edmundo Moniz, foi o grande vate, durante a sua curta existência, «um torturado da dor e do sofrimento». (Rio de Janeiro, GB, 22 de Abril de 1902 – Rio de Janeiro, GB, 30 de Abril de 1925).

BIBLIOGRAFIA: Gritos Bárbaros; Poesias Completas de Moacir de Almeida.

MUSA INSPIRADORA

Virgílio Quaglio*

Abençoada sejas, lepra santa,
Que me deste o caminho belo e puro
A tanta paz, a tanta bênção, tanta,
Que choro de alegria ante o futuro!

Se contigo marchei, trazendo a manta
De ulceração e sombra, em trilho escuro,
Meu coração agora se levanta
Qual flor desabrochada no monturo!...

O' lepra amiga, musa inspiradora!
Onde iria minha alma se não fôra
O teu gládio de dor que nos consterna?

Deus te abençoe a mão triste e cansada
Com que me abriste as portas da alvorada
Para as visões da luz na vida eterna!...

(*) Pouco sabemos sobre a vida desse admirável poeta, que teve inscritas algumas de suas produções no jornal O Semeador, órgão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo. Iluminado e fortalecido pela Doutrina Espírita, resignadamente levou, até ao fim de sua existência terrena, o carro de sua dolorosa provação. (Monte Alegre, Estado de S. Paulo, 14 de Novembro de 1892 – S. Paulo, SP, 29 de Novembro de 1946.)

BIBLIOGRAFIA : Sementeira de Luz, versos (obra póstuma).

NA HORA DA MORTE

Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos *

Calam-se os nervos álgidos, retesos,
Na estrutura ancestral da carne mole.
O corpo, enfim, repousa, como o fole,
Sob a horrenda pressão de ignotos pesos.

Sorvo cansado e inerme o extremo gole
Do fel que encharca os músculos surpresos,
Vendo os próprios tecidos indefesos,
Sob a forma larval que aumenta a prole...

Sinto a orgia necrófaga medonha,
Como um balão que estala, geme e sonha
Ao contubérnio de sinistros lastros.

Mas, ave abrindo a grade hirta e marmórea,
Contemplo a vida eterna, ardendo em glória,
Que me acena sorrindo além dos astros!

(*) Bacharelado-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar "Ribeiro Junqueira", até à desencarnação. Cognominado o "Poeta da Morte" por Antônio Torres, emparelha-se com Antero Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA "o seu grande explorador", segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (In A Lit. no Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (Pan., V, pág.64) que " em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo". (Engenhos Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 - Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: Eu; Eu e Outras Poesias.

NÃO JULGUES

Irene Ferreira de Souza Pinto*

Não julgues o companheiro
Por desumano e insensato
Porque te não busque o trato,
Nas rosas de teu jardim.
Entende, ampara primeiro...
Não digas, em contra-senso:
– “Decerto, isso é como eu penca,
Deve aquilo ser assim...”.

Muita vez, quem vai ausente,
Do conforto que te afaga,
Mostra o peito aberto em chaga,
A golpes de provação.
E enquanto o céu te consente
A paz das horas seguras,
O pobre irmão que censuras
Traz fogo no coração.

De outras vezes, quem se isola,
Longe de falas e festas,
Não tem o mal que lhe emprestas,
Nem delibera fugir.
Apenas vive na escola
Do dever e da constância,
E se respira, a distância,
É para melhor servir.

Não vasculhes lodo e jaça,
Mirando a alheia conduta.
Quase sempre há dor e luta
Onde vês passo infiel.
Frequentemente, na taça
Que aparenta vinho oculto,
O pranto cresce de vulto,
Tisnado de angústia e fel.

Se ensinas a caridade,
Ouve Jesus que nos chama!
Não guardes vinagre e lama
Sob a fé que te conduz.
Acende a luz da bondade,
Porquanto também um dia

Mendigarás simpatia
Nas sombras da própria cruz!

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de mouro (cole. Poetas Paul, pág.97):" Começou seus estudos no Colégio Florense, de Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do Correio Paulistano." Contista, escreveu na Feira Literária, e em 1921 estreava como romancista, publicando Rosa Maria. No Cemitério da consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o belíssimo soneto "Último desejo", de autoria dela. (amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 – Rio de Janeiro, GB, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

NHÁ CHICA

Cornélio Pires *

Dos olhos de Nhá Chica o pranto rola...
Não mais levanta a voz e o rosto ossudo.
Oitenta anos vivera... E ao fim de tudo,
A palhosa vazia, o pão de esmola...

A professora anciã relembra a escola...
Pensa ver, entre o catre e o chão desnudo,
A mesa, o livro, a lousa, o giz do estudo
E os meninos rixando junto à bola.

Pobre Nhá Chica em lágrimas banhada
Morre, esquecida e só, assim sem nada,
Na tristura das últimas lembranças...

Mas acorda em florida caravela
Num mar azul... E vê-se, moça e bela,
Carregada nos braços das crianças!...

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d’Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc

NOSSO FILHO

NARCISA AMÁLIA de Campos*

Guarda o tenro menino nascituro
Qual se trouxesses brando sol contigo.
Oferece-lhe os braços por abrigo,
O coração por lar ridente e puro.

Anjo frágil e pássaro inseguro,
Busca-te o pão de amor, radiante e amigo.
Corrige amando... Acampara sem castigo...
Vê na criança a aurora do futuro.

Não lhe firas os sonhos! Não lhe torças
A santa direção das novas forças
A caminho de flóreas primaveras!...

Dá-lhe o teu próprio exemplo por escudo ;
Tens no filho querido, antes de tudo,
O teu credor volvendo de outras eras.

(*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas letras» – di-lo Antônio Simões dos Reis (Narcisa Amália, pág. 15) – «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fez questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (Poetas de Resende, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza musical dos versos». Redigiu o jornal resendense A Gazetinha, tendo co-laborado em outras folhas de Resende, bem como de Niterói, Rio e S. Paulo. «Foi a primeira mulher, entre nós,» – diz Edgard Cavalheiro (Pan. II, pág. 296) – «a erguer a voz em defesa de suas irmãs de sexo, numa tentativa feminista avançada para o meio acanhado e rotineiro de então.» Depois de residir em Resende, passou para o Rio de Janeiro, onde se consagrou ao magistério, até que veio a 'desencarnar, cega e parálitica, com setenta e dois anos de idade. (S. João da Barra, Estado do Rio, 3 de Abril de 1852 – Rio de Janeiro, GB, 24 de Junho de 1924.)

BIBLIOGRAFIA: Nebulosas, poesias.

O BERÇO

Antônio Francisco da Costa e Silva*

Em êxtase, contemplo os sóis em bando,
Arcturo, Aldebarã, Sírius, Antares,
E o caminho onde os anjos tutelares
Passam ébrios de júbilo, cantando...

Bebo a vida imortal em que me expando,
Nos perfumes e cores de outros ares.
Surgem novos impérios estelares,
Na glória do Universo, fulgurando!...

Mas ouve, Mãe, em pleno Lar Celeste,
Recordo o berço humilde que me deste,
Ao pranto de alegria em que me inundo...

Muito mais que na luz do imenso
Espaço Pulsa, no imenso amor de teu regaço,
O próprio coração de Deus no mundo...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se da Costa e Silva para o Recife, onde, somente em 1913 veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» – escreveu Andrade Muricy – «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 ç' de Novembro de 1885 – Rio de Janeiro, GB, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

O DOM JUAN

Cornélio Pires *

E assim viveu Cantídio Maldonado,
Deitando anedotário e latinório,
Bela figura, qual D. Juan Tenório,
Lampeiro, bonitão e remoçado.

Aqui e ali, promessas de noivado,
Meninas lastimando amor inglório,
Lares desfeitos, casos de cartório
E crimes, vários crimes de contado.

Contudo, a morte veio... O pobre amigo
Acumulava em lágrimas consigo
Dor e remorso em trágico binômio...

Corre o tempo... Hoje encontro Maldonado,
Andrajoso, esquecido e reencarnado,
A rir e soluçar num manicômio.

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d’Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc

O LEMA DA VIDA

Osório Pais*

Um dia, perguntei ao Sol: que fazes
Para fulgir no eterno alvorecer?
O astro divino respondeu, brilhando:
– Ajudar e esquecer!

Interroguei à árvore: que fazes
Para florir, amar e frutescer?
Ela, embora ferida, falou calma :
– Ajudar e esquecer!

Interpelei, depois, o pão: que fazes
Para ser vida e bênção no dever?
O pão amigo acrescentou, sereno :
– Ajudar e esquecer!

E disse à fonte límpida: que fazes
Para dar-te à renúncia por prazer?
Atada ao solo, resumiu cantando :
– Ajudar e esquecer!

A própria terra consultei : que fazes
Para tudo alentar e refazer?
Maternalmente, replicou, bondosa :
– Ajudar e esquecer!

Alma, se aspiras à ascensão sublime
Na luz do amor, sem nunca esmorecer,
Guarda o lema da vida em toda parte :
– Ajudar e esquecer!

(*) Informa Liberato Bitencourt, em sua obra *Homens do Brasil*, vol. II, que Osório Pais estudou em João Pessoa, e, aos dezesseis anos, se entregou ao comércio. Abandonando, depois, a vida comercial, seguiu para a Bahia, onde se diplomou em Odontologia. «Alma boêmia, foi um poeta lírico, um trovador espontâneo, tocador de violão e fazedor de serenatas» – escreveu Luiz Pinto em sua *Col. de Poetas Paraibanos* –, continuando mais adiante : «A sua colaboração nos jornais e revistas da Paraíba e do Brasil ficou muito esparsa, dela não havendo notícia segura. Era arredio, por índole, a instituições culturais.» E o mesmo autor, Luiz Pinto, é quem afirma em seu livro *Cad. de Poetas Brasileiros*, pág. 47 : «Uma das vocações poéticas mais belas que conheci na Paraíba foi a desse inveterado boêmio, de bondade extrema.» (Alagoa Grande, Paraíba, 14 de Junho de 1886 – João Pessoa, Paraíba, 24 de Abril de 1949.)

BIBLIOGRAFIA : Primícias, versos.

O PREÇO DA FALTA

Lafayette Melo *

– “Monstro! Monstro! Olhe o monstro!...” –Esse era o grito
Quando ele vinha... O rosto bexiguento...
A mão mirrada... A calva exposta ao vento...
Arrimado ao bastão, coxeante e aflito...

Um dia cai... Arrasta-se, febreiro...
Ziguezagueia o cérebro em conflito
E morre qual se fora cão maldito
No caos de um formigueiro em movimento...

Liberto enfim!... Alegre e delirante,
Sonha empunhar espada e fino guante
Picando irmãos em luta fratricida!...

Desperta! E Oscula em lágrimas ditosas
As pequeninas feras belicosas
Com quem purgara os erros de outra vida.

(*) Filho de Desidério de Melo e de D. Clarinda de Melo, LM, além de poeta, foi professor, poliglota e jornalista. Um dos fundadores e diretores de O Garoto, em sua terra natal. Órfão de pai desde cedo, foi um autodidata. Desde que se tornou espírita, passou a ser devotado colaborador de A Flama (hoje, A Flama Espírita), semanário espírita uberabense, com sonetos bem trabalhados, de conteúdo doutrinário. (Uberaba, Minas, 21 de Outubro de 1892 – Patrocínio, Minas, 15 de Agosto de 1953.)

Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos *

Hidra de sentimentos fesceninos,
A obsessão medonha em fúria avança;
O pranto amargo purga a intemperança
Do inferno de passados desatinos.

Dois revéis inimigos, dois destinos
Em que a treva letífera descansa:
Bela jovem, cobaia de vingança,
E um vampiro a sugar-lhes os intestinos.

Morde o hipocôndrio esquerdo a larva enorme,
Ovo teratológico disforme,
Gerando atividade corrutora.

Mas Deus e o tempo forjam doce jugo,
E encarceram-se vítima e verdugo

Sob a maternidade redentora.

(*) Bacharelando-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar "Ribeiro Junqueira", até à desencarnação. Cognominado o "Poeta da Morte" por Antônio Torres, emparelha-se com Antero Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA "o seu grande explorador", segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (In A Lit. no Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (Pan., V, pág.64) que " em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo". (Engenhos Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 – Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: Eu; Eu e Outras Poesias.

ORAÇÃO DAS MENINAS

Maria Celeste*

Papai do Céu que nos dais
Carinho, bondade e amor,
Sede louvado, Senhor,
Na bênção de nossos pais.

Agradecemos em prece,
Cantando de gratidão,
O lar, a saúde, o pão,
A roupa que nos aquece,

O professor que nos guia,
A escola, o caminho, a fonte,
O Sol na paz do horizonte
– Nossa luz de cada dia –,

O orvalho, o perfume, o vento,
As árvores generosas,
A chuva, a canção, as rosas
E os astros do firmamento.

E vimos agradecer
Também a agulha, a peteca
E a nossa doce boneca
Que nos ensina a viver.

Pai Nosso que estais vivente
Na Terra, no Céu, na flor,
Guardai-nos em vosso amor,
Hoje, agora e eternamente.

(*) Maria Celeste é uma entidade espiritual, imensamente querida, nas atividades da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas.

BIBLIOGRAFIA : da Autora espiritual : De Coração para Coração, pelo médium Waldo Vieira.

OURO

RODRIGUES DE ABREU (Benedito Luís de Abreu) *

Todo o ouro dos bancos
Pode nutrir, um dia, a glória do trabalho...

Todo o ouro guardado
Nos altares dos templos
É riqueza da fé
Que o tempo transfigura.

Todo o ouro das jóias
Que espande nos salões
É láurea passageira
Em louvor à ilusão.

O ouro dos museus
A derramar-se, estanque,
Faz-se ornato da morte
Para a festa da cinza.
Todo o ouro das minas
É promessa de pão
E o ouro da moeda
Que auxilia e circula
É sangue do progresso.

Mas apenas o ouro
Que gastas apagando
As aflições dos outros,
Acendendo sorrisos
Em máscaras de pranto,
É o ouro da alegria
Nos tesouros de amor
Que acumulas no Céu.

(*) Poeta, teatrólogo, educador. Escreveu nos principais jornais e revistas dos Pais. Tendo sido a infância de RA uma das mais afanosas, iniciou ele o curso primário em Piracicaba, completando-o em S. Paulo. Depois de muitas reviravoltas por diversos colégios, de outras cidades, regressa o poeta à Capital paulista, onde passa a lecionar. Posteriormente, transfere-se para sua terra natal, desencarnando, mais tarde, em Bauru. Péricles Eugênio da Silva Ramos (in Lit, no Brasil, III, t. 1, página 538) classifica RA como poeta modernista não «histórico» e acrescenta, adiante, que ele «cultivou uma poesia simples, sentimental e dolorida». Embora Afonso Schmidt (in Dic. Aut. Paulistas, pág. 16) o considere «um dos maiores poetas de S. Paulo», Domingos Carvalho da Silva, «o seu melhor crítico», diz que RA, como poeta, foi "alto valor que não chegou a

realizar-se, mas que manteve sempre a sua individualidade» (apud Pan. VI, pág. 80).
(Municipal de Capivari, Est. de São Paulo, 27 de Setembro de 1897 — Bauru, Est. de São Paulo, 24 de Novembro de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: Noturnos; A Sala dos Passes Perdidos; Casa Destelhada;
etc.

OUVE

Adolfo Oscar do Amaral Ornellas*

Escuta! Enquanto a paz da oração te domina,
Qual melodia excelsa, a fremir, doce e mansa,
Há quem padeça e morra à míngua de esperança,
Rogando amparo, em vão, no lençol de neblina.

Ouve! A sombra tem voz que clama e desatina...
É a provação que ruge... A dor que não descansa...
Desce do pedestal da fria segurança,
Transfigura a bondade em fonte cristalina.

Estende o coração!... Serve, instrui, alivia...
Das sementes sutis de ternura e alegria
Prepararás, agora, o jardim do futuro..

Um dia, voltará à pátria de onde vieste
E apenas colherás na luz do Lar Celeste
O que dás de ti mesmo ao solo do amor puro.

(*) Prosador, poeta e teatrólogo, Amaral Ornellas foi, por sete anos consecutivos, secretário da revista «Reformador», órgão da Federação Espírita Brasileira, e membro da Comissão de Assistência aos Necessitados dessa mesma Casa. Vice-presidente do «Grupo Espírita Fé, Amor e Caridade Agostinho», instituição de amparo aos doentes do corpo e da alma. Homem bom e extremamente caridoso, deixou, como médium receitista, um nome benquisto por milhares de beneficiados. Na Diretoria de Estatística Comercial foi funcionário distinto e exemplar. Teatrólogo, escreveu várias peças admiráveis, uma das quais, «O Gaturamo», foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. «Em suas poesias» – diz Manuel Quintão, à pág. 181 do Reformador de 1918 – «ele canta serena e dignamente as suas emoções, sem cair em delíquio de exuberância, em malabarismo palavroso.» (Rio de Janeiro, GB, 20 de Outubro de 1885 – Rio de Janeiro, GB, 5 de Janeiro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias (1ª Série) ; Poesias (2ª Série) ; Iluminuras; etc., além de excelentes trabalhos doutrinários em Reformador e outros órgãos espíritas.

PARA A GLÓRIA DE CRISTO

Antônio Valentim da Costa Magalhães*

-“Para a glória do Cristo!” – era-lhe o emblema de ouro
Ao chegar de clarins, alaúdes e avenas,
Fosse na espada em Roma e no livro em Atenas
Ou a empinar o corcel no campo verde-louro.

Comandante e senhor bramia: - “Guerra ao mouro!”
E exterminava, em fúria, as hostes sarracenas,
A estender sangue e pranto em cárceres e penas,
Com que supunha erguer o Evangelho vindouro...

Um dia a morte chega... Espírito liberto,
O impiedoso tirano ouve Jesus de perto
Que lhe fala de amor ao peito rude e bravo...

Chora...Atende...Depois retorna à Terra e escuta:
- “Para a glória do Cristo!” – e, entregue à nova luta,
Investe noutra corpo a estamenha do escravo.

(*) Romancista, poeta, crítico literário, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante anos no Ri de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do célebre jornal literário – A Semana – e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de Rimário exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos (Pan., III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, GB, 16 de Janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, GB, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: Cantos e lutas; Rimário; Quadros e Contos; Horas Alegres; etc

PASTORAL

Luis Caetano Pereira Guimarães Júnior*

Acompanho a canção que a vida tece...
Chovem raios de sol doirando o espaço...
Verte o rio fugindo, passo a passo,
Do monte em cujos pés o lírio cresce...

Um trilo doce ecoa igual à prece...
Dorme a rosa em botão... Canta o sanhaço...
A flor que não se rende ao vento escasso,
Calma, espera na leira a farta messe...

Á luz do firmamento azul e escampo,
Abrem-se mamonais sorrindo ao campo,
E a brisa, leve e morna, escala a serra...

Meu coração soluça, sonha ainda,
E escuta as gueixas da saudade infinda,
Quando volito além, fitando a Terra...

(*) Poeta, jornalista, contista, comediógrafo, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1869, depois de iniciar os estudos na Faculdade de S. Paulo, seguindo a carreira diplomática. Foi adido à legação brasileira no Chile, em Londres e em Roma, além de haver exercido as funções de secretário de legação em Lisboa. Aposentou-se no cargo de ministro plenipotenciário, na Venezuela. Sócio de várias Associações culturais do Brasil e do estrangeiro, foi fundador da cadeira nº. 31 na Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (Peq. Hist. Lit. Brasileira, págs. 287-288), ao estudar a poesia de Luís Guimarães Júnior, acentuou que «as notas descritivas predominam, geralmente, sobre as subjetivas, o artista sobreleva ao poeta, e o pintor se avanteja ao filósofo», acrescentando, adiante : «Há nos seus painéis um laivo de ternura discreta, um sentimento de melancolia muito particular. » Prefaciando--lhe Sonetos e Rimas, Fialho de Almeida chamou-lhe «o Massenet do soneto» (apud Iracema G. Vilela, Luiz Guimarães Júnior, pág. 110). (Rio de Janeiro, GB, 17 de Fevereiro de 1845 – Lisboa, 19 de Maio de 1898".)

BIBLIOGRAFIA : Corimbos ; Sonetos e Rimas ; Poema dos Mortos ; Filigranas; etc.

PSICOMETRIA

Mário Ribeiro Totta*

Em tudo, em tudo, pelo mundo afora,
Intensa vibração pulsa escondida ;
Da noite espessa ao dia que esplendor,
No silêncio da morte há sons da vida.

No mar, em mutação constante embora.,
Na montanha, no vale, na avenida,
Vibra o Tempo integral na luz de agora,
Fulge a História latente, inesquecida.

Quem ausculta a matéria, em todo estado,
Exuma o livro imenso do passado,
Nos múltiplos cenários do presente.

A Natureza morta ressuscita
Ideal, emoção, sonho e desdita...
A alma das coisas vive eternamente.

(*) prosador, conferencista, poeta, jornalista, desportista, Mário Totta foi membro da extinta Academia Riograndense de Letras, funda-dor da cadeira n° 25. Escreveu em vários jornais e revistas do seu Estado natal, tendo sido co-fundador do Correio do Povo, jornal em que manteve a seção poética «Diário de dois líricos», em colaboração com Souza Lobo. Diplomou-se em Farmácia e, depois, em Medicina. «Professor emérito» da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, ocupou, ainda, vários cargos na Santa Casa de Misericórdia daquela capital, inclusive o de diretor. Exerceu a presidência da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 5 de Janeiro de 1874 – Porto Alegre, 17 de Novembro de 1947.)

BIBLIOGRAFIA : Meu Canteiro de Saudades, versos ; Medicina em Píulas; Breviário da Saúde; etc

PERDOA

Irene Ferreira de Souza Pinto*

Recebe a provação de alma serena.
Desculpa todo golpe que te doa.
Guarda contigo a paz singela e boa,
Inda mesmo ante a voz que te condena.

Tudo no mundo é caridade plena.
A fonte beija a pedra que a magoa
A estrela mostra o brilho na lagoa.
A rosa enfeita o acúleo que envenena.

A árvore esquece o vento que a desnuda.
A Terra inteira serve, humilde e muda.
A chuva desce ao bojo da cisterna...

Perdoa e quebrarás grilhões e algemas,
Buscando, enfim, as vastidões supremas
Para a glória do amor na vida eterna.

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de moura (cole. Poetas Paul, pág.97): "Começou seus estudos no Colégio Florense, de Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do Correio Paulistano." Contista, escreveu na Feira Literária, e em 1921 estreava como romancista, publicando Rosa Maria. No Cemitério da consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o belíssimo soneto "Último desejo", de autoria dela. (amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 – Rio de Janeiro, GB, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

QUANDO JESUS PREGAVA

Wenceslau José de Oliveira Queiroz*

Quando Jesus pregava, o mundo delirante
Ouvia emocionado os poemas divinos...
Na palavra da Fé, a harmonia estuante
Rededilhava nalma os mais formosos hinos...

A Natureza inteira, o Infinito distante,
Os roteiros da Dor e os sonhos peregrinos
Recolhiam da voz do Excelso Viandante
As Canções da Bondade e os Celestes Ensinos.

A magia do Amor tocava a criatura,
Transfundindo a, revolta em suave sorriso,
O apogeu da aflição em auge de ventura.

A vestir de Esperança a Terra enferma e escrava,
Doce, pura e sublime, a luz do Paraíso
Banhava o mundo em paz, quando Jesus pregava...

(*) Poeta, jornalista, conferencista, crítico literário e polemista ardoroso, foi Wenceslau de Queiroz um dos precursores do Simbolismo entre nós, e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, aí tendo ocupado a cadeira nº. 9. Bacharel em Direito e Juiz Federal em S. Paulo, era um dos companheiros mais assíduos de Emiliano Pernetá. Redator-chefe do Correio Paulistano. Alma afetiva e coração sensível, viveu uma existência amargurada. Ezequiel Freire chamou-lhe «Baudelaire paulistano.>. (Jundiaí, Est. de S. Paulo, 2 de Dezembro de 1865 – S. Paulo, 29 de Janeiro de 1921.)

BIBLIOGRAFIA : Goivos ; Versos ; Heróis ; Sob os Olhos de Deus ; etc.

RECOMEÇO

Pedro Carlos da Silva Rabelo*

Fome de perfeição jungindo ao peito
As aflições e as dívidas que arrasto,
Implorei renascer, jurando vasto
Testemunho de amor, no trilho estreito.

Mas, de retorno à carne, inquieto, aceito
O orgulho por tutor cego e nefasto.
Quero, domina, exijo, gozo e gasto
Os tesouros da vida, sem proveito.

A morte chega e, trágica, desnuda
Minhalma aparvalhada, triste, muda,
Despertando os remorsos que padeço.

E regressando à sombra, a sós comigo,
É a paz de um novo corpo que mendigo,
O berço, a dor, a luta, o recomeço!...

(*) Poeta lírico e prosador, PR foi membro da Academia Brasileira de Letras. Deixou preciosa coleção de versos e contos. Tendo logrado, na posição de «conteur», utilizar-se do «humour» de que Machado de Assis se fizera mestre, mostrou-se influenciado, todavia, pelo autor de Papéis Avulsos. Colaborou em diversos jornais e revistas, e, com assiduidade, na Gazeta de Notícias. Ao desencarnar, exercia o cargo de chefe de seção da Secretaria do Conselho Municipal. (Rio de Janeiro, GB, 19 de Outubro de 1868 – Rio de Janeiro, GB, 27 de Dezembro de 1905.)

BIBLIOGRAFIA: Ópera Lírica, Versos; Alma Alheia, contos.

REENCARNAÇÃO

Antônio Francisco da Costa e Silva*

De cima a cima, a idéia viva esbarro...
Luzem constelações... O Céu rutila...
Estrelas resplendentes fazem fila,
Multicores vagões do Etéreo Carro.

Mas revejo, enlevado, o sol da vila...
O regaço materno, ansioso, agarro ;
Ouço meu pai de crônico pigarro
E a voz do lar por música tranqüila.

Fito a mesa singela, o caldo, a broa;
O velho cão rafeiro geme à toa...
Ah! Saudades! Sois tudo quanto exerço!...

Preces a Deus, em lágrimas, transponho...
Aspiro a refazer a vida e o sonho,
Quero chorar nos júbilos do berço!...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se da Costa e Silva para o Recife, onde, somente em 1913 veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» – escreveu Andrade Muricy – «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 ç' de Novembro de 1885 – Rio de Janeiro, GB, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

REENCARNAÇÃO I

Há séculos, num carro de esplendores,
Minha vida era a angústia de outras vidas,
Estraçalhava multidões vencidas,
Coroadado de púrpura e de flores.

Depois... A morte, os longos amargores...
Depois ainda... A volta a novas lidas,
O berço pobre, o manto de feridas,
A solidão e os prantos redentora.

Volve do rei antigo um réu que espanta,
E o Senhor concedeu-me a lepra santa
Para cobrir-me em chagas benfazejas!...

Mas, hoje, livre enfim de toda algema,
Posso saudar a dor justa e suprema:
– Emissária da luz, bendita sejas!...

(*) Poeta, jornalista e teatrólogo. Filho de pais pobres, só à custa de muito trabalho e esforço próprio conseguiu ocupar o cargo de tesoureiro na Prefeitura Municipal de Bauru. Inteligente e estudioso, fez parte da redação do Correio da Noroeste, da mesma cidade. Por volta de 1930, ao saber-se portador do mal de Hansen, abandonou aqueles cargos. Internando-se no Asilo Colônia de Aimorés, prestou ativa e ampla colaboração às autoridades do Sanatório e aos companheiros de infortúnio. Transferido, em 1937, para o Asilo Colônia de Pirapitingui, aí construiu e dirigiu um Centro Espírita, que, a seu tempo, constituía autêntico oásis de paz para quantos ali se encontravam agrilhoados ao carro da provação. Sua vida, como ele mesmo o afirmou (Flores de Outono, pág. 7), «está dividida em duas etapas, – a do homem comum, sem objetivo além da morte, e a do homem espírita-cristão, que já viu os clarões da aurora boreal da imortalidade». Não obstante coberto pelo manto da lepra redentora, o poeta de «Uma Vida» soube alimentar a esperança, confiante na Providência. (Borebi, Est. de S. Paulo, 12 de Julho de 1902 – Asilo Colônia Pirapitingui, Est. de S. Paulo, 16 de Fevereiro de 1947)

BIBLIOGRAFIA : Flores de Outono.

REGRESSO

Quis tornar, e voltei da mansão luminosa
Ao sítio que eu deixara em franca primavera.
Entretanto, ai Senhor! É a lágrima que espera
A ilusão que eu guardava, indefinida e ansiosa...

O caminho de entrada, envolto em giesta e rosa,
Mostra agora murais de lodo sob a hera,
Transformara-se a casa em medonha tapera,
Monte de pedra e cal sobre a terra arenosa.

Ah! funesta ilusão, que inda agora me esmagas!...
Esposa, filhos, bens, tudo, tudo fugira,
Nem sequer uma flor que sonhe ou reconforte...

Caio vencido e só... O pranto corre em bagas,
E agradei chorando os golpes da mentira,
A escola que há no tempo e a lição que há na Morte!

*O comunicante não se identificou para os assistentes da reunião a que compareceu pelas mãos do médium

Antônio Francisco da Costa e Silva*

Ressurreição! A madrugada flórea!...
O céu brilhando, em mágica oferenda...
Estranho à nova luz que se desvenda,
Vejo as telas antigas da memória.

E' minha mãe, contando velha história,
A corrente do rio a fazer renda,
A cana soluçando na moenda
E a pátria serra olhando a altura inglória.!...

O caminho estrelado principia...
A morte abriu as fontes da alegria,
Na taca da amplidão que se descerra!

Fulge o carro da vida renascente,
Mas volto à sombra e choro a dor pungente
Da saudade sem fim de minha terra!...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se da Costa e Silva para o Recife, onde, somente em 1913 veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» – escreveu Andrade Muricy – «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 de Novembro de 1885 – Rio de Janeiro, GB, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

RICOS, OUVI

Emílio de Menezes *

Aflito peregrim, que na carne conservas
Cofre, arca, tesouro e riquezas humanas,
Converte em pão e luz pecúlios e reservas
Em prol de quem padece a mingua nas choupanas.

Criaturas, na terra, existem como servas
Atadas ao grilhão da posse, em feras ganas,
No sinistro prazer das mentiras protervas,
Aos priscos sonhos vis das ilusões vesanas.

Ao homem que se esquece e jamais se vigia,
A fortuna mais alta é cárcere e desdouro...
Enriquece de amor a existência vazia.

Destruirás, desde agora, o ergástulo vindouro
Que encerra a alma infeliz nas raias da agonia,
Qual soterrado vivo em mausoléu de ouro.

(*) Amigo de Guimarães Passos e Olavo Bilac, Emílio foi uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro. Temido poeta satírico, o "Caçados de rimas difíceis", no dizer de Agrippino Grieco, conquanto eleito, em 1914, somente dias antes de sua desencarnação veio a tomar posse no Petit Trianon, sem as formalidades exigidas pelo Regulamento da Academia. Saliente E. Werneck que "Emílio de Menezes gravou os seus poemas a buril: foi um dos mais extremados na perfeição artística e no labor da forma cuidada". (Curitiba, Paraná, 4 de julho de 1866 – Rio de Janeiro, GB., 6 de junho de 1918).

BIBLIOGRAFIA: Marcha Fúnebre; Poemas da Morte; Poesias; Últimas Rimas; etc.

ROGATIVA PATERNAL

Gonçalo Casimiro Jacome de Araújo*

Deixem-me o corpo assim na cova rasa,
Sem símbolos, sem lousa, sem legenda...
Amados filhos meus, ninguém se ofenda,
Embora o imenso adeus de pranto em brasa.

Parto, revendo a infância e a velha casa,
As paredes de barro, o pão da venda,
E a pobreza que sofre sem contenda
No lar onde o carinho se extravasa.

Nem coroa, nem manto, nem adorno,
Nem o luto que a lágrima entretece,
Nada que de mim mesmo, em vão, me forre!

Sentindo o sol de Deus vibrando em torno,
Quero sòmente os júbilos da prece
Na alegria do amor que nunca morre...

(*). Discípulo de Cruz e Souza, integrante ativo do grupo da Rosa-Cruz, Gonçalo Jácome, depois de cursar, por algum tempo, a Escola Militar da Praia Vermelha, foi funcionário dos Correios do Rio de Janeiro. A. Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., II, pág. 184) diz que GJ «nunca deixou (...) o tom típico, a ênfase e o hermetismo de poeta nefelibata ou decadente». Prefaciando-lhe a obra Inanis Labor, achou Carlos D. Fernandes que GJ era «um místico dos primeiros séculos do Cristianismo». (Pernambuco, 27 de Fevereiro de 1875 – Rio de Janeiro, GB, 10 de novembro de 1943).

BIBLIOGRAFIA: Felix Culpa e Inanis Labor.

SERENIDADE

Oscar Amadeu Lopes Ferreira*

Mostras gesto revoltado, olhar assustadido,
Trazes velha aflição que a tudo atinge e invade,
Caminhas torturando o mundo em desserviço,
Gerando agitação, desânimo, ansiedade...

Diasipas vida, carne e tempo em reboiço.
Asserena-te, espera!... Assim qual és, quem há-de
Aconselhar-te, irmão, a que te deixes disso,
Se não sentes, sequer, a própria realidade?

Vocação de corisco a tremer cada instante,
Amargas sono inquieto e fôlego expirante.
Senta-te, amigo, e ora! Acalma-te, medita!...

Plantas em cada passo um triste desengano!
Porque pressa? Se a morte é o fim do corpo humano,
A alma prossegue, além, na jornada infinita!...

(*) Bacharel em Direito, poeta, jornalista, cronista, contista, dramaturgo e conferencista, Oscar Lopes foi o primeiro presidente efetivo da Sociedade dos Homens de Letras, no Rio de Janeiro. Nessa cidade viveu desde a meninice, e aí iniciou e concluiu a sua formação literária. Foi redator da Gazeta de Notícias e do Brasil, cuja seção literária e artística lhe cabia, e ainda colaborou em O Paiz, no Kosmos, na Renascença e outras publicações da então Capital Federal. «Como cultor das musas, guardou-se nos páramos da beleza parnasiana. Era ourives cioso trabalhando o ouro de lei das suas poesias. Elísio de Carvalho, que lhe apreciou cuidadosamente a obra poética, afirma que «Oscar Lopes, com ser um artista meticuloso e fleumático, é um pintor de tintas delicadas, um aquarelista elegante, uma paisagista exímio».» (apud Antologia Cearense, pág. 370.) (Fortaleza, Ceará, 31 de Dezembro de 1882 – Rio de Janeiro, GB, '1º de Outubro de 1988.)

BIBLIOGRAFIA : Medalhas e Legendas ; O Albatroz ; Seres e Sombras;
etc.

SERVIR

Adolfo Oscar do Amaral Ornellas*

Servir é a grande lei... Todo o Universo ensina
A retê-la por luz que vem da Eterna Chama.
Observa a Natureza... É o Céu que se derrama
Para a glória do Amor como essência divina.

Toda força do bem, por fraca e pequenina,
Não foge de atender na senda que a reclama...
Um só lírio no charco é jardim sobre a lama,
Basta um raio de sol e a fumaça se ilumina.

Não conserves a vida indiferente, muda.
Desperta e estende as mãos! Alenta, ampara, ajuda,
Semeando na estrada a alegria incorpórea!...

E sonhando, qual verme a trabalhar de rastros,
Remontarás, um dia, à imensidão dos astros,
Para servir com Deus em suprema vitória.

(*) Prosador, poeta e teatrólogo, Amaral Ornellas foi, por sete anos consecutivos, secretário da revista «Reformador», órgão da Federação Espírita Brasileira, e membro da Comissão de Assistência aos Necessitados dessa mesma Casa. Vice-presidente do «Grupo Espírita Fé, Amor e Caridade Agostinho», instituição de amparo aos doentes do corpo e da alma. Homem bom e extremamente caridoso, deixou, como médium receitista, um nome benquisto por milhares de beneficiados. Na Diretoria de Estatística Comercial foi funcionário distinto e exemplar. Teatrólogo, escreveu várias peças admiráveis, uma das quais, «O Gaturamo», foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. «Em suas poesias» – diz Manuel Quintão, à pág. 181 do Reformador de 1918 – «ele canta serena e dignamente as suas emoções, sem cair em delíquio de exuberância, em malabarismo palavroso.» (Rio de Janeiro, GB, 20 de Outubro de 1885 – Rio de Janeiro, GB, 5 de Janeiro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias (1ª Série) ; Poesias (2ª Série) ; Iluminuras; etc., além de excelentes trabalhos doutrinários em Reformador e outros órgãos espíritas.

SINHÁ TEODORA

Ah! minha outra mãe, Sinhá Teodora,
Ninguém te enxuga às lágrimas do rosto,
Mas prossegues gemendo a contragosto,
Arrimada à muleta que te escora...

Sofreste, sorridente, vida afora ;
Cantarolavas, tonta de desgosto...
Para onde te encaminhas, ao sol-posto,
A tropeçar, cansada e triste, agora?

Que demandas com tantas agonias?
Ergues ao céu as mãos magras e frias...
Há luz que se derrama de alta esfera...

Choras... No entanto, a paz do firmamento
Diz-me que vais, assim, coxeando ao vento,
Para os braços do Cristo que te espera.

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d’Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc.

José Júlio da Silva Ramos*

– “Ouro, luxo e prazer é o que a vida resume!” –
Brada jovem mulher sobre doirada escória ;
Vive, bela, a voejar na carne ardente e flórea
E morre num salão, em vagas de perfume. ; .

No pesadelo, a sós, loucamente presume
Resguardar no sepulcro o carro de vanglória;
Mentaliza brasões na caverna marmórea,
Ergue em franco delírio a cabeça de nume...

Supõe-se em pleno baile e dança, viva, lesta,
Exige a gargalhar mais música na festa,
Pede vinho e caviar sem que ninguém a acoite...

Súbito, acorda e grita, a encravar as mãos finas
Nos troncos espectrais das tristes casuarinas
Que gemem a chorar, sob os ventos da noite...

(*) Emérito professor de Português do Colégio Pedro II, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº37, prosador primoroso e poeta lírico de profunda inspiração, Silva Ramos fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Filólogo dos mais eminentes, soube influenciar espíritos de escol quais Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Sousa da Silveira. Colaborou em diversas publicações, como A Semana, Revista da Academia Brasileira de Letras, Renascença, etc. «A magnanimidade de Silva Ramos» – disse Alcântara Machado – «é atestada não por este ou aquele capítulo, mas por todas as páginas da sua existência.» (Recife, Pernambuco, 6 de Março de 1853 – Rio de Janeiro, GB, 16 de Dezembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: Adejos; Pela Vida Fora; A Reforma Ortográfica; Centenário de João de Deus, conferência ; etc.

SOLUÇÃO MATERNAL

Andradina América de Andrada E Oliveira*

Perdoa-me a loucura, pobre filha,
Entreguei-te ao salão, inerme criança,
E ao dizer-te : – “repousa, folga e dança”,
Envolvei-te em meu logro, de partilha...

Contemplo-te a bailar... O palco brilha...
És volúpia, beleza, intemperança...
Escuto em prece o aplauso que te alcança
E lamento a vitória que te humilha...

Ah! minha triste pérola perdida,
Novamente daria sonho e vida
Para furtar-te ao fogo em que te abrasas!

Mas tudo agora é a mágoa que me entrega
Á imensa dor de ver-te rica e cega,
Mariposa queimando as próprias asas!...

Poetisa, contista, romancista, iniciou sua vida literária, quase menina, conforme afirma sua filha Lola de Oliveira em Minha Mãe!, escrevendo em inúmeros periódicos sul-riograndenses. Foi também teatróloga e aplaudida conferencista. Professora pela Escola Normal de Porto Alegre, com distinção em todas as matérias, a poetisa de Folhas Mortas lecionou em cursos particulares, em várias cidades gaúchas, depois de nove anos dedicados ao magistério público. Fundou um jornal literário feminino, O Escrínio, mais tarde transformado em revista ilustrada, e formou, segundo Antônio Carlos Machado, entre as maiores feministas brasileiras de sua época. De 1920 até à sua desencarnação, residiu na capital paulista. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de Junho de 1878 – S. Paulo, 19 de Junho de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Folhas Mortas; Preludiando, contos; Cruz de Pérolas, contos ; etc.

SONETO

Era a última hora para a cabeça estática
Que pensava, apesar de tudo.
O corpo anestesiado no suor denso e álgido
Não movia sequer leve ponta do dedo.

Os olhos haviam parado dentro das órbitas,
Mas no imóvel espelho das pupilas
Aumentara a visão com estranha potência,
Sob a ação de outros raios.

Teto, paredes, portas desapareceram como por encanto
E comecei a ver, pela gaze das lágrimas,
Antigas afeições que imaginava mortas...

Velhos amigos meus vinham, prestas, do Além, a enxugarem-me o pranto.
Encontrara o outro mundo! E quis gritar, eufórico,
Mas a garganta seca era apenas silêncio.

(*) Poeta largamente relacionado e estimado nos ambientes literários e sociais de Belo Horizonte. Italiano de nascimento, veio com os pais, ainda menino, para o Brasil, fixando-se em Ouro Preto. Em 1897, inaugura, da a nova capital mineira, aí passou a residir até ao fim de sua existência. Foi uma das principais expressões do alto comércio de Belo Horizonte e elemento de valor nos círculos literários que nessa cidade se formaram à sombra de Alphonsus de Guimaraens e de Mendes de Oliveira. «Poeta de largos recursos,» – di-lo a Folha de Minas, em 5 de Novembro de 1948 – «era também Artur Ragazzi uma alma pura e sensível a todas as manifestações do calor humano..» Em vários jornais e revistas mineiros e cariocas saíram estampadas as suas produções líricas, «donde rescendem impulsos sinceros de uma inspiração privilegiada, a par de notável poder de expressão verbal». (Veneza, Itália, 31 de Julho de 1879 – Belo Horizonte, Minas Gerais, 4 de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA : Cavaleiro Andante ; Coivara Acesa ; algumas inéditas.

TARDE DEMAIS

O insucesso no amor – torva loucura!
– Minara-lhe a razão já combalida,
E no silêncio atroz da noite escura
Resolve exterminar a própria vida...

A taça de veneno, em mão segura,
Tomba o corpo no espasmo da partida...
Horas depois, em brasas de tortura,
A alma da jovem clama, arrependida!...

Junto à forma indefesa, enregelada,
Ela, à feição de rosa, jaz pendida
Da haste imóvel e triste a que se aferra...

Convertera em abismo a curta estrada!
E, entre abatida e pávida, a suicida
Tarde demais pranteia sobre a terra!...

Jornalista e poeta, pertenceu Guterres Casses à Sociedade de Homens e Letras do Brasil, bem como à extinta Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira nº. 9. «Uma das figuras mais representativas do Parnaso Gaúcho», segundo Antônio Carlos Machado (Col. Poetas Sul-Riogr., pág. 243). Promotor público em várias cidades do seu Estado. Inspetor Federal do Ensino e redator da revista A Noite Ilustrada, do Rio. (Alegrete, Rio Grande do Sul, 26 de Junho de 1890 – Rio de Janeiro, GB, 28 de Novembro de 1945.)

BIBLIOGRAFIA : Stradivarius, versos. Deixou inéditos : Filigranas e Rimas d'Antanho.

TEATRO

Lulu Parola (Aloísio Lopes Pereira de Carvalho) *

Quanto caboclo iludido
No esforço de ovacionar!
Quanto tempo, em vão perdido!
Mas, amanhã, sem ruído,
Dona Morte vai chegar!...

Vejam vocês, minha gente,
Que teatro original!
Dentro dele quem não sente
O poder da nossa mente,
Nossa cultura ideal?

Quanta buzina que soa!
Quantos carros em ação!
Vejam só quanta pessoa,
Gente rica e gente atoa...
Hoje é dia de função!

Que moderna arquitetura!
Colunatas no jardim,
Decoração, escultura,
E paredes com pintura
De uma beleza sem fim!

Brilha a riqueza excessiva!
Luz solar em profusão.
Muita música festiva,
E criança que se esquiva
Circulando no saguão.

Mas em meio ao vozerio,
Rápido, surge um senhor
Em pleno palco vazio.
Silêncio quase sombrio
No recinto encantador.

A exibição que se espera
Afinal vai começar!
O povo que se aglomera
Olha o ator de cara austera,
Ele agora vai falar!

Surgirão flores e cenas?
Arte e ciência também?
Montagens grandes, pequenas?

Bons episódios que apenas
Falem da força do bem?

Nada disso! Ai nossos calos!
Escutem! Todos vão ver!
Nem gritos e nem abalos!
E' a grande briga de galos,
De matar ou de morrer!...

Quanto caboclo iludido
No esforço de ovacionar!
Quanto tempo, em vão, perdido!
Mas, amanhã, sem ruído,
Dona Morte vai chegar!...

(*) Devotado jornalista, e poeta de humor fino e original. Manteve, de 1891 a 1919, uma seção diária de versos humorísticos no Jornal de Notícias, de Salvador, intitulada «Cantando e Rindo», assinando-a Lulu Parola, pseudônimo literário com que se popularizou. Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira n. 2. Deputado estadual. Redator de A Tarde, de 1925 até o dia de sua desencarnação. Florêncio Santos, no seu artigo – Reminiscências da «A Tarde» – estampado no Jornal do Commercio de 28 de Outubro de 1962, assim se referiu a ele : «Homem bom e amigo leal, era Aloísio um chefe de família exemplar. Desprovido de bens materiais, foi um nababo da inteligência e do idealismo.» (Salvador, Bahia, 27 de Março de 1966 – Salvador, 2 de Fevereiro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: Cantando e Rindo, 14 Série; Cantando e Rindo, 2' Série ;
etc

TEMPO E MORTE

Juvêncio de Araújo Figueredo*

Sim!... Minha alma partira e os Espaços buscara,
Lá onde esplende a Luz em perenal transporte,
E viu que Alguém pintou na imensa tela clara,
Sem pincel e sem tinta, o Amor de norte a norte.

Hoje sei que, na Terra, a quem não se prepara
Na oficina do Bem que instrua e reconforte,
Abre-se a escarpa hostil de nova senda ignara
Em que a Vida ressurgue atormentando a Morte.

Foge o Tempo, a sumir sorrateiro e calado...
No ergástulo de carne o Espírito enlanguesce
Entre o sol do Porvir e as brumas do Passado.

A idear no Infinito amplas visões sonoras,
Quisera, transfundindo o coração em prece,
Exaltar para o Mundo a grandeza das horas!...

(*) Grande amigo e discípulo de Cruz e Souza. Membro da Academia Catarinense de Letras e do Centro Catarinense de Letras. A. Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., I, pág. 209) diz que AF foi considerado «príncipe dos poetas catarinenses». Redigiu vários periódicos do seu Estado natal, tendo colaborado no Diário de Notícias, na Cidade do Rio e em outros órgãos do Rio de Janeiro. Conta Osvaldo F. de Melo. (Int. Hist. Lit. Cat., pág. 119) que Araújo Figueredo, na última década de sua vida, encontrou na filosofia espírita <:um porto para seus anseios místicos e um céu para seus vãos metafísicos>. «Então» – prossegue Osvaldo Melo – «já não se notava o místico torturado de Sombras Amigas, mas um poeta cheio de paz, num retorno a emoções naturais, mais extrovertido, como a sepultar, no calor e na luz de seus versos, uma longa fase de angústia filosófica que ele julgava superada.» (Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina, 27 de Setembro de 1864 – Florianópolis, 6 de Abril de 1927.)

BIBLIOGRAFIA : Madrigais ; Ascetério ; deixou alguns livros inéditos.

"TI" PEDRO

Cornélio Pires *

O mendigo que chora, treme e passa
Fora cultivador de terra alheia.
Em dado instante, hesita, cambaleia...
Há quem o julgue cheio de cachaça.

“Ti” Pedro cai e é preso em plena praça
E, morrendo, nas lajes da cadeia,
Revê toda a fortuna a que se enleia :
Cinco tostões num trapo de alcobaça.

De Espírito liberto, entrada afora,
Ouve música ao longe... E’ quase aurora...
“Ti” Pedro sobe leve como o vento;

E crê que o próprio Deus lhe acalma as dores,
Nas estrelas que pendem como flores
No pau d’arco de luz do firmamento.

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d’Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc.

TRÊS ESTRELAS

João de Deus Ramos*

Três estrelas que o céu guarda e emoldura,
Descem, descem, velozes pelo espaço,
Seguem reunidas por divino laço,
Buscando a Terra além, magoada e escura...

Pousam, enfim, na gleba áspera e dura,
Luzes varando o serro triste e baço,
E avançam, refletindo, traço a traço,
A projeção de sol da imensa altura...

A quem vão socorrer na senda humana?
Sob a pálida luz da lua cheia,
Para onde marcha a excelsa caravana?

Descem, agora, as três, aquém do monte,
E abraçam pobre mãe que ora e pranteia,
Em gelado desvão de velha ponte...

(*) De origem humilde, João de Deus bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1859 exercendo brilhantemente o jornalismo e o magistério, sendo considerado um verdadeiro apóstolo da instrução "É um lírico inimitável" dele diz Mendes dos Remédios (História Lit.Port. Pág.586) -" é o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguém teve a arte de dizer coisas mais belas em frases tão simples. » (S. Bartolomeu de Messines, Algarves, Portugal, 8 de Março de 1830 - Lisboa, 11 de Janeiro de 1896).

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: Flores do Campo; Ramo de Flores; Folhas Soltas; Cartilha Maternal, etc. ; b) do poeta desencarnado Jardim da Infância, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

TROVAS

Virgílio Brandão*

Há diferença nas ruas
Da miséria e da abastança,
Mas é sempre igual nas duas
O sorriso da criança.

Coração que choras tanto,
Acharás decerto, um dia,
No imenso mar de teu pranto
As pérolas da alegria.

–Eis a verdade corrida
Nas sendas de toda sorte :
Se a morte sucede à vida,
A vida sucede à morte.

O corpo diz ébrio e ufano :
– Domino e gozo tranqüilo!
Diz a cova ao corpo insano :
– Deixa estar que eu te aniquilo!

Guarda bem essa lição
Em teus passos descuidados :
Pressa, falha e imperfeição
Caminham de braços dados.

A história de toda gente
Na eternidade é assim :
Provação primeiramente,
Depois a glória sem fim.

(*) Segundo Augusto Linhares (Col. Poetas Cearenses, pág. 117), VB foi um «poeta lírico à maneira de Juvenal Galeno». Muito dado ao cultivo da trova, «há em suas quadrinhas a fluência e a doçura que tanto agradam ao nosso sentimento», diz Mário Linhares (Hist. Lit. Ceará, pág. 103). Colaborou em quase todas as revistas literárias de Fortaleza. Era funcionário do Tesouro Nacional. Profunda neurastenia levou-o ao suicídio. (Fortaleza, Ceará, 10 de Junho de 1885 – Fortaleza, 12 de Abril de 1943.)

BIBLIOGRAFIA : Líricas ; Redondilhas, 2 vols. Deixou a publicar Redondilhas e Cromos (ed. definitiva).

ÚLTIMO DIA

Antônio Joaquim Pereira da Silva*

Não era mais o lume de Aladino
Que trazia na mão dorida e pasma,
Era a tremura de um doente de asma,
Ouvindo, inerme, o choro do destino.

O leito igual ao chão de lodo e miasma
Fêz-se lousa de gelo em Sol a pino...
Quero gritar em vão, quanto um menino,
Amedrontado à sombra de um fantasma.

Divago. Embalde movo os lábios perros.
Varo – errante viajor – impérvios serros...
Meu sonho é um velho cão ladrando à lua...

Tudo – silêncio pálido de esfinge...
É o nada... A dor do nada que me atinge
Mal sabendo que a vida continua...

(*) No Rio de Janeiro, Pereira da Silva foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, ingressando, depois, na Escola Militar. Transferido, mais tarde, para o Estado do Paraná, aí se tornou dedicado amigo de Dario Veloso e de outros poetas da sua estirpe. Deixando o Exército, voltou ao Rio. Estudou Direito e aderiu ao grupo simbolista da Rosa-Cruz. Foi redator da Cidade do Rio, colaborando em outras publicações da imprensa carioca, como crítico literário. Em 1933 ingressou na Academia Brasileira de Letras, cadeira nº. 18. Luís Murat considerou Pereira da Silva um dos maiores poetas da sua geração, «homem que possui uma grande cultura, a par de uma grande inspiração» (apud Pereira da Silva, *Beatitudes*, pág. 228). (Araruna, Serra da Borborema, Paraíba, 9 de Novembro de 1876 – Rio de Janeiro, GB, 11 de Janeiro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA : Vae Soli! ; Solitudes ; O Pó das Sandálias ; Alfa Noite; etc.

ULTIMA HORA

Antônio Joaquim Pereira da Silva*

A noite avança. À luz do olhar nevoento,
Escuto o alarme... A rude voz do instinto
Fala da morte. Em lágrimas pressinto
A lividez do trágico momento.

Espantado, atravesso o labirinto
Dos delírios e sonhos que apascento.
Vencido, o coração pulsa violento,
Ave apresada ao peito semi-extinto.

Tristeza, sombra e pó... Cinza e canseira...
A idéia tomba. É a hora derradeira,
Na exalação dos últimos instantes.

Desço de todo ao caos que me agonia,
Mas livre enfim, soluço de alegria,
No caminho dos astros cintilantes.

(*) No Rio de Janeiro, Pereira da Silva foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, ingressando, depois, na Escola Militar. Transferido, mais tarde, para o Estado do Paraná, aí se tornou dedicado amigo de Dario Veloso e de outros poetas da sua estirpe. Deixando o Exército, voltou ao Rio. Estudou Direito e aderiu ao grupo simbolista da Rosa-Cruz. Foi redator da Cidade do Rio, colaborando em outras publicações da imprensa carioca, como crítico literário. Em 1933 ingressou na Academia Brasileira de Letras, cadeira nº. 18. Luís Murat considerou Pereira da Silva um dos maiores poetas da sua geração, «homem que possui uma grande cultura, a par de uma grande inspiração» (apud Pereira da Silva, *Beatitudes*, pág. 228). (Araruna, Serra da Borborema, Paraíba, 9 de Novembro de 1876 – Rio de Janeiro, GB, 11 de Janeiro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: *Vae Soli!* ; *Solitudes* ; *O Pó das Sandálias* ; *Alfa Noite*; etc

Rico, vivia a sós, desde longínqua data.
Afangava o metal resplandecente e louro...
Nem um pão a ninguém. Sòmente ouro e mais ouro,
Entre pedras faiscando e baixelas de prata.

Conservava o vintém com a devoção de um mouro.
Surge, porém, a dor que o despreza e maltrata
E, depois, vem a morte erguendo a foice ingrata,
Que o lança em desespero a fundo sorvedouro...

Sem o corpo de carne é um louco que esbraveja,
Quer governar, ainda, a migalha e a bandeja;
Enjaulado na sombra, excita-se e reage.

E conquanto pranteie e se lamente embora,
O infeliz Harpagão possui sòmente, agora,
Uma cama de terra e um cobertor de laje.

(*) Emérito professor de Português do Colégio Pedro II, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº37, prosador primoroso e poeta lírico de profunda inspiração, Silva Ramos fêz o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Filólogo dos mais eminentes, soube influenciar espíritos de escol quais Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Sousa da Silveira. Colaborou em diversas publicações, como A Semana, Revista da Academia Brasileira de Letras, Renascença, etc. «A magnanimidade de Silva Ramos» – disse Alcântara Machado – «é atestada não por este ou aquele capítulo, mas por todas as páginas da sua existência.» (Recife, Pernambuco, 6 de Março de 1853 – Rio de Janeiro, GB, 16 de Dezembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: Adejos; Pela Vida Fora; A Reforma Ortográfica; Centenário de João de Deus, conferência ; etc

Velho João, agonizas triste e pobre,
Sem que o mundo, sequer, a mão te estenda ;
Ninguém te oferta um caldo por merenda,
Nem um trapo de pano que lhe sobre...

Ah! ninguém te agradece ao peito nobre
O cansaço na roça e na moenda;
Morres, lembrando as pompas da fazenda,
No sebosos molambo que te encobre.

Percebes, pelos vãos da própria fumaça,
Flores aos borbotões, na paz noturna,
E abandonas o corpo, a fim de vê-las...

Fitas, em prece, a noite calma e santa
E sobes, velho João, como quem canta
Nos milharais do Céu, plantando estrelas!

Roubaste um pão apenas, Mãe querida,
Tu que foste roubada em toda a vida
Por tantos filhos que te abandonaram!...
Mas Deus guarda-te, além, por luz e enfeite,
O tesouro de sangue, pranto e leite
Das pérolas de amor que te furtaram!

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» – recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jornais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em O Malho, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» – di-lo Joffre Martins Veiga – «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 – S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Fevereiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA : Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d'Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc

VERSOS A MINHA MÃE

Antônio Francisco da Costa e Silva*

Pássaro preso no recinto escasso
Do velho canavial, beirando o rio,
Quis ver o mundo vasto e conheci-o,
Varando, em pleno vôo, o azul do espaço...

Lembro-me agora... Enceguecido, abraço
A exaltação, a glória e o poderio...
Mas tudo, minha Mãe, era vazio
Fora do amor que brilha em teu regaço.

Vi mil chagas de dor que a fama incensa
Nos nervos de ouro da cidade imensa,
E prazeres em trágico desmando...

Mas no colo a que, em sonho, me recostas,
Tenho apenas teu vulto de mãos postas,
Que teu filho recorda, soluçando...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se da Costa e Silva para o Recife, onde, somente em 1913 veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» – escreveu Andrade Muricy – «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 ç' de Novembro de 1885 – Rio de Janeiro, GB, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

VIDA - HOJE - EXCESSO - SOBRIEDADE - PRECE

Antonio Fernandes da Silveira Carvalho*

VIDA

Berço e túmulo – surpresa –,
Nascer e morrer do dia.
Num – alegria e tristeza ;
Noutro – tristeza e alegria.

HOJE

Hoje! Auxilia, auxilia,
Mesmo ante a luta que enfade.
Amanhã será teu dia
De sombra e necessidade.

EXCESSO

Estende a luz do progresso.
Quem serve, a si mesmo exalta.
Para quem foge do excesso,
O necessário n falta.

SOBRIEDADE

Generoso e entusiasta,
S comedido também.
Aquele que nada basta,
Tendo tudo, nada tem.

PRECE

No suor dos dias teus,
Usa a oração sem mostr-la.
Na oração falas com Deus,
No serviço Deus te fala.

(*) Tendo concluído o curso de Direito, no Recife, veio a ser redator do jornal A Província dessa cidade. Rumando para o Rio Grande do Sul, ai advogou por muitos anos e exerceu as funções de juiz de 2' Entrância, sendo mais tarde nomeado desembargador. Troveiro de mérito. (Recife, Pernambuco, 18 de Agosto de 1882 – Rio Grande do Sul, 20 de Abril de 1948.)

VOZES

Felícia Cunha

A Juventude exclama: - "Vive e Goza!"-

Doida, invadindo o coração da gente.
O Prazer comparece, presto e ardente,
E pulsa em sensação maravilhosa.

Vem a tola Vaidade, mentirosa,
E grita: - "O mundo inteiro é teu somente!"
O Orgulho volve e manda: - "Segue à frente!
Eu sou, na vida o cetro que te esposa."

No entanto, os conselheiros desumanos
Passam deixando amargos desenganos
No coração que triste e árdego arde.

Chega a Velhice e pede: - "Trabalhemos
Buscando o bem e a luz por dons supremos!"
Mas a Morte repete: - "É muito tarde!"

(*) A autora espiritual não se identificou.

MISSIVA AO COMPANHEIRO

ALFREDO José dos Santos Nora

Toda vitória insensata,

Além, na Luz Infinita,
Tem gosto de patarata
Que não sofre contradita.

O orgulho é a velha bravata
Que a morte desfaz sem grita,
Deixando mofo e sucata,
Revolta, choro, desdita...

Somente a vida correta,
Guardando Jesus por meta,
Faz a estrada livre e enxuta.

Se não queres a derrota
Da ilusão que abraça e enxota,
Trabalha, edifica e luta.

*Após estudar Engenharia até o 4º ano do curso, Alfredo Nora abraçou a carreira de funcionário da Central do Brasil. Poeta e jornalista brilhante, colaborou em várias revistas e jornais. "Conquanto fosse um poeta essencialmente lírico",- escreveu seu amigo Jorge Azevedo (Estado de Minas de 24/9/61) – possuía, sempre afiado, o estilete da sátira. E, nos seus momentos de euforia espiritual, gostava de perfilar a família em versos leves e humorísticos. E gostava, também, e muito de escrever a amigos cartas em versos. (Município de Pirai , estado do Rio, 18/11/1881) – Desencarnou em 13/11/1948.)

CARTA A MEU PAI

PAULO SÉRGIO Milliet Duarte da Costa e Silva *

Ninguém te ouviu a prece de esperança,

Quando entregaste ao berço, de mansinho,
Meu pobre coração de passarinho
4 Engastado no corpo de criança.

Calado herói do bem que não descansa,
Tanta vez a lutar, mudo e sozinho,
Ninguém te enxerga o pranto de carinho
Com que me guardas vivo na lembrança.

E' por isso, meu Pai, que dia a dia
Varo a senda da névoa espessa e fria,
Que o sepulcro de lágrimas nos junca,

Para ofertar-te, ao peito brando e forte,
A certeza da vida além da morte,
Na luz do Amor que não se apaga nunca.

(*) Foi um moço de admirável inteligência, que "vinha revelando, desde a mais verde juventude, dotes excepcionais de poeta e prosador" (**apud O Estado de São Paulo**, 10 de julho de 1949, pág. 11).

Acometido de grave enfermidade aos quinze anos, não chegou a terminar a última série do curso ginasial. Datam essa época as suas primeiras poesias, e o jovem, embora ciente da marcha irreversível da moléstia, "não teve, entretanto, um momento de tibieza, demonstrando, ante a realidade da sua situação, extraordinária fortaleza de espírito" (**id, ibid**).

Além de poesias, escreveu igualmente apreciados contos e se revelou novelista e epistológrafo. Versejava com "sedutora espontaneidade", o que levou Antônio d'Elia a afirmar que Paulo Sérgio "nasceu e viveu poeta" (**apud Dic. Autores Paulistas**, pág. 590).

Possuidor, porém, de severo senso de autocrítica, apenas consentiu que fossem dados à estampa alguns de seus poemas. Partiu da Terra sem ter reunido em livro a sua produção esparsa ou inédita, o que só foi feito postumamente.

Na opinião de Dulce Salles Cunha (**Aut. Contemp. Brasil**, pág. 168), foi ele o "jovel de maior sensibilidade poética entre todos os novíssimos". (S. Paulo, Estado de S. Paulo, 28 de janeiro de 1930 – S. Paulo, SP, 9 de julho de 1949.)

BIBLIOGRAFIA: *Poemas em Prosa; Dez Poemas; Poema da Eterna Caminhada.*

ALÉM-TÚMULO

EMÍLIO KEMP
Larbeck *

1 A alma foge à cadeia...o corpo é cela,
Cova e grilhão de que me desenfurno.
Mas reconheço, humilde e taciturno:
Inda estou preso ao chão que me afivela...

O firmamento exhibe a imensa umbela...
Descanso o olhar nos raios de Saturno...
Milhões de sóis brilhando, ao céu noturno,
São glórias de que a vida se constela...

O espaço, nos recôncavos profundos,
10 Eleva, aformoseia, ascende e prova
A luz de que Deus guarda os dons supremos.

Mas, oh mistério! Em meio a tantos mundos,
Dá-nos a morte apenas veste nova
14 Para ingressar nos mundos que trazemos!

(*) Depois de realizar seus estudos primários e secundários em Niterói, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Paraná, em 1920. Jornalista, poeta, romancista e comediógrafo.

Exerceu importantes cargos técnicos e administrativos em Porto Alegre. Assumiu a direção, em 1913, do tradicional **Correio do Povo**, dessa mesma cidade. No Rio de Janeiro, foi redator de alguns jornais e colaborou nas revistas simbolistas. Membro da extinta Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia Fluminense de Letras. Diz. A. Muricy (**Pan. Mov. Bras.**, II, Pagina 176) que EK era considerado "um dos melhores poetas do Rio Grande do Sul".

(Niterói, Estado do Rio, 9 de outubro de 1873 ** – Por Alegre, Rio Grande do Sul, 9 de outubro de 1955.)

BIBLIOGRAFIA: Poesia; Matinal; Luz Suprema; Cantos de Amor ao Céu e à Terra, etc.

**Emílio Kemp é natural do Estado do Rio de Janeiro, mas esteve vinculado, cerca de quarenta e cinco anos, à imprensa e às letras riograndenses.

Se este ponto está plenamente confirmado, o mesmo não se pode dizer do ano de nascimento do poeta. A data por nós registrada baseou-se em estudos e comparações que realizamos no **Correio do Povo** de 11 de outubro de 1955, pág. 7; na obra **Contemporâneos Inter-Americanos**, redigida por E. Hirschowicz, pág. 507; no **Colar de Pérolas**, de A. Gonçalves, pág. CIX; e no **Jornal do Comércio**, do Rio de Janeiro, de 12 de Outubro de 1955, seção que registra os falecimentos.

1. Cf. nota nº1, pág. 44.

10. Observe-se a adequação dos verbos.

14. Sobre o esquema rimático, veja-se o soneto "Hora da morte"
(in Andrade Muricy, Pan. Mov. Simb. Bras., II, pág. 177).

ALÉM DA NOITE

José FÉLIX Alves Pacheco *

Dos corações clamando agonia e desterro,
Desce o orvalho do pranto em fel de desventura...
A saudade a chorar dita a rota do enterro,
Mas o túmulo em si é breve noite escura...

A alma, divino sol no corpo – escrínio perlo –
Jóia viva a brilhar além da sepultura,
Lucila a esmorecer, sob as tenebras do erro,
Ou cresce a refulgir, se ascende bela e pura.

Onde vá, todo ser caminha lado a lado
Da luz cantando sempre o amor profundo e ardente
Ou da sombra transfeita em pavoroso mito;

A deixar cada dia o crisol do passado,
Vai e vem, a sofrer, no esmeril do presente,
Para estampar-se, enfim, nos troféus do Infinito!

(*) Jornalista emérito, exerceu a profissão, desde moço até a desencarnação, no Jornal do Commercio, do Rio, folha de que chegou a ser diretor-proprietário. Foi ainda historiador, ensaísta, deputado federal, senador e Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Pertenceu a inúmeras associações e ocupou a cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Letras. Poeta dos mais delicados, “figura, em primeiro plano, entre os maiores vultos que o Piauí legou ao Brasil” (apud Félix Pacheco, publicação do Jornal do Commercio, pág. 5) .(Teresina, Piauí, 2 de Agosto de 1879 – Rio de Janeiro, GB, 6 de Dezembro de 1935 .)

BIBLIOGRAFIA : Amores Alvos; Poesias; Lírios Brancos; Descendo a Montanha; etc.

NA ERA DO ESPÍRITO

Antonio de CASTRO ALVES

- 1 O caos invadira a França,
– Olimpo do pensamento.

3 O ódio – lobo famulento,
Range as presas com furor.
Nas ruas – Paris descansa;
Em casa – chora em segredo;
Gigante, arrosta, com medo,
As iras do Imperador.

A Nação encarcerada
Lança em nota clandestina
As safras da guilhotina
E explode: – “Revolução!”
Recorda a Bastilha irada,
Lê Rosseau, à luz da vela,
Esmurra as grades da cela,
Protesta rugindo em vão.

A crença herdada do Cristo
Caíra no sorvedouro
– Turbilhão de pompa e ouro –,
Dobrada ao tacão dos reis.
Em tormento jamais visto,
Nos frios templos, o povo
Exorava aos Céus, de novo,
24 Novos rumos, novas leis.

A Ciência – clava forte – ,
Contra as cadeias medievais,
Partia os grilhões das trevas
Em sarcástico festim,
A exprobar de sul a norte,
Por tirana revoltada:
– “Dominemos! Deus é nada!”
A morte – o portal do fim !”

Ninguém na fé militante...
Mavorte, em fúria, galopa
Nos campos de toda a Europa!
Na África – a abjeção!
Na Austrália – o progresso infante!
Na Ásia – o suor dos parias
Rola em bagas milenárias!
Na América – a escravidão!

Mas o Espaço se descerra!
Jesus, no esplendor dos sóis,
Recruta gênios e heróis
A iluminar o porvir.
De pólo a pólo, na Terra,
46 Flamejam etéreas lampas,
Mensagens brotam das campas,
Ao toque de ressurgir!

Aos clarões da Imensidade,
Kardec chega e inaugura
A Doutrina viva e pura
Da razão à luz do bem.
O Espírito de Verdade

Semeia Divina Messe,
O Evangelho reaparece
Nas Vozes do Grande Além!

Falam tumbas, dançam mesas,
Nascem livros, surgem almas,
Luzem preces, chovem palmas,
Hosanas aqui e ali!
Consciências dantes presas
Rompem torva cidadela;
Pastor guiando a procela,
Jesus conclama: – “Servi!”

Ante a ribalta terrestre,
O Direito renovado
Deixa, ao tropel do passado,
Distinções de raça e cor!
Em triunfo, volve o Mestre,
E acende na mente humana,
Desde o palácio à choupana,
O facho do Eterno Amor!...

O mundo voga num misto
De infortúnio e de esperança,
Pranteia a sorrir e avança
Nas Bênçãos do Excelso Pai!
Kardec reflete o Cristo;
Desfralda, em bandeira à frente,
O convite permanente:
– “Espíritas, trabalhai!...”

(*) Poeta social que exerceu profunda influência sobre a mocidade acadêmica, “o nosso genuíno poeta condoreiro”, no dizer de Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Hollanda (**Rot.**, II, Pág. 533), estudou Direito no Recife e em São Paulo, sem, contudo, concluir o curso. É, sem dúvida, um dos mais importantes bardos da América. “A sua musa” – disse-o Rui Barbosa – “não é só a da Natureza e a do Amor: é também, e sobretudo, a do Heroísmo, a do Direito e a da Glória.” (**Apud Exposição castro Alves**, pág. 339) (Fazenda das cabaceiras, Município de Muritiba, Esta. Da Bahia, 14 de Março de 1847 – Salvador, Bahia, 6 de Julho de 1871.)

BIBLIOGRAFIA: **Espumas Flutuantes; Gonzaga ou a Revolução de Minas; A cachoeira de paulo Afonso**, etc.

PRIMAVERAS DA AMPLIDÃO

BRUNO Henrique de Almeida SEABRA

Escuta, amigo, o meu canto
Enamorado do encanto
De um rincão que me seduz.

Brilham paramos de sonho
Além, no espaço risonho,
Vestidos de paz e luz!...

Lá, seres alvinitentes
São como vivas nascentes
De indefinível fulgor.
Jorram bênçãos, lado a lado,
Quais estrelas no relvado
Florindo bondade e amor.

Em toda a parte fulgura
Clarão de doce ternura
Nas almas que vão e vêm.
Há canções e melodias
Por mensagens e alegrias
Nas vozes do eterno Bem.

23 E por mais o homem na Terra
Pense e sonhe, não descerra
Os amplos e espessos véus
Que envolvem as maravilhas
Desses ninhos, dessas ilhas,
No azul imenso dos céus.

Há perenes primaveras
Pelos edens sem quimeras,
Refulgentes na amplidão.
Formosos e ternos lares
Guardam anjos tutelares
Dos perdidos na aflição.

35 Lábios puros, cristalinos,
Dizem preces, cantam hinos,
Bendizando Nosso Pai.
A musa que enleva e chora,
Em louvores vibra e ora,
E exclama: – “Regozijai!...”

Quem andeja pelo mundo
Repartindo o bem fecundo
Por ali vai residir,
Esperando vidas novas
De prazeres e de provas,
Ao sol do Grande Porvir.

48 Escuta, amigo, o meu canto
Enamorado do encanto
De um rincão que me seduz.
Brilham paramos de sonho
Além, no espaço risonho,
Vestidos de paz e luz!

(*) Poeta lírico por excelência, “gostava de escrever sobre assuntos pátrios e foi exímio pintor de canas, costumes e tipos nacionais”, notabilizando-se também como romancista, comediógrafo e folhetinista. Exerceu o cargo de secretário da Presidência das

antigas Províncias do Paraná, Alagoas e Bahia. Membro de várias Sociedades cultas do Rio, da Bahia e de Lisboa. J. Eustachio de Azevedo chamou-lhe "o João de Deus paranaense", "o poeta do coração", acrescentando: "O sentimento que as suas poesias exprimem é espontâneo, pelos simples motivo de ser a linguagem pura do coração." (Pará, a bordo de um barco ancorado nas proximidades da ilha Tatuoca, 6 de outubro de 1837 – Salvador, Bahia, 8 de abril de 1876.)

BILBIOGRAFIA: Tipos Burlescos ; Flores e Frutos, etc.

23. Cf. nota nº 13, pág. 40.

35. Ler com hiato: *vibra e/ ora* . Atente-se, ainda, no polissíndeto: "e ora,/ E exclama".

48. "Primaveras da Amplidão" responde definitivamente às dúvidas do próprio autor, por ele externadas, quando no plano físico, na sua poesia – ? , cujo fim transcrevemos:

"Sondar procuro este mistério
– A morte –
É mera transição da incerta vida
Para a segura e eterna ou a passagem
De incerta vida para o nada eterno?"
(*Apud Biocrítica*, de C. Chiacchio, pág. 32)

FAÍSCA DE AURORA

Francisco QUIRINO DOS SANTOS

Nas furnas mais hostis da mais hedionda terra,
Rugem forças da sombra em ódio abrasador;
2 São seres a renhir na encarnçada guerra

Do remorso e do crime, em tremendo furor...

Acende a prece, em luz, que a bondade descerra,
6 Por faísca de aurora, inflamada em favor
Do espírito infeliz que às tenebras se aferra
A sufocar no peito as expansões de amor.

Quando a morte apunhala o coração da vida,
A alma que errou, no mundo, exora compaixão,
E um sudário de dor crepeia-lhe a partida...

Eleva o pensamento em santa vibração
E socorre a loucura e a mágoa desabrida
De quem não quer mais crer na bênção da oração!...

(*) Desde cedo se dedicou à leitura de poetas brasileiros e portugueses, e aos 12 anos estreou nas letras com uma sátira. Depois de formar-se, em 1863, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, o poeta de "A Vida" tornou-se redator do **Correio Paulistano**, promotor público em Santos.

Fundou, em 1869, a **Gazeta de Campinas**, órgão abolicionista e republicano. Membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio de quase todas as instituições culturais de S. Paulo.

Foi ainda teatrólogo, crítico e romancista. Leopoldo Amaral apontou-o como "grande poeta, elegante jornalista, habilíssimo advogado", um verdadeiro "meteoro vivo", segundo a expressão de Francisco Glicério (**apud** L. Correia Melo, **Dic. Aut. Paulistas**, pág. 558).

Era deputado provincial quando desencarnou. (Campinas, Est. De S. Paulo, 14 de julho de 1841 – S. Paulo, Est. De S. Paulo, 6 de maio de 1886.)

BIBLIOGRAFIA: **Estrelas Errantes; A Nova Louzã**, romance;etc.

2. Aliteração em *rr*.

PAINEL DO UMBRAL

Antonio FÉLIX DE BULHÕES Jardim *

Minha alma ardendo em febre ante o espaço sombrio,
Sob espessa ilusão torna-se idiota.
Qual duende do horror, contornando o vazio,

- 3 Ia e vinha a penar sem luz, sem paz, sem rota...
- O ponteiro do tempo errava em desvario...
- 6 E eis que horrendo tremor lambe a terra ignota...
Na tortura do assombro, agoniado, espio
A tormenta abismal na vastidão remota...
- Fogaréu a verter de sinistras montanhas...
O fumo a espiralar mil sensações estranhas...
- 1 Lagos de lodo e fel em lava incandescente...
- Agora, mais feliz, sem que o verbo me exprima,
- 13 Sei que o Umbral de angústia aos Paramos de Cima,
14 Ninguém padece, dorme ou sonha eternamente!...

(* Tendo concluído, com 20 anos, o curso de Direito na Faculdade do Estado de São Paulo, Félix de Bulhões ocupou diversos cargos na magistratura goiana, chegando a desembargador. Poeta, jornalista e político, fundou várias publicações, dentre outras, **Goiaz, Província de Goiaz e Tribuna Livre**, onde expunha as idéias de liberal e autêntico antiescravagista. "Muitas vezes" – di-lo o Dr. Jerônimo de Moraes,

Discurso..., pág. 7 – "os seus períodos eram cortantes como o bisturi dos cirurgiões, quando esvurmava as chagas sociais, ou se convertiam em látegos cruéis com que fustigava os adversários desleais..." (Goiás, 28 de Agosto de 1845 – Goiás, est. Do Goiás, 29 de Março de 1887.)

BIBLIOGRAFIA: **Poesias**

4. Cf. Nota nº2, pág. 36.
6. Suarabácti : "i-g-no-ta". Cf. nota 1, pág. 47.
11. Aliteração em *l*.
13. Antítese: Umbral – Paramos de Cima.
14. Descrição magistral das paisagens umbralinas, que, segundo as instruções de Amigos Espirituais, começam na crosta terrena.

DEUS E A HUMANIDADE

TOBIAS BARRETO de Menezes *

– Pára! – repete a voz – Espera! Aguça o ouvido!... –
O homem prossegue, entanto, a passo turbulento...
– Pára ! Não sigas mais ! Ouve ! Sê comedido!... –
Ele teima, rebelde, e vara a sombra e o vento...

– Pára ! Detém-te, agora ! Escuta, precavido!... –
Desce a noite profunda e invade o firmamento...
– Pára! Que já retumba o funesto alarido!... –
7 E rosna o temporal pelo bulcão violento...

8 – Pára! Atende afinal! Busca a bênção da prece!.... –
Mas o surdo viajor ri-se e desobedece,
Satiriza, gargalha e afronta o céu vulcânico....

Como quem foge à voz do socorro divino,
Avança para a dor do seu próprio destino...
14 E mais além um raio espedaça-lhe o crânio...

(*) Chefe da chamada “Escola do Recife”, o poeta sondoreiro de **Dias e Noites** deixou uma obra vasta e imponente. Para Exuperio Monteiro, da Academia Sergipana de Letras “Tobias foi um poeta de grandezas e ternuras”, salientando que “ a dúvida religiosa foi uma das constantes da sua amargurada existência” (**T. Barreto**, pág. 30).

Cultura polimórfica e profunda, escreveu sobre Filosofia, Direito, Literatura, Música, “abrindo novos caminhos à vida espiritual do país”, no dizer de Edgard Cavalheiro. Figura de destaque na Faculdade de Direito de Recife. Lente da Universidade Livre, de Francfort, em 1881.

Patrono da cadeira nº38, na Academia Brasileira de Letras, pertenceu, ainda, ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

Esforçado paladino da imprensa, colaborou em vários periódicos em Recife, tendo fundado e redigido muitos outros.

Orador ,crítico, polemista e perfeito conhecedor de meia dúzia de línguas, Armindo Guaraná considerou-o “o maior dos sergipanos pelo talento e pela erudição”. (Campos, atual Tobias Barreto, Est. De Sergipe, 7 de junho de 1839 – Recife, Est. De Pernambuco, 26 de junho de 1889.)

BIBLIOGRAFIA: Dias e Noites; Estudos Alemães; Discursos;etc.

8. Feliz emprego do verbo *rosnar*, depois de *retumbar* o funesto alarido.
9. Anáfora: “Pára!” – no começo de 5 versos.
14. Excelente estudo do livre arbítrio humano e do determinismo das Leis Divinas, realçado pela conhecida tendência filosófica do Autor.

A LÂMPADA E A CHAMA

ANTERO Tarquínio DE QUENTAL *

A alma clamou cansada ao corpo, um dia:
– “Por que me prendes, barro vil e escuro?
Quem te sustenta por lodoso muro,
Acalentando a noite que me espia?”

Quem te mandou, algema de agonia,
Escravizar-me o sonho vivo e puro?
Quem te criou, cadeia de monturo,
Excitando-me a dor e a rebeldia?"

E o corpo respondeu, calmo e sublime:
– " Eu sou, na Terra, a cruz que te redime,
Não me interpretes por sinistra grade..."

- 12 Deus modelou-me lâmpada de lodo
Na qual és chama do Divino Todo
14 Para fugir além, na Eternidade..."

(*) Grande poeta português, AQ teve especial predileção pelo soneto. Segundo Eça de Queirós, era ele " um Gênio e era um Santo". "É um poeta que sente," – di-lo Oliveira Martins – "mas é um reciocínio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa." Vítima de terrível hipocondria, suicidou-se. Sobre a vida de Antero, publicou-se em 1948 uma das mais completas obras: **Antero de Quental, subsídios para a sua biografia**, por José Bruno Carreiro, em dois grandes volumes, edição do Instituto Cultural de Ponta-Delgada, Lisboa. (Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, arquipélago dos Açores, 18 de Abril de 1842 – Aí desencarnou em 11 de Setembro de 1891.)

BIBLIOGRAFIA : Sonetos de Antero; Odes Modernas; Primaveras Românticas; Os Sonetos de Antero de Quental; etc.

12. Aliteração em *l*.

14. Para que possamos observar o seu modo peculiar de compor sonetos – servindo-se do diálogo – , vamos transcrever-lhe os dois tercetos do famosíssimo "Solemnia Verba" (*apud* Rot. I , pág.221):

"Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor."

SEMPRE

CIRIDIÃO DURVAL *

- Tressuem nossas mãos em atos de bondade
Para quem sorve o fel da amargura suprema,
3 Por mais a injúria espanque, oprima, fira ou brade,
Tomada de loucura em horrível dilema.

Aplaquemos em paz a torva tempestade

- 6 Na alma que clama e chora e se estorce e blasfema,
Sob o visco do mal que a tudo enleia e invade,
A crescer no apogeu da invigilância extrema.

Ante as trevas em luta acirrada e tigrina,
Quando grita a revolta e a paixão tumultua,
São cascatas de luz as preces generosas.

O gesto de humildade é láurea adamantina
Dos recessos do lar à ribalta da rua,
Da Terra escurecida às grandes nebulosas!

(*) Tendo concluído o curso de humanidade no Recife, em 1881, CD ingressou na Faculdade de Direito, formando-se em 1885. Posteriormente, foi nomeado promotor público em Ilhéus. Uma vez criada a Faculdade de Direito da Bahia, passou a reger as cadeiras de Direito Criminal e de Direito Administrativo. Poeta brilhante, jornalista de talento e orador imaginosos, tinha um caráter "cristalizador de amizades e catalizador de simpatias", segundo Romeu de Avelar **in Colet. Poetas Alag.**, pág. 24. Foi dos poetas mais pranteados de quantos desencarnaram em plagas baianas. (Tatuamãha, Alagoas, 3 de Março de 1860 – Serrinha, Bahia, 17 de Agosto de 1895.)

BIBLIOGRAFIA: Sonetos; Ruínas; Acordes.

3. "Por mais (que) a injúria espanque..." : Elipse – "Espécie de FIGURA pela qual se omite, no texto, alguma palavra ou expressão cuja ausência, facilmente submetida, não implica obscurecimento do sentido..."(Geir Campos, *Op. Cit*)
6. Polissíndeto: "...e chora e se estorce e blasfema".

PÁGINA DE AMOR

LIVIO BARRETO *

Quiseste renascer, alma querida,
Disseste haver falido quando amaste...
E, estrela, desprezando o etéreo engaste,
Desceste para as mágoas de outra vida.

Hoje, nas sombras, sofres esquecida,
E eu sofro, por tristíssimo contraste,
No refúgio de sol que me deixaste
Entre afagos de dor, à despedida...

Livre, prendo-me a ti, no mar das horas...
Penso, meditas...Sonho, rememoras....

- 11 Meu coração no teu pulsa, violento.
Embora em pranto, segue que eu prossigo...
Choras, mas cantarás, enfim, comigo
Na castália de amor do firmamento.

(*) De origem humilde, caixeiro e, mais tarde, modesto guarda-livros, Lívio Barreto foi um artista emérito do verso.

Era, segundo Mario Linhares, "o de mais viva originalidade" do grupo da "Padaria Espiritual", famosa entidade literária de Fortaleza, da qual foi ele, LB, um dos fundadores, tomando o pseudônimo acadêmico de Lucas Bizarro. Artur Teófilo (*in O Pão*, ógão da Padaria Espiritual, 15 de Outubro de 1895) informa que LB teve na vida uma paixão que o acompanhou, mais e mais insistente, até à morte.

E acrescenta: "Toda a obra literária de Lívio Barreto não é mais que o diário escrito dessa infeliz paixão, que tão implacavelmente o torturou, impressionando-o muito, roubando-lhe a energia..."

No **Libertador**, de Fortaleza, estampou "formosíssimos versos de uma suave melancolia a que decerto não era estranha essa por quem, longe da Pátria, ele ansiava ardentemente" (*idem, ibidem*). Era funcionário da "Companhia Maranhense de Navegação a vapor" quando, moço ainda, desencarnou fulminado por uma congestão cerebral. É patrono, na Academia Cearense de Letras. (Distrito de Ibuçu, Município de Granja, Ceará, 18 de Fevereiro de 1870 – Camocim, Ceará, 29 de Setembro de 1895.)

CONFIDÊNCIA

Paulo Machado *

Senhor,
O carpinteiro
Trouxe a madeira pobre ao banco de talhar
E, manejando a enxó, o serrote e o formão,
5 Cortou-a sem piedade...

Ninguém lhe ouviu reclamação alguma.

Findos alguns instantes,
Era coluna simples.

Dentro de pouco tempo,
Ei-la peça lavrada,
Em caminhão barulhento,
E levada a servir nas construções dos homens,
Sem perguntar sequer,
Pelo próprio destino:
Se devia brilhar no teto de um palácio
Ou pisada no chão de cabana esquecida...

Ajuda-me, Senhor,
A entender a lição dessa coluna humilde!...
Que eu saiba agradecer
A dor que me depura
E depois receber
A mercê de servir-te,
Quando o quanto quiseres,
Como e seja onde for...

[1]

5. Leia-se pie-da-de-, com senérese.

(*) O poeta não se identificou perante reunião em que a página foi psicografada

NA JAULA DA CARNE

GALDINO Pereira DE CASTRO *

Fôra em prisca existência o gênio da batalha,
Era o saque, o terror e a morte em casa alheia...
3 Agora, reencarnado, em vão ruge, guerreia,
Ataca, deblatera, apedreja, retalha.

5 Obsesso infeliz, estrídulo gargalha;
De outras vezes, a sós, anárquico, pranteia.
Traz o cérebro em chama – incendida cadeia -,
A ocultar-se na sombra e a surgir sobre a palha.

“Louco!” – proclama a terra. Ele blasfema e chora,
Contempla, estarecido, as vítimas de outrora,
Réu da própria consciência em hórrida clausura...

Guarda a soma integral das culpas de outras vidas,
Mas, no hospício do mundo, em convulsões doridas,
14 Ele é tido por monstro em longa noite escura.

PRECE

JOSÉ SILVÉRIO HORTA *

Louvado sejas, Senhor,
Na glória do Lar Celeste,
Pelos bens que nos trouxestes,
No evangelho redentor.
Na tarefa renovada

Que o teu olhar nos consente,
De espírito reverente,
Clamamos por teu amor.

Pobres cegos que fugimos
Da luz a que nos eleva,
Nossa oração rompe as trevas,
Escuta-nos, Mestre, e vem...
Retifica-nos o passo
Para a estrada corrigida,
Sustentando-nos a vida,
Na força do Eterno Bem.

Dá-nos, Jesus, tua benção,
Que nos consola e levanta...
Que a tua doutrina santa
Vibre pura e viva em nós!
Faze, Senhor, que nós todos,
Na caminhada incessante,
Cada dia, cada instante,
Possamos ouvir-te a voz.

Ampara-nos a esperança,
Socorre-nos a pobreza,
Liberta nossa alma presa
Do erro e da imperfeição!...
Mestre excelso da verdade,
Hoje e sempre, em toda parte,
Ensina-nos a guardar-te,
No templo do coração.

(*) Sacerdote em sua última existência, soube ser humilde e bom, admirado por suas grandes virtudes. Em 1881 – segundo informa Francisco Horta, de cuja obra **Monsenhor Horta (esboço biográfico)** extraímos os dados aqui alinhados – é que começou a sua ascensão ao sacerdócio católica, até ser elevado à dignidade de Monsenhor, tendo exercido altas funções na diocese de Mariana. Deixou várias composições poéticas, como <<Caminho do Céu>>, <<Vozes do Crente>>, <<Ave Maria!...>> etc., todas impregnadas de unção religiosa. (Estância de Monte Alegre, Município de Mariana, Minas Gerais, 20 de junho de 1859 – Mariana, 31 de Março de 1933.).

REDEÇÃO

Antero COSTA CARVALHO *

Acusado sem culpa ante a calúnia infrene,
Explico-me a chorar, no entanto é assim que eu morro...
3 “Deus! Ampare-me, ó Deus!” – exoro por socorro,
Sem que a força do Céu me responda ou me acene.

5 N'alma, remorso algum... Nada que me condene...
Nas raias da agonia, em pranto jorro a jorro,
A benção da oração é o teto a que recorro,
A render-me, sem mágoa, ao minuto solene.

Mas quando o corpo tomba examine, cansado,
Vejo-me, austero algoz, a rugir no passado,
Em vômitos de lama cólera assassina...

O lobo então que eu fora, o suplício desterra!
Glória à reencarnação! Glória às dores da Terra,
Em que se cumpre a Lei da Justiça Divina!...

3. Mesarquia: " Deus! Ampara-me, ó Deus!" - Cf. nota7, pág. 42.

5. Cf. nota n.º 1, pág. 44.

(*). Farmacêutico, orador, jornalista e poeta, viveu durante muitos anos na cidade de Campo Grande, Mato Grosso, transferindo-se mais tarde, para catalão, onde exerceu diversos cargos, inclusive o de substituto no Cartório de Registro Civil. Colaborou em vários jornais da época, tendo sido um dos fundadores de **O Esporte**, folha catalana. <<De esmerada educação e muito caridosa>> -- di-lo Coelho Vaz em **Vultos Catalanos**, pág. 93 -, foi, entretanto, barbaramente trucidado na via pública, acusado de um crime não cometido. (Jataí, Goiás, 22 de Julho de 1904 - Catalão, Goiás, 16 de Agosto de 1937.).

BIBLIOGRAFIA: **Meu Nirvana; Retalhos**, inédito.

VERSOS A MEU CORPO

João Ferreira LEITE JÚNIOR

2 Tombaste, enfim, cansado, vaso amigo,
Já não posso dizer-te: " luta e ama!"
Companheiro sereno de meu drama,
Não sofreste no mundo, em vão, comigo.

Lâmpada que guardaste a etérea chama
Das dores que vivi... Roupa e jazido...
7 Unindo as nossas lágrimas, prossigo
Ante o porvir que a morte me reclama.

Parto agora, buscando novo ninho...
Não te deixo, porém, triste ou sozinho,
Nas surpresas que o túmulo descerra...

Mesmo atirado à sombra que se espalma,
Terás contigo os sonhos de minhalma,
Nas flores que te cobrem sobre a terra.

2. Ler *luta e ama* com hiato.
7. Observe-se a expressividade desse "enjambement".

* Poeta e jornalista, usou vários pseudônimos. Funcionário da Fazenda, serviu na Delegacia Fiscal de Curitiba e do Rio de Janeiro. Nesta última cidade, um incêndio destruiu-lhe manuscritos de vários volumes de versos inéditos (A. Muricy, **Pan. Mov. Sim. Brás.**, II, página 206). Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná. <<Colaborou nas revistas simbolísticas de seu Estado,>> - diz Fernando Góes (**Pan. IV** , pág. 219) - << e de umas, delas **O Sapo**, foi fundador.>> (Curitiba, Paraná, 3 de Março de 1876 - Curitiba, 28 de setembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA ; **Ritual**; numerosas poesias dispersas.

ARTISTA

ARSÊNIO PALÁCIOS *

O artista
pára e reflete,
árvore de carne a enodular-se sobre a seiva do sangue...

A cabeça esguicha o pensamento
e a onda que se expande alteia-se, de leve,
num turbilhão de força...
Idéias-sentimentos ...
8 Sentimentos-ideias ...

De cima,
do super-ultra-som,
desce jorro solar
que recolhe a onda célere,
qual se possuísse mãos e braços,
em lesto movimento
de oficina intangível.

- 17 Há no grande silêncio
buris que modelam,
mensagens e vozes,
palavras que soam,
poemas em linha,
rimários ardentes,
pincéis coloridos,
esboços e telas,
paletas fulgentes,
orquestras em pauta,
cantatas sublimes,
tecido de sonho,
lauréis e grinaldas, pedaços de estrelas,
hinários e luzes...

A onda que se elevava
torna ao cérebro vivo,
grávida de beleza...
Cravam-na dedos fluidos
no angusto espaço do crânio
e o artista embriagado de visões,
exprime as esferas superiores.
-- Médiun da vida,
inundado de sol...

8. "Ideias-sentimentos.../ sentimentos-ideias " ; Epanástrofe – " Nome dado a FIGURA que resulta quando se repete um VERSO ou frase com as palavras na ordem inversa.." (Geir Campos, *op. Cit.*).

17. Observe-se a enumeração, tão praticada pelos modernistas.

(*) Poeta, teatrólogo, crítico de arte, filósofo, etc. , era Arsênio Palácios um talento fulgurante e um verdadeiro <<artífice da Beleza>>. Colaborou em grande número de jornais e revistas do Brasil, da Argentina e do Uruguai, trabalhando por um maior intercâmbio cultural sul-americano. <<Sensibilidade fina e esquisita,>> - escreveu Mario Júlio Silva, **in Ant. Poetas Paul**, pág. 7 - <<costumava vestir os seus versos com roupagem inédita da sua alma cheia de doçura.>> Foi diretor de **Giesta**, revista de artes e letras de S. Paulo. Colaborou com Veiga Miranda na revista **O Comentário**. Realizou grande número de traduções do castelhano. Foi grande amigo de Felix de Carvalho, outro ilustre poeta paulista. Luís Correia de Melo, de cujo **Dic. de aut, Paulistas** (pág. 450) recolhemos alguns desses dados, informa, ainda, que o poeta faleceu tragicamente, (São Paulo, Est. De São Paulo, 30 de abril de 1899 – São Paulo, SP, 8 de Novembro de 1932 .)

BIBLIOGRAFIA : **Almas Populares**, sainete lírico; **Vibrações**, versos; **A Carta**, monólogo; **Breve Elogio das Cores**; **Antologia de Poetas Paulistas**, de parceria com Mário Júlio Silva; etc.

INFÂNCIA

Antônio Furtado *

Esse vaso de fina porcelana
Que cintila,
Antes de erguer-se, em forma soberana,
Era simples argila.

O rio que o sol beija em ondas de ouro,

Nas planícies amenas,
Era no nascedouro
Um fio de água apenas.

A laranjeira, em pomos tentadores,
Que se eleva e domina, Antes de ser perfume, seiva e cores,
Era pobre semente pequenina.

- 13 O homem que exprime as glórias da consciência
14 Com o verbo claro e terso,
Antes de ser o herói da inteligência,
Era uma flor no berço.

- Se almejas profligar o mal sem medo,
18 Na suprema reentrância,
Educa, meu amigo, enquanto é cedo,
O coração da infância.

13 -18. Ler com sinérese: cons-ciên-cia e reen-trân-cia
14. Leia-se *Com o* em uma sílaba (Ectlipse).

(*) Poeta, crítico, contista e jurista, AF concluiu o curso de bacharelado na Faculdade de Direito do Ceará, em 1916, da qual veio a ser professor catedrático. No Território do Acre exerceu vários cargos de magistratura. Membro da academia Cearense de Letras. (Quixeramobim, Ceará, 14 de Junho de 1893 – Fortaleza, Ceará, 26 de Agosto de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: **História Azul**, poemeto; **Augusto Linhares**, crítica; **Idéia Fixa**, contos; etc. Deixou vasta produção esparsa

O ESPÍRITO

Caetano PERO NETO (*)

Rompeu-se a grade.
2 Pássaro livre plana, plana...

No solo profundo,
Partiu-se o grilhão de pedra,
5 A fonte corre, corre...

O livro continha letras enfileiradas,
Corrente encarcerando a idéia.

8 Mas a idéia era chama e fugiu...

Cântico que persistes nas lonjuras do céu,
Onde a garganta que te soltou a melodia das masmorras de sombra
Para a festa dos sóis?
Perfume que vagas, aéreo,
Onde a flor que te vazou a essência da terra limitada
Para o espaço infinito?
Quem és, luz que esgarçaste a bruma de todas as prisões?

16 Ave, regato, pensamento, som, aroma,
Tudo que voa no sem fim,
Alga consciente e imóvel, no oceano do tempo,
Sou eu,
O Espírito que transcende os estágios da carne e as máscaras da morte,
Para ser um triunfo
22 O pólen do Universo!

2-5. Observe-se o ricochete nos dois versos: "Pássaro livre, *plana, plana* "... e "A fonte corre, corre..."

8. Epanástrofe : "...encarcerando a *idéia.*/ Mas a *idéia...*" Cf. Dic. Gramatical – Português. Prof. Francisco Fernandes.

16. Cif. Nota nº.4-11, pág. 58.

22. Dentro dos moldes modernistas, "O Espírito" guarda aquela beleza das coisas transcendentais. "Pólen do Universo – o Espírito" – imagem das mais admiráveis; "soltar a melodia das masmorras de sombra para a festa dos sóis"; "esgarçar as brumas de todas as prisões" – são versos pelo seu poder imagístico e dinamismo expressivo por si só revelam a perícia do poeta para contagiar o espírito do leitor com o belo que dimana de seus versos livres. Aliás, Pero Neto preenche a finalidade do poeta: "fixar a beleza que passa", com a diferença que ele fixa, agora, a beleza que nunca passará –o Espírito.

(*) Contista, romancista, e poeta do grupo dos <<novíssimos>>, cursava o 5º ano da Faculdade de Direito de S. Paulo, quando desencarnou. Nos últimos tempos de ginásio, colaborava com jornais de Itápolis. Depois encetou a publicação de poesias e contos nos periódicos **Álvares de Azevedo, Tribuna Liberal, XI de Agosto**, etc. Orador oficial da Associação Acadêmica <<Álvares de Azevedo>>, aos 19 anos já <<era o representante intelectual do corpo discente da Faculdade>> (**apud Xangô e ..., pág. 12**). Em 1936, foi eleito presidente da referida Associação Acadêmica. Redigiu, com Osmar Pimentel e Mário da Silva Brito, a folha universitária **Anhanguerra**. Participou do movimento intelectual da <<Bandeira>>, chefiado por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Membro da Academia de Letras da Faculdade. Ulisses Guimarães (**apud Dic. Aut. Paul.**, pág. 469) disse que ele <<foi um lírico, como tal eminentemente subjetivo>>. <<Seus poemas,>> - escreveu Dulce Salles Cunha (**Aaut. Contemp. Brasileiros**, pág.229) - <<em geral muito pessoais, são quase todos isentos de senões,>> (Itajobi, Est.S.Paulo, 21 de agosto de 1916 –S.Paulo, Est.de S. Paulo, 23 de Dezembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: **Xangô e Outros Poemas**, obra póstuma.

EU SÓ

Caetano PERO NETO (*)

23 Eu só e o surdo mundo...
O leito me veste em branco.
As cadeiras repousam em branco.
As paredes estão levantadas em branco,
Sustentando o teto parado, em branco.

As janelas talhadas em branco
Deixam passar o vento gárrulo e brinçalhão,
Que desliza sem cor.
As cortinas, parecendo longas mãos brancas,
Engastadas nos braços rijos da porta,
Acenam adeus, em branco.

34 Eu só e o surdo mundo...
Quero fitar os rostos que me cercam,
Mas vejo apenas semblantes graves,
Semelhantes a camafeus de cobre em placas de alumínio.
Quero gritar o terror do desconhecido,
Mas a boca foi trancada pelas chaves da névoa muito branca
Que me envolve de todo...
Falam somente em mim as grossas gotas brancas
Que me rolam da face.

Eu mudo e o surdo mundo...
Depois de muitas horas de expectativa em branco,
45 na vazante branca em que ainda respiro,
surge a enchente das sombras.
Tudo crepeia em torno...

Céus! Não sou Deus
Que traduz a noite em poema de estrelas,
Nem pirilampo humilde que acende a lanterninha lucilante...

Eu cego e o surdo mundo...
52 Levanto-me, tateio, choro, clamo, esmagado pelas mós invisíveis da escuridão,
Por muito tempo...

De improviso, porém, nova luz rasga as trevas, e os fotônios,
Que me atingem as pupilas cansadas, dizem-me sem palavras
Para que me aquiete, anunciando, por fim
Que Deus é meu pai
E que a Vida é minha mãe,
Guardando-me nos braços, para sempre, para sempre!

23-24. Observem-se, versos mais abaixo, as variantes do ante canto – “Eu só e o surdo mundo”.

45. Digno de nota o gosto obsessivo do poeta pelo vocábulo “branco”, chegando a praticar, quase, a batologia.

52. Atente-se na dinamização expressiva dada pelo assíndeto.

(*) Contista, romancista, e poeta do grupo dos <<novíssimos>>, cursava o 5º ano da Faculdade de Direito de S. Paulo, quando desencarnou. Nos últimos tempos de ginásio, colaborava com jornais de Itápolis. Depois encetou a publicação de poesias e contos nos periódicos **Álvares de Azevedo, Tribuna Liberal, XI de Agosto**, etc. Orador oficial da Associação Acadêmica <<Álvares de Azevedo>>, aos 19 anos já <<era o representante intelectual do corpo discente da Faculdade>> (**apud Xangô e ..., pág. 12**). Em 1936, foi eleito presidente da referida Associação Acadêmica. Redigiu, com Osmar Pimentel e Mário da Silva Brito, a folha universitária **Anhanguerra**. Participou do movimento intelectual da <<Bandeira>>, chefiado por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Membro da Academia de Letras da Faculdade. Ulisses Guimarães (**apud Dic. Aut. Paul.**, pág. 469) disse que ele <<foi um lírico, como tal eminentemente subjetivo>>. <<Seus

poemas,>> - escreveu Dulce Salles Cunha (**Aaut. Contemp. Brasileiros**, pág.229) - <<em geral muito pessoais, são quase todos isentos de senões,>> (Itajobi, Est.S.Paulo, 21 de agosto de 1916 -S.Paulo, Est.de S. Paulo, 23 de Dezembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: **Xangô e Outros Poemas**, obra póstuma.

QUADRAS

AMÉRICO Augusto de Sousa FALÇÃO *

Á vida compra a granel
Na ilusão que a desfigura.
O tempo cobra,fiel,
À porta da sepultura

Medalha, comenda e pluma
Exigindo apreço e aceno,
Parecem montões de espuma,
Cobrindo o chão pequeno.

Paixão é fogo por nada.
14. Febre alta e recaída...
Tanta tinta derramada,
16. Tanta conversa perdida.

Fitai o juízo à frente;
Excesso, taça e folia
Acabam frequentemente
Na sala de anatomia

A lei é peso e medida,
Tende cautela, mortais!
Do que buscamos na vida,
Na morte teremos mais.

14 Leia-se com hiato; *fe / bre / al / ta*

16. " Tanta.../Tanta..." Anáfora – Nome dado a FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de vários VERSOS,...(GeirCampos, Op. Cit.)

(*) Fez os estudos primários e secundários em João Pessoa, formando-se, em 1908, pela Faculdade do Direito de Recife.Redator de **A União** e diretor da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. <<Poeta magnífico,>> - afirma Edgard Rezende (**Os Mais...**, pág 1790 - << produziu composições impregnadas de lirismo suave e encantador,>> Era-lhe,porém, a trova um dos gêneros prediletos, e Luiz Pinto(**Ant. da Paraíba**, pág. 23) afirma ter sido ele, AF, <<um repentista temido e de incomparável fecundidade>>, a manejar com inteligência a sátira,sua insuperável arma de combate. (Praia de Lucena,Município de Santa Rita, Paraíba, 11de Fevereiro de 1880 – João Pessoa, Paraíba, 9 de Abrilde 1942.)

BIBLIOGRAFIA: **Auras Paraibanas; Visões de outrora; Soluços de Realejo;** etc.

ACENDALHAS

AMÉRICO Augusto de Sousa FALÇÃO *

Pensei que a morte ocultasse
A noite pesada e fria,
E a morte deu-me outra face
Dos sonhos de cada dia.

Acolhe, afaga e conserva
O passo sem ilusão.
Toda a carne é igual à erva.
Que nasce e retorna ao chão.

Se a flama de amor te invade,
Não tente sócio e prazer.
Amor é felicidade
A reluzir no dever.

O verbo enfeitado e ameno,
De muita beleza humana,
Parece mel com veneno
Em taça de porcelana.

Remorso fremindo em chaga,
Na desculpa que alivia,
É como dor que se apaga
Ao toque da anestesia.

Esse diamante que vês,
De faces luminescentes,
Viveu séculos talvez
No chavascal de serpentes.

Ergue ao Céu a moradia
Da própria felicidade.
Na Terra toda a alegria
Paga imposto de saudade.
Escritor que atende ao mal
Dando o mal por satisfeito,
Da pena talha o punhal
Que, um dia, lhe vara o peito.

Quando o corpo, inerte, expira,
Notamos, amargamente,
Quanta gente na mentira,
64. Quanta mentira na gente.

Afirmas que é hipocrisia
Sorrir para a falsidade.
Mas que outra coisa seria
O ensino da caridade?

Humilhado! Mesmo assim,
Perdão é a glória que levas.
A noite ensombra o jardim,
72. O jardim perfuma as trevas.

Muita cautela, Maria,
Cuidado no coração.
Um namoro, cada dia...
Amor não é isso, não.

Evita a palavra turva,
Sê claro, de longe e perto.
Na estrada de muita curva,

O desastre chega certo.

Não condene quem resvala
Onde o vício se avolume.
Muita flor que enfeita a sala
Nasceu na fossa de estrume.

Desfaz-se a ostra em escolhos,
Brilha a pérola na rua.
A morte nos cerra os olhos,
64. Mas a vida continua.

64. Cf. nota nº 16 deste capítulo.

72. "...o jardim, / O jardim...": Anadiplose – " Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete no começo de um VERSO a palavra ou frase sinal do verso anterior..." (Geir Campos, Op. Cit.)

(*) Fez os estudos primários e secundários em João Pessoa, formando-se, em 1908, pela Faculdade do Direito de Recife. Redator de **A União** e diretor da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. <<Poeta magnífico,>> - afirma Edgard Rezende (**Os Mais...**, pág 1790 - << produziu composições impregnadas de lirismo suave e encantador,>> Era-lhe, porém, a trova um dos gêneros prediletos, e Luiz Pinto(**Ant. da Paraíba**, pág. 23) afirma ter sido ele, AF, <<um repentista temido e de incomparável fecundidade>>, a manejar com inteligência a sátira, sua insuperável arma de combate. (Praia de Lucena, Município de Santa Rita, Paraíba, 11 de Fevereiro de 1880 – João Pessoa, Paraíba, 9 de Abril de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: **Auras Paraibanas; Visões de outrora; Soluções de Realejo;** etc.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

AMÉRICO Augusto de Sousa FALÇÃO *

No sepulcro, em desconforto,
Quanta mágoa em Maristela!
A triste, buscando o morto,
E o morto fugindo dela.

Noutra vida, o potentado
Batia, em fúria tremenda...
Hoje é um colono aleijado
Em sua velha fazenda.

Era paixão incomum...
No entanto, o tédio, depois,
103. Trouxe morte para um
104. E obsessão para os dois.

Leondina, sempre enganada,
De tão vaidosa e faceira,
Embora desencarnada,
Não se desfez da caveira.

Queria tanto conforto,
Carícias, redes e abanos,
Que mesmo depois de morto
Dormiu por duzentos anos.

Sentava-se em mesa de ouro,
Passava fome por vício, mas deixou todo um tesouro
Na fossa do desperdício.

Outrora, sabia tudo,
Era um homem de apogeu.
Agora, é um doente mudo,
Rendendo graças a Deus.

103. Leia-se com hiato: *para/ ra / um*.

104. Quanto à palavra "o-b-ses-s~so", cf. nota 1, pág 47 (Suarabácti).

(*) Fez os estudos primários e secundários em João Pessoa, formando-se, em 1908, pela Faculdade do Direito de Recife. Redator de **A União** e diretor da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. <<Poeta magnífico,>> - afirma Edgard Rezende (**Os Mais...**, pág 1790 - << produziu composições impregnadas de lirismo suave e encantador,>> Era-lhe, porém, a trova um dos gêneros prediletos, e Luiz Pinto(**Ant. da Paraíba**, pág. 23) afirma ter sido ele, AF, <<um repentista temido e de incomparável fecundidade>>, a manejar com inteligência a sátira, sua insuperável arma de combate. (Praia de Lucena, Município de Santa Rita, Paraíba, 11 de Fevereiro de 1880 - João Pessoa, Paraíba, 9 de Abril de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: **Auras Paraibanas; Visões de outrora; Soluções de Realejo;** etc.

RETORNO

F. Neves *

O pesadelo foge!... Eis que a vida me chama...
Triste recinto escuro asila-me por leito.
Ergo-me fatigado, além do espaço estreito,
E abandono, trememente, o cárcere de lama.

5 Há noite no caminho e noite no meu peito...

O vento no cipreste é minha dor que clama.
7 O nome, o lar, o apreço, o ouro, a glória, a fama,
Tudo nas mãos da morte era sonho desfeito.

9 Corno aos meus... Ai de mim! Em vão suplico em casa,
Ninguém escuta ou vê a aflição me arrasa,
Embora me desmande em rígidos de fera...

Assim por muito tempo, erreí na sombra ignara,
13 A lembrar, por meu mal, o mal que praticara
Agravado na dor do bem que não fizera.

- 5. .Cf. nota nº. 7, pág. 42
- 7. . Cf. nota nº. 4 -11, pág. 58
- 9. . Cf. nota nº. 1, pág. 44.
- 13. Cf. nota nº . 2, pág. 36

(*) O poeta por claras razões de humildade, ao transmitir-nos as suas primeiras impressões da vida além – túmulo, não se identificou, perante nós outros, os que assistíamos à reunião íntima na noite de 6/9/61, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas.

ÚLTIMO INSTANTE

Manuel da SILVA LOBATO *

Tudo parece agora o termo do caminho...
O velho carrilhão bate as horas na sala:
É a palavra do tempo ao coração que estala,
4 Afirmando, cruel, que partirei sozinho.

Lá fora, rugo o vento ululante e escarninho.

Fito, além da janela. O céu de cinza e opala...

- 7 " Adeus! Adeus! Adeus!..." – geme o peito sem fala,
Algemado à aflição de estranho pelourinho.

Desce, torva, no olhar, a noite em que me espanto,
Ressume-se a existência às gotas de meu pranto.
Silêncio, sombra, nada... A morte a despedida...

Mas subido clarão rasga as trevas do quarto.
Ai !.. o corpo é grilhão de que enfim,me descarto,
Para exaltar, cantando, o esplendor de outra vida!

4. Leia-se cru-el, como dissílabo.

7." Adeus! Adeus ! Adeus!..." : Epizeuxe - " Nome dado a FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra, sem intervalo..." (Geir Campos, Op. Cit.)

(*) Poeta notável.Um dos fundadores da revista **Heliópolis**, em sua cidade natal. Jornalista, desempenhou as funções de redator do **Diário de Notícias**, no Rio de Janeiro. Viveu e uma existência atribulada, mas com resignação, caracterizando-se pela sua simplicidade e bondade. Informa Mariano Lemos (**Poetas...**, pág.326) que Silva Lobato foi membro da Academia Pernambucana de Letras, tendo ocupado a cadeira nº 26.(Recife, Pernambuco,10de Setembro de 1886 –Rio de Janeiro, GB, 4 de Junho de 1931.)

BIBLIOGRAFIA : **Flauta de Pã ; Céus do Brasil** ; e diversos livros inéditos

DIVINO SOL

AUGUSTO Carvalho Rodrigues DOS ANJOS *

- Noite. Retorne À Terra. Entre os aflitos
Que a luta impele aos últimos degraus,
Sinto a perturbação que envolve o caos
10 E a exalação de todos os detritos.

Entre o mundo e meu pranto, a sós, vagueio,

Na torva indagação que me constringe.
A vida é aterradora e imensa esfinge
No horror que me tortura de permeio.

Ao coro estranho de sinistros ventos,
Ergue-se a angústia num milhão de vozes...
Do choro mudo a imprecações ferozes,
Há turbilhões de trágicos lamentos.

Paixões embatem com medonha fúria.
O fel da provação verte sem peias...
O homem é como alguém que abrindo as veias
Tenta fugir de balde à carne espúria.

Em toda a parte, a dor comprime o cerco,
E os que dormem, quais míseros cativos,
Assemelham-se a tristes morto-vivos,
Agonizando em túmulos de esterco.

Acorrentada entre os horrendos muros
Dos seus próprios grilhões imanifestos,
A Humanidade escuta os vãos protestos
Dos sonhos que morreram nascituros...

Mas, dissipando a sombra por rompê-la,
Na gleba que de lodo se engalana,
Como sinal de Deus na furna humana,
28 Surge sublime e resplendente estrela.

Há nova luz de amor que tudo invade.
E percebo, no pântano entrevisto,
Que a redenção virá, brilhando em Cristo,
Ante o Divino Sol da caridade.

(*) Bacharelado-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar "Ribeiro Junqueira", até à desencarnação. Cognominado o "Poeta da Morte" por Antônio Torres, emparelha-se com Antero Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA "o seu grande explorador", segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (**In A Lit. no Brasil**, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (**Pan.**, V, pág.64) que " em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo". (Engenhos Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 – Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: **eu; eu e outras poesias.**

4. Observa-se a semelhança desta estância com a primeira de "As Cismas do Destino" (*Eu e Outras Poesias*, pág. 67), que vamos transcrever na íntegra:

"Recife. Ponte Buarque de Macedo.

Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no destino e tinha medo!"

28. Atente-se na aliteração em s.

61. *Ei-lo, o doente...* Cf. a nota 3-4, pág.110.

A respeito do metro deste verso em que a 6ª sílaba tônica recai no que cf. o 1º verso do soneto "Solitário": "Como um fantasma que se refugia"; o 10º verso de "O Lamento das Coisas": "Da transcendência que se não realiza...", etc.

70-71. *horrenda – hirta*. Não raro, freqüentavam o vocabulário do poeta estas palavras. Cf. "Os Doentes" – VII, VIII e IX; "Noite de visionário"; "Apóstrofe à Carne"; "Louvor à Unidade"; etc.

73. Aposiopese: "E' o parto novo..."

76. *abdômen*: " a rima *abdômen* é, do ponto de vista orto-épico, camônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto do Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente, salvo nas situações tensas de cátedra, oratório ou teatro culto requintado." (Nota de Antônio Houaiss – N. Cl., nº. 46, da pág. 21.)

82. E' ainda de M. Cavalcanti Proença que vamos citar uma estatística: "No Monólogo de uma sombra, de Augusto dos Anjos, 55 entre 186 decassílabos (30%) são acentuados na 6ª sílaba, que é a tônica do proparoxítono." (Ritmos e Poesias, Págs. 80-81.) Nos 88 decassílabos que ora estudamos, o poeta, que por este ritmo tem acentuado parentesco com Cesário Verde, ostentou 16 vocábulos proparoxítonas acentuados na 6ª sílaba (18%).

ALMA DO AMOR

João da CRUZ E SOUZA*

Alma do Amor, cansada, erma e fremente,
Arrastando o grilhão das próprias dores,
Sustenta a luz da fé por onde fores,
Torturada, ferida, descontente...

Nebulosas, estrelas, mundos, flores

Rasgam, vibrando, excelso trilho à frente...
Tudo sonha, buscando o lume ardente
Do eterno amor de todos os amores!

Alma, de pés sangrando senda afora,
10 Humilha-te, padece, chora, chora,
Mas bendize o teu santo cativo...

Não esperes ninguém para ajudar-te,
Ama apenas, que Deus, em toda a parte,
É o sol do amor para o Universo inteiro.

(*) Filho de pais escravos, Cruz e Souza é a figura mais expressiva do Simbolismo no Brasil e, ao lado de Mallarmé e Stefan George, um dos grandes nomes do movimento simbolista no mundo, segundo Roger Bastide. «Tinha» - escreveu seu grande amigo Virgílio Várzea (**apud A. Muricy, Pan. Mov. Sim. Brás., I, pág. 98**) - «uma grande paixão pelas idéias humanitárias, e serviu-as sempre, como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo.» Tendo sofrido acerbos provações, naturalmente dentro das dívidas cármicas, o grande poeta continua, hoje, em afanosa luta pela difusão das «ideais humanitárias», entre as quais agora incluiu o Espiritismo e o Esperanto, a corroborar que a vida, com efeito, não cessa no túmulo. Principalmente no setor esperantista, o artista de **Faróis** é uma personalidade atuante na Espiritualidade. Em 1961, ano em que se comemorou, em todo o Brasil, o primeiro centenário de seu nascimento, os mais representativos centros culturais do país lhe tributaram mil e uma homenagens, culminando com a publicação de suas **Obras Completas**, organizadas por Andrade Muricy, em primorosa apresentação, pela Editora José Aguilar Ltda. A extraordinária produção do genial poeta provocou, dos que o rodeavam, os epítetos de «Cisne Negro», «Dante Negro», «Poeta Negro», epítetos - diz A. Muricy (**op. Cit., pág. 101**) «compreendidos no senso mais elevado e consecratório de tais expressões». (Desterro, hoje Florianópolis, SC, 24 de Novembro de 1861 - Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 19 de Março de 1898.)

BIBLIOGRAFIA: **Broqueis; Evocações; Faróis; Últimos Sonetos;** etc.

CORPO

João da CRUZ E SOUZA*

Carne! Vaso de dor, sinistro e belo,
Estruturado em grânulos de escória,
Relicário de lama transitória,
Tugúrio estreito e fúlgido castelo!

Assinalas, em lúgubre duelo,
O bem e o mal na cinza merencória;
Mas elevas o lodo para a glória,

Da sombra à luz, em trágico flagelo.

Louvor à encarnação que te sustenta,
Lâmpada de amargura ansiosa e lenta,
Ergástulo do amor puro e profundo!....

És a humana e arcangélica fornalha,
Templo e gleba onde Deus sonha e trabalha
28 Santificando as lágrimas do mundo!...

(*) Filho de pais escravos, Cruz e Souza é a figura mais expressiva do Simbolismo no Brasil e, ao lado de Mallarmé e Stefan George, um dos grandes nomes do movimento simbolista no mundo, segundo Roger Bastide. «Tinha» - escreveu seu grande amigo Virgílio Várzea (**apud A. Muricy, Pan. Mov. Sim. Brás., I, pág. 98**) - «uma grande paixão pelas idéias humanitárias, e serviu-as sempre, como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo.» Tendo sofrido acerbos provações, naturalmente dentro das dívidas cármicas, o grande poeta continua, hoje, em afanosa luta pela difusão das «ideais humanitárias», entre as quais agora incluiu o Espiritismo e o Esperanto, a corroborar que a vida, com efeito, não cessa no túmulo. Principalmente no setor esperantista, o artista de **Faróis** é uma personalidade atuante na Espiritualidade. Em 1961, ano em que se comemorou, em todo o Brasil, o primeiro centenário de seu nascimento, os mais representativos centros culturais do país lhe tributaram mil e uma homenagens, culminando com a publicação de suas **Obras Completas**, organizadas por Andrade Muricy, em primorosa apresentação, pela Editora José Aguilar Ltda. A extraordinária produção do genial poeta provocou, dos que o rodeavam, os epítetos de «Cisne Negro», «Dante Negro», «Poeta Negro», epítetos - diz A. Muricy (**op. Cit.,pág. 101**) «compreendidos no senso mais elevado e consecratório de tais expressões». (Desterro, hoje Florianópolis, SC, 24 de Novembro de 1861 - Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 19 de Março de 1898.)

BIBLIOGRAFIA: **Broqueis; Evocações; Faróis; Últimos Sonetos;** etc.

SOB A NOITE

João da CRUZ E SOUZA*

Alma triste, cansada, insatisfeita,
Dentro da noite espessa que te alcança,
Ergue o facho sublime da esperança
Ante os golpes da treva que te espreita.

Entre pedras e lágrimas avança,
Na sarça que domina a senda estreita,
E sonha a luz da Imensidade Eleita,
Aprisionada à externa insegurança.

37 Segue, arrostando em glória, por sofrê-los,

Turbilhões, agonias, pesadelos,
Nos assombros de longa tempestade...

E, além da pavorosa travessia,
Encontrarás, chorando de alegria,
O amanhecer da Grande Liberdade!

(*) Filho de pais escravos, Cruz e Souza é a figura mais expressiva do Simbolismo no Brasil e, ao lado de Mallarmé e Stefan George, um dos grandes nomes do movimento simbolista no mundo, segundo Roger Bastide. «Tinha» - escreveu seu grande amigo Virgílio Várzea (**apud A. Muricy, Pan. Mov. Sim. Brás., I, pág. 98**) - «uma grande paixão pelas idéias humanitárias, e serviu-as sempre, como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo.» Tendo sofrido acerbos provações, naturalmente dentro das dívidas cármicas, o grande poeta continua, hoje, em afanosa luta pela difusão das «ideais humanitárias», entre as quais agora incluiu o Espiritismo e o Esperanto, a corroborar que a vida, com efeito, não cessa no túmulo. Principalmente no setor esperantista, o artista de **Faróis** é uma personalidade atuante na Espiritualidade. Em 1961, ano em que se comemorou, em todo o Brasil, o primeiro centenário de seu nascimento, os mais representativos centros culturais do país lhe tributaram mil e uma homenagens, culminando com a publicação de suas **Obras Completas**, organizadas por Andrade Muricy, em primorosa apresentação, pela Editora José Aguilar Ltda. A extraordinária produção do genial poeta provocou, dos que o rodeavam, os epítetos de «Cisne Negro», «Dante Negro», «Poeta Negro», epítetos - diz A. Muricy (**op. Cit., pág. 101**) «compreendidos no senso mais elevado e consecratório de tais expressões». (Desterro, hoje Florianópolis, SC, 24 de Novembro de 1861 - Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 19 de Março de 1898.)

BIBLIOGRAFIA: **Broqueis; Evocações; Faróis; Últimos Sonetos;** etc.

ESCALADA

João da CRUZ E SOUZA*

Louva o suplício da matéria escrava,
No turbilhão de cárceres e algemas.
E canta, coração, inda que espremas
O fel da própria dor em pranto e lava.

Chora e avança cansado, mas não temas;
Sangrem-te embora os pés na urtiga brava,
Caminha imune al lodo que deprava,
Purificado em lágrimas supremas.

51 Indiferente às cóleras e às fúrias,
Apaga o fogo das paixões espúrias,
Sofre humilde e sereno por vencê-las...

Peregrino de trágico deserto,
Um dia, subirás, enfim liberto,
Gema solar em túnica de estrelas!...

(*) Filho de pais escravos, Cruz e Souza é a figura mais expressiva do Simbolismo no Brasil e, ao lado de Mallarmé e Stefan George, um dos grandes nomes do movimento simbolista no mundo, segundo Roger Bastide. «Tinha» - escreveu seu grande amigo Virgílio Várzea (**apud A. Muricy, Pan. Mov. Sim. Brás., I, pág. 98**) - «uma grande paixão pelas idéias humanitárias, e serviu-as sempre, como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo.» Tendo sofrido acerbas provocações, naturalmente dentro das dívidas cármicas, o grande poeta continua, hoje, em afanosa luta pela difusão das «ideais humanitárias», entre as quais agora incluiu o Espiritismo e o Esperanto, a corroborar que a vida, com efeito, não cessa no túmulo. Principalmente no setor esperantista, o artista de **Faróis** é uma personalidade atuante na Espiritualidade. Em 1961, ano em que se comemorou, em todo o Brasil, o primeiro centenário de seu nascimento, os mais representativos centros culturais do país lhe tributaram mil e uma homenagens, culminando com a publicação de suas **Obras Completas**, organizadas por Andrade Muricy, em primorosa apresentação, pela Editora José Aguilar Ltda. A extraordinária produção do genial poeta provocou, dos que o rodeavam, os epítetos de «Cisne Negro», «Dante Negro», «Poeta Negro», epítetos - diz A. Muricy (**op. Cit., pág. 101**) «compreendidos no senso mais elevado e consecratório de tais expressões». (Desterro, hoje Florianópolis, SC, 24 de Novembro de 1861 - Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 19 de Março de 1898.)

BIBLIOGRAFIA: **Broqueis; Evocações; Faróis; Últimos Sonetos;** etc.

ALÉM DO AZUL

João da CRUZ E SOUZA*

Além, além do humano sorvedouro,
Cornucópia mirífica desata
Orbes luzindo em flórida cascata,
Onde a vida cinzela o céu vindouro...

Constelações e sóis... Ancoradouro
Da excelsa luz dos séculos sem data...
Almos ninhos em pétalas de prata,
Coroados de acanto, mirto e louro...

Por cerúleas alfombras estelares,
Flâmeos jardins e edênicos solares,
O coração do amor pulsa disperso...

Entre esferas de cálidos fulgores,

Domicílios das almas superiores,
70 Freme a glória divina do Universo.

(*) Filho de pais escravos, Cruz e Souza é a figura mais expressiva do Simbolismo no Brasil e, ao lado de Mallarmé e Stefan George, um dos grandes nomes do movimento simbolista no mundo, segundo Roger Bastide. «Tinha» - escreveu seu grande amigo Virgílio Várzea (**apud A. Muricy, Pan. Mov. Sim. Brás., I, pág. 98**) - «uma grande paixão pelas idéias humanitárias, e serviu-as sempre, como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo.» Tendo sofrido acerbos provações, naturalmente dentro das dívidas cármicas, o grande poeta continua, hoje, em afanosa luta pela difusão das «ideais humanitárias», entre as quais agora incluiu o Espiritismo e o Esperanto, a corroborar que a vida, com efeito, não cessa no túmulo. Principalmente no setor esperantista, o artista de **Faróis** é uma personalidade atuante na Espiritualidade. Em 1961, ano em que se comemorou, em todo o Brasil, o primeiro centenário de seu nascimento, os mais representativos centros culturais do país lhe tributaram mil e uma homenagens, culminando com a publicação de suas **Obras Completas**, organizadas por Andrade Muricy, em primorosa apresentação, pela Editora José Aguilar Ltda. A extraordinária produção do genial poeta provocou, dos que o rodeavam, os epítetos de «Cisne Negro», «Dante Negro», «Poeta Negro», epítetos - diz A. Muricy (**op. Cit.,pág. 101**) «compreendidos no senso mais elevado e consecratório de tais expressões». (Desterro, hoje Florianópolis, SC, 24 de Novembro de 1861 - Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 19 de Março de 1898.)

BIBLIOGRAFIA: **Broqueis; Evocações; Faróis; Últimos Sonetos;** etc.

A VITÓRIA

**Casimiro
cunha ***

Pedes mapas e instruções
Para o caminho a trilhar.
Entretanto, onde estiveres,
O roteiro é *trabalhar*.

Escalas monte espinhoso
No desejo de avançar..
Há pedras cerrando a frente?
A mudança é *trabalhar*.

Alegas tédio invencível
Da cabeça ao calcanhar;
Mas todo enfado se extingue:
A fórmula é *trabalhar*.

13 Lamentas incompreensões,
No seio do próprio lar.
Toda mágoa foge e cessa.
O recurso é *trabalhar*.

18 Dizes notar tentações
Na idéia, no chão, no ar..

Mas, hoje, podes ser livre.
A defesa é *trabalhar*.

Transportas na alma intranquãila
A dor de antigo pesar...
Qualquer aflição tem cura
O remédio é *trabalhar*.

Acusas-te perseguido,
Afirma-te sem lugar...
Renova-te e sê feliz.
A melhora é *trabalhar*.

Problemas são sempre muitos...
Não te ponhas a indagar.
A vida responde certo.
O preceito é *trabalhar*.

O próprio Cristo na cruz,
A sofrer e desculpar,
Ensina que, em toda luta,
A vida é *trabalhar*.

(*) Órfão de pai aos sete anos, tendo cursado apenas as primeiras letras em escolas primárias, Casimiro Cunha, depois de haver uma vista aos 14 anos por acidente, cegou da outra aos 16. Adolescente, ainda, colaborou na imprensa vassourense. Desde que se tornou espírita confesso, estendeu aos periódicos espiritistas, principalmente ao **Reformador**, a sua produção poética. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra Menezes", de Vassouras. **Mário Cis** era o pseudônimo que ele comumente usava. Prefaciando o primeiro livro do poeta – **Singelos** –, M. Quintão chegou a afirmar que ele "fechava os olhos às misérias da Terra, para melhor entrever as belezas do Céu". Jamais se lhe ouviu dos lábios um queixume, uma palavra de revolta. Era a resignação em pessoa. "Alma feita de luz," – afirmou-o Armando Gonçalves (**Colar de Pérolas**, pág. CXXVI) – "é um dos mais vigorosos literatos que encham de orgulho o torrão fluminense." (Vassouras, Estado do Rio, 14 de Abril de 1880 – Vassouras, 7 de novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: **Singelos; Efêmeros; aves Implumes; Pétalas; Perispíritos; Álbum de Delba**, póstumas.

b) do poeta desencarnado: **Cartas do Evangelho; cartilha da Natureza; História de Maricota; Gotas de Luz** – todas pelo médium Francisco Cândido Xavier; **Juca Lambisca e Timbolão** – pelos medianeiros desta **Antologia**.

13. Leia-se *in-com-preen-sões*, com sinérese.

18. Ler *no/ ar*, em duas sílabas.

83. Cf. a nota nº. 13 deste capítulo.

114. Note-se a mestria com que o poeta se serviu do bordão: "Simplifica, simplifica."

162. Leia-se *com as*, em uma sílaba (Eclipse).

BOCADOS

**Casimiro
Cunha ***

Serve com desinteresse
A quem serve ao deus-dará.
Quem dá para receber,
De fato, não deu nem dá.

*

Ajudante aqui e ali,
Sê bondoso e diligente.
Auxilia duas vezes,
Quem ajuda prontamente.

*

Faze planos, mas trabalha
Com fé, segurança e paz.
Quem não marcha para a frente
E' sombra vagando atrás.

*

Modera o temperamento,
Seja na fala ou na escrita.
O sábio conversa baixo,
O bruto reclama e grita.

*

Não faça do próprio ventre
Caminho às trevas da prova.
Aquele que come muito,
Faz da boca a própria cova.

*

Fala, ouve, age e reflete,
Mas prossegue construindo.
Há muita língua falando,
E poucos braços agindo.

*

Aquele que nada pensa,
Realmente, não se cansa.
Mas não chega a fazer nada,
Nem nada na vida alcança.

(*) Órfão de pai aos sete anos, tendo cursado apenas as primeiras letras em escolas primárias, Casimiro Cunha, depois de haver uma vista aos 14 anos por acidente, cegou da outra aos 16. Adolescente, ainda, colaborou na imprensa vassourense. Desde que se tornou espírita confesso, estendeu aos periódicos espiritistas, principalmente ao **Reformador**, a sua produção poética. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra Menezes", de Vassouras. **Mário Cis** era o pseudônimo que ele comumente usava. Prefaciando o primeiro livro do poeta – **Singelos** –, M. Quintão chegou a afirmar que ele "fechava os olhos às misérias da Terra, para melhor entrever as belezas do Céu". Jamais se lhe ouviu dos lábios um queixume, uma palavra de revolta. Era a resignação em pessoa. "Alma feita de luz," – afirmou-o Armando Gonçalves (**Colar de Pérolas**, pág. CXXVI) – "é um dos mais vigorosos literatos que enchem de orgulho o torrão fluminense." (Vassouras, Estado do Rio, 14 de Abril de 1880 – Vassouras, 7 de novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: **Singelos; Efêmeros; aves Implumes; Pétalas; Perispíritos; Álbum de Delba**, póstumas.

b) do poeta desencarnado: **Cartas do Evangelho; cartilha da Natureza; História de Maricota; Gotas de Luz** – todas pelo médium Francisco Cândido Xavier; **Juca Lambisca e Timbolão** – pelos medianeiros desta **Antologia**.

13. Leia-se *in-com-preen-sões*, com sinérese.

18. Ler *no/ ar*, em duas sílabas.

83. Cf. a nota nº. 13 deste capítulo.

114. Note-se a mestria com que o poeta se serviu do bordão: "Simplifica, simplifica."

162. Leia-se *com as*, em uma sílaba (Eclipse).

SIMPLIFICA

**Casimiro
cunha ***

Clamas que o tempo está curto;
Contudo, o tempo replica:
- "Não me gastes sem proveito,
Simplifica, simplifica."

E' muita conta a buscar-te...
Armazém, loja, botica...
Aprende a viver com pouco,
Simplifica, simplifica.

83 Incompreensões, chicotadas?
Calúnia, miséria, trica?
Não carregues fardo inútil,
Simplifica, simplifica.

Encontras no próprio lar
Parente que fere e implica?
Desculpa sem reclamar,
Simplifica, simplifica.

Se alguém te injuria em rosto,
Se te espanca ou sacrifica,
Olvida a loucura e segue...
Simplifica, simplifica.

Recebes dos mais amados
Ofensas que não se explica?
Esquece a lama da estrada,
Simplifica, simplifica.

Alegas duro cansaço,
Queres casa imensa e rica;
Foge disso enquanto é tempo,
Simplifica, simplifica.

Crês amparar a família
Pelo vintém que se estica?
Excesso cria ambição.
Simplifica, simplifica.

Dizes que o mundo é de pedra,
Que as provas chegam em bica;
Não deites limão nos olhos,
Simplifica, simplifica.

Recorres, em pranto, ao Mestre,
Na luta que te complica,
E Jesus pede em silêncio:
114 Simplifica, simplifica.

(*) Órfão de pai aos sete anos, tendo cursado apenas as primeiras letras em escolas primárias, Casimiro Cunha, depois de haver uma vista aos 14 anos por acidente, cegou da outra aos 16. Adolescente, ainda, colaborou na imprensa vassourense. Desde que se tornou espírita confesso, estendeu aos periódicos espíritistas, principalmente ao **Reformador**, a sua produção poética. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra Menezes", de Vassouras. **Mário Cis** era o pseudônimo que ele comumente usava. Prefaciando o primeiro livro do poeta – **Singelos** –, M. Quintão chegou a afirmar que ele "fechava os olhos às misérias da Terra, para melhor entrever as belezas do Céu". Jamais se lhe ouviu dos lábios um queixume, uma palavra de revolta. Era a resignação em pessoa. "Alma feita de luz," – afirmou-o Armando Gonçalves (**Colar de Pérolas**, pág. CXXVI) – "é um dos mais vigorosos literatos que enchem de orgulho o torrão fluminense." (Vassouras, Estado do Rio, 14 de Abril de 1880 – Vassouras, 7 de novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: **Singelos; Efêmeros; aves Implumes; Pétalas; Perispíritos; Álbum de Delba**, póstumas.

b) do poeta desencarnado: **Cartas do Evangelho; cartilha da Natureza; História de Maricota; Gotas de Luz** – todas pelo médium Francisco Cândido Xavier; **Juca Lambisca e Timbolão** – pelos medianeiros desta **Antologia**.

13. Leia-se *in-com-preen-sões*, com sinérese.

18. Ler *no/ ar*, em duas sílabas.

83. Cf. a nota nº. 13 deste capítulo.

114. Note-se a mestria com que o poeta se serviu do bordão: "Simplifica, simplifica."

162. Leia-se *com as*, em uma sílaba (Eclipse).

FATIAS

**Casimiro
cunha ***

Vigia teu próprio exemplo
Na obra cristã de fato.
Toda fonte de água pura
Faz lobo sair do mato.

*

Guarda humildade e modéstia
Sem blasonar poderio.
Alta cabeça orgulhosa –
- Coração triste e vazio.

*

Foge a todo pessimismo
Sorrindo ao pior encargo.
Para o gosto corrompido,
O próprio mel surge amargo.

*

Quanto possível evita
Cair nas teias do engano.
Pela amostra apresentada
Reconhecemos o pano.

*

Observa o prato cheio,
A refeição tem limite.
Onde governa a razão
Há metragem no apetite.

*

Não menosprezes ninguém,
Sê liberal na atenção.
Leve fósforo inflamado
Faz arder o quarteirão.

*

Atende cada problema
De espírito vigilante.
Ninguém consegue assoprar
E sorver no mesmo instante.

*

Quem critica e fala muito,
De amor e paz morre
Conserva, na própria boca,
A prisão da própria língua.

(*) Órfão de pai aos sete anos, tendo cursado apenas as primeiras letras em escolas primárias, Casimiro Cunha, depois de haver uma vista aos 14 anos por acidente, cegou da outra aos 16. Adolescente, ainda, colaborou na imprensa vassourense. Desde que se tornou espírita confesso, estendeu aos periódicos espiritistas, principalmente ao **Reformador**, a sua produção poética. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra Menezes", de Vassouras. **Mário Cis** era o pseudônimo que ele comumente usava. Prefaciando o primeiro livro do poeta – **Singelos** –, M. Quintão chegou a afirmar que ele "fechava os olhos às misérias da Terra, para melhor entrever as belezas do Céu". Jamais se lhe ouviu dos lábios um queixume, uma palavra de revolta. Era a resignação em pessoa. "Alma feita de luz," – afirmou-o Armando Gonçalves (**Colar de Pérolas**, pág. CXXVI) – "é um dos mais vigorosos literatos que enchem de orgulho o torrão fluminense." (Vassouras, Estado do Rio, 14 de Abril de 1880 – Vassouras, 7 de novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: **Singelos; Efêmeros; aves Implumes; Pétalas; Perispíritos; Álbum de Delba**, póstumas.

b) do poeta desencarnado: **Cartas do Evangelho; cartilha da Natureza; História de Maricota; Gotas de Luz** – todas pelo médium Francisco Cândido Xavier; **Juca Lambisca e Timbolão** – pelos medianeiros desta **Antologia**.

13. Leia-se *in-com-preen-sões*, com sinérese.

18. Ler *no/ ar*, em duas sílabas.

83. Cf. a nota nº. 13 deste capítulo.

114. Note-se a mestria com que o poeta se serviu do bordão: "Simplifica, simplifica."

162. Leia-se *com as*, em uma sílaba (Eclipse).

FILOSOFANDO

**Casimiro
cunha ***

A quem saiba agradecer,
Cumprindo voto e promessa,
A vida entrega recursos
Muito acima do que peça.

*

Resguarda a ponderação
Por bênção de cada dia.
É no riso e na conversa
Que a loucura principia.

*

Foge ao luxo de sentir
Preguiça, fastio e tédio.
Quem desiste do trabalho
É doente sem remédio.

*

Elogia sóbriamente
Na palavra que desdobras.
Se o fogo sai dos limites,
162 Arrasa com as boas obras.

*

Muitos alcançam no mundo
Dinheiro, glória e ciência,
Mas pouca gente consegue
A força da paciência.

*

Estuda, ampara, semeia,
Constrói, auxilia e emenda.
Enquanto estás no serviço,
Ninguém te vê na contenda.

*

Ora e vigia. O perigo
É maior no coração
Da pessoa que se sente
Distante da tentação.

*

Abraça, na tolerância,
Estrada, clima e dever.
Jamais exijas dos outros
O que não possas fazer.

(*) Órfão de pai aos sete anos, tendo cursado apenas as primeiras letras em escolas primárias, Casimiro Cunha, depois de haver uma vista aos 14 anos por acidente, cegou da outra aos 16. Adolescente, ainda, colaborou na imprensa vassourense. Desde que se tornou espírita confesso, estendeu aos periódicos espíritistas, principalmente ao **Reformador**, a sua produção poética. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra Menezes", de Vassouras. **Mário Cis** era o pseudônimo que ele comumente usava. Prefaciando o primeiro livro do poeta – **Singelos** –, M. Quintão chegou a afirmar que ele "fechava os olhos às misérias da Terra, para melhor entrever as belezas do Céu". Jamais se lhe ouviu dos lábios um queixume, uma palavra de revolta. Era a resignação em pessoa. "Alma feita de luz," – afirmou-o Armando Gonçalves (**Colar de Pérolas**, pág. CXXVI) – "é um dos mais vigorosos literatos que enchem de orgulho o torrão fluminense." (Vassouras, Estado do Rio, 14 de Abril de 1880 – Vassouras, 7 de novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: **Singelos; Efêmeros; aves Implumes; Pétalas; Perispíritos; Álbum de Delba**, póstumas.

b) do poeta desencarnado: **Cartas do Evangelho; cartilha da Natureza; História de Maricota; Gotas de Luz** – todas pelo médium Francisco Cândido Xavier; **Juca Lambisca e Timbolão** – pelos medianeiros desta **Antologia**.

13. Leia-se *in-com-preen-sões*, com sinérese.

18. Ler *no/ ar*, em duas sílabas.

83. Cf. a nota nº. 13 deste capítulo.
114. Note-se a mestria com que o poeta se serviu do bordão: "Simplifica, simplifica."
162. Leia-se *com as*, em uma sílaba (Eclipse).

AH! SE EU PUDESSE

JORGE Mateus DE LIMA*

Que tem este meu corpo,
2 este meu corpo transparente?
Penso habitando um vaso de cristal.
Para onde foram as minhas rugas?!
5 Esconderam-se as rugas
Em mocidade nova...
7 Aonde ficou a minha opacidade?
8 Onde estão os quilos de meu corpo?
Sou agora tão diferente,
Qual pluma leve e multicolor...
O que há? O que há?
Se a minha fome se modificou!
Hoje aspiro a essência dos deuses!
E esta luz,
15 esta luz que surge em mim!
Há uma tocha escondida no meu peito.

Se não estivesse tão calmo, teria medo,
18 muito medo...

E a vontade?

Minha vontade esta valendo mais.

21 Nunca mais invejarei os passarinhos...

Mas, a memória! ?

23 Oh! Memória,

Não venha mais aqui!...

Toda vez que volto atrás

sofro até chorar...

Ah! Se eu pudesse fazer o mundo

Sentir o que sinto!...

29 Ah! Se eu pudesse...

(*) Tendo concluído o curso médico, em 1914, no Rio de Janeiro, volta Jorge de Lima, em 1922, a Maceió, onde é recebido como o « Príncipe do Poetas Alagoanos ». Poeta, romancista, jornalista, contista, ensaísta, professor de Literatura na Universidade do Brasil, era um talento múltiplo. Em sua última fase literária, após ter abandonado o modernismo regionalista que tanta fama lhe trouxera, JL « incursionou pela poesia religiosa e terminou cultuando uma poesia quase abstrata, ou tirante a escrita automática » . (Péricles E. da Silva Ramos, **in A Lit. no Brasil**, III, t. 1, pág.609.) Referindo-se ao **Livro de Sonetos** do poeta, J. Fernando Carneiro « informa, com sua autoridade de médico, amigo e exegeta de Jorge de Lima, que ele escreveu todo o livro, 77 sonetos e mais 25 que continuaram inéditos, em pleno **estado hipnagógico** e no espaço apenas de 10 dias » .(apud A. Rangel Bandeira,**Jorge de Lima...**, pág. 115) « O poeta que escreveu a **Invenção de Orfeu**, e se chamou Jorge de Lima, » - disse Eduardo Portella - « foi dos mais complexos e fortes de toda a nossa poesia moderna. » « Muitas vezes » – observa Rangel Bandeira (**ibidem**, pág. 123) - « **Invenção de Orfeu** dá a impressão de ter sido um livro psicografado; era Jorge de Lima que registrava seu próprio delírio. » Segundo Fernando Carneiro, o poeta alagoano foi « a encarnação da bondade » : « Tudo em Jorge de Lima estava envolto num halo de bondade, até a sua tristeza, até as suas fraquezas. » (União dos Palmares, Est. De Alagoas, 23 de Abril de 1893** - Rio de Janeiro, Gb, 15 de Novembro de 1953.)

BIBLIOGRAFIA: **XIV Alexandrinos; Poemas; Poemas Escolhidos; Tempo e Eternidade; Invenção de Orfeu;** etc.

(**) Ver Antônio Rangel Bandeira, **Op. eit.**, pág. 16.

2-15. Exemplos de anadiplose: "... este meu corpo, /este meu corpo..." - "E esta luz, /esta luz que...".

5-18-23. "Para onde foram as minhas rugas?! / Esconderam-se as rugas"; "Se não estivesse tão calmo, teria medo, / muito medo..."; "Mas, a memória!/?Oh! Memória". Exemplos de epífora: "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no fim de vários VERSOS..." (Geir Campos, Op. Cit)

7-8. Aonde - onde. Cf. nota nº 72, pág.141.

21. Refere-se o poeta à possibilidade que tem o Espírito de se locomover pela volitação.

29-36. Exemplos de anáfora: " ah! Se eu pudesse!" e "Lá vai..."

32. Atende-se na hipérbole.

ASCESE

JORGE Mateus DE LIMA*

Lá vai...

- Que é?

32 - Um oceano de suor.

Lá vai...

- De onde vem?

- Da nascente do nada.

36 Lá vai...

-Aonde vai?

-Ao estuário do infinito.

Afinal, a libertação.

Momento de apoteose

na Eternidade.

Fieiras de milênios e de vidas...

Labirintos de ideias e paixões...

Andanças, quedas, levantares,
novas quedas, novos recomeços...

Agora, outras formas, outras dimensões,
outros grãos da poeira cósmica.

Novos céus, novas terras, novos Cristos...

Múltiplas emoções fluem da Inteligência.

Novos ares do Universo,

novos panoramas,

novas perspectivas

53 no calidoscópio do existente...

Rompimento do indevassável,

vitória sobre o impossível,

disciplina do caos...

Além dentro do ser...

58 Além sem limitações...

Convivência mais íntima nas causas...

Aonde pensa

o viandante das nebulosas?

O que faz ele?

Qual a sua fisionomia?

Voltará por aqui?

Ninguém sabe...

67 Ninguém sabe...

(*) Tendo concluído o curso médico, em 1914, no Rio de Janeiro, volta Jorge de Lima, em 1922, a Maceió, onde é recebido como o «Príncipe do Poetas Alagoanos». Poeta, romancista, jornalista, contista, ensaísta, professor de Literatura na Universidade do Brasil, era um talento múltiplo. Em sua última fase literária, após ter abandonado o modernismo regionalista que tanta fama lhe trouxera, JL «incursionou pela poesia religiosa e terminou cultuando uma poesia quase abstrata, ou tirante a escrita automática». (Péricles E. da Silva Ramos, **in A Lit. no Brasil**, III, t. 1, pág.609.) Referindo-se ao **Livro de Sonetos** do poeta, J. Fernando Carneiro «informa, com sua autoridade de médico, amigo e exegeta de Jorge de Lima, que ele escreveu todo o livro, 77 sonetos e mais 25 que continuaram inéditos, em pleno **estado hipnagógico** e no espaço apenas de 10 dias». (**apud A. Rangel Bandeira, Jorge de Lima...**, pág. 115) «O poeta que escreveu a **Invenção de Orfeu**, e se chamou Jorge de Lima,» - disse Eduardo Portella - «foi dos mais complexos e fortes de toda a nossa poesia moderna.» «Muitas vezes» - observa Rangel Bandeira (**ibidem**, pág. 123) - «**Invenção de Orfeu** dá a impressão de ter sido um livro psicografado; era Jorge de Lima que registrava seu próprio delírio.» Segundo Fernando Carneiro, o poeta alagoano foi «a encarnação da bondade»: «Tudo em Jorge de Lima estava envolto num halo de bondade, até a sua tristeza, até as suas fraquezas.» (União dos Palmares, Est. De Alagoas, 23 de Abril de 1893** - Rio de Janeiro, Gb, 15 de Novembro de 1953.)

BIBLIOGRAFIA: **XIV Alexandrinos; Poemas; Poemas Escolhidos; Tempo e Eternidade; Invenção de Orfeu;** etc.

(**) Ver Antônio Rangel Bandeira, **Op. eit.**, pág. 16.

53. Observem-se a enumeração e os diversos exemplos de poliptoto.

58. Anáfora

59. Epanalepse, mesarquia e mesotelêuton: "Além, além do além..."

67. Vamos em seguida transcrever pequeno trecho do "Poema do Cristão", de A Túnica Inconsútil (apud Luiz Santa Cruz, N. Cl. nº. 26, pág.57), de autoria do distinto poeta, quando ainda entre os homens:

“Os milênios passados e os futuros
não me aturdem porque nasço e nascerei,
porque sou uno com todas as criaturas,
com todos os seres, com todas as coisas,
que eu decomponho e absorvo com os sentidos,
e compreendo com a inteligência
transfigurada em Cristo.
Tenho os movimentos alargados.
Sou ubíquo: estou em Deus e na matéria;
sou velhíssimo e apenas nasci ontem,
estou molhado dos limos primitivos,
e ao mesmo tempo ressôo as trombetas finais,
compreendo todas as línguas, todos os gestos, todos os signos,
tenho glóbulos de sangue das raças mais opostas.”

Observa-se ainda a palilogia: “Ninguém sabe... / Ninguém sabe...” – palilogia: “ Nome dado a FIGURA que resulta quando se repete por inteiro uma frase ou um VERSO...” (Geir Campos, Op. Cit.)

APELO AO VIAJOR

Arlindo Costa e Silva

¹1 Viajante do mundo pára e pensa
Assinalando os dons que Deus te empresta:
A natureza a derramar-se em festa,
4 A, visão, a beleza, o sonho, a crença...

Ergue-te ao sol do amor, caminha e incensa.
De paz constante e de Alegria honesta
O trecho da jornada que te resta,
Procurando servir sem recompensa.

Segue fazendo o bem por onde fores,
Esquecendo nos trilhos redentores
11 Charcos e penas, sombras e penares...

Porque, um dia ante o tempo que te espreita,
Receberás os frutos da colheita,
Na espécie de sementes que plantares.

1. ^[1]Leia-se vi-a-jan-te, com diérese.

4-11. Observem-se os exemplos de enumeração. - Enumeração: “Recurso estilístico, denominado *enumeração caótica* por Leo Spitzer, e consistente em uma apresentação, quase catalogal, de idéias ou elementos que se sucedem com um máximo de rapidez e fluência, sem prejuízo da qualidade do texto...”

(Geir Campos, Op. Cit.)

(*) Residindo em Uberaba, Minas, de 1901 a 1912, fez Arlindo Costa o Curso Normal e colaborou em diversos jornais, dentre outros, a **Gazeta de Uberaba, Lavoura e Comércio e Brasil Central**. Foi professor do Grupo Escolar Uberabense e fundador do jornal **Lírios do Vale**, título de que se serviu para o seu primeiro livro, editado em 1907. Representou, em 1911, o professorado do Triângulo Mineiro no Congresso de Professores levado a efeito em Belo Horizonte. Em Anápolis, onde passou a residir desde Junho de 1912, foi coletor estadual e presidente do Conselho Municipal. Criou o primeiro Grupo Escolar da cidade, e contribuiu para a fundação da Escola Normal. Nestas instituições exerceu o magistério. Muito lutou para a emancipação política de Anápolis. Era deputado estadual quando desencarnou (Piranjuba, antiga Pouso Alto, Estado de Goiás, 28 de Setembro de 1880 – Anápolis, Estado de Goiás, 4 de Janeiro de 1928 .)

BIBLIOGRAFIA: **Lírios do Vale**. Deixou um livro inédito : **Poemas da Saudade**.

SIM

EUGÊNIO Júlio SAVARD de Saint-Brisson *

1. Singram mares do Cosmo as barçaças airoas...
Eis a frota do Sol a vogar pelo espaço...
Os tufões siderais marcam vivo compasso,
Sinfonia de luz a envolver nebulosas...

Mostra a Terra à distância o perfil rude e baço
Da mantilha sutil de cortinas gasosas...
7. E na altura onde estou sinto ânsias saudosas,
Tristes dardos lembrando a amargura e o cansaço.

A beleza do anil a exornar cada canto
É qual prece de amor que se eleva e se espalma
Pelo empíreo estrelado em fulgor sacrossanto.

Não duvido, meu Deus, na certeza de agora!
13. Sim! Meu corpo vivia inundado de alma
14. Como o dia de névoa esmaltado de aurora!...

(*) Poeta espontâneo, de vastos recursos e profunda emotividade, "caráter bondoso e coração terno", Eugênio Savard bem cedo encontrou o termo de uma existência de desventura e sofrimento. Matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não pôde terminar os estudos, por falta de recursos e em razão de seu precário estado de saúde. Grave neurastenia tomou conta do seu organismo, já debilitado pelo trabalho excessivo. Em busca de alívio aos padecimentos, esteve em Portugal, onde fez amizade com o brilhante orador e poeta português Silva Gonçalves, que escreveu, em memória de ES, o livro **Perpétuas e Goivos**, no qual, apreciando o vate brasileiro pelo seu merecimento literário, pôs em destaque "as suas qualidades poéticas, o seu fino temperamento artístico, os requintes de cinzelamento, com que aprimorava a forma, e o sentir, que fazia transparecer nas suas composições" (**apud Asas**, página 8 da 2ª parte - "Juízo sobre Eugênio Savard"). O primoroso autor do soneto "Camões naufragado em Cambodge" foi igualmente músico, "delicioso compositor e

ardente entusiasta de Verdi" (idem, ibidem, pág. 24). (Estado do Rio, 13 de novembro de 1865 – Niterói, Est. do Rio, 1º de dezembro de 1899).

BIBLIOGRAFIA: **Asas**: dois poemetos: **Serenata** e **O espectro**; etc.

1. A aliteração em s sugere, com efeito, que as barcaças airosas singram mares do Cosmo.

Leia-se com hiato: sin/to/ ân/sias.

13. Duas leituras para este verso:

a) Sim!/ Meu/ cor/po/ vi/via i/nun/da/do de/ al/ma/;

b) Sim!/ Meu/ cor/po/ vi/via i/nun/da/do de al/ma

14. Transcrevamos de "Dois Crepúsculos" (apud *Asas*, 2ª Parte, pág. 22) o último terceto, que nos parece haver suscitado este inimitável "Sim" ... Senão vejamos

DEPOIS DA TORMENTA

EUGÊNIO Júlio SAVARD de Saint-Brisson *

Cresce a lousa sombria a embuçar o horizonte...

O pincel do corisco a explodir ansiedade,

Escrevendo com luz, proclama a tempestade,

18. E estrondeia o tambor do trovão pelo monte...

19. Cai a chuva a rugir por mil bocas de fonte...

20. Verte, foge e me impele à oração da saudade...

21. Sou agora ave exul na bonança que invade

A Natureza erguida à paz de ninho insonte.

23. Reencontrei o fanal da esperança perdida

E canto a exaltação do júbilo fecundo

De quem achou na morte a grandeza da vida.

Louvada seja a dor que a tudo eleva e acalma!

Bendito seja Deus, surgindo, mundo a mundo,

Por sol de céu em céu, por amor de alma em alma!...

(* Poeta espontâneo, de vastos recursos e profunda emotividade, "caráter bondoso e coração terno", Eugênio Savard bem cedo encontrou o termo de uma existência de desventura e sofrimento. Matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não pôde terminar os estudos, por falta de recursos e em razão de seu precário estado de saúde. Grave neurastenia tomou conta do seu organismo, já debilitado pelo trabalho excessivo. Em busca de alívio aos padecimentos, esteve em Portugal, onde fez amizade com o brilhante orador e poeta português Silva Gonçalves, que escreveu, em memória de ES, o livro **Perpétuas e Goivos**, no qual, apreciando o vate brasileiro pelo seu merecimento literário, pôs em destaque "as suas qualidades poéticas, o seu fino temperamento artístico, os requintes de cinzelamento, com que aprimorava a forma, e o sentir, que fazia transparecer nas suas composições" (apud **Asas**, página 8 da 2ª parte - "Juízo sobre Eugênio Savard"). O primoroso autor do soneto "Camões naufragado em Cambodge" foi igualmente músico, "delicioso compositor e

ardente entusiasta de Verdi" (idem, ibidem, pág. 24). (Estado do Rio, 13 de novembro de 1865 – Niterói, Est. do Rio, 1º de dezembro de 1899).

BIBLIOGRAFIA: **Asas**: dois poemets: **Serenata** e **O espectro**; etc.

18. Todos os verbos deste quarteto caracterizam-se por vigorosa expressão: "embuçar o horizonte", "explodir ansiedade", "escrevendo com luz", "estrondeia o tambor do trovão". Observe-se, ainda, a aliteração em t e tr.

19. Hipérbole: rugir por mil bocas de fonte.

20. Note-se o adensamento da ação verbal, pela sucessão de três verbos: "Verte, foge e me impele à oração da saudade..."

21. Usando da figura poética – diástole ou alongamento (Ancípite), o poeta escreveu exul.

Leia-se reen/con/trei, com sinérese.

CORAÇÃO

EUGÊNIO Júlio SAVARD de Saint-Brisson *

Desde o astro primeiro exposto à Imensidade,
Na pauta da grandeza, o Regente Divino,
Num misto de beleza, alegria e bondade,
Fez os mundos e os sóis como notas de um hino.

33 . Deu tons ao vento agreste e fala à tempestade,
Rumor ao fogo estranho e voz ao mar leonino...
A eterna melodia a tudo atinge, invade
E sonoriza a paz nas claves do destino.

37. Mas o homem, só ele, era mudo e expectante...
Eis, porém, que o Criador premiu-lhe a fonte inculta
E o pêndulo da vida inflou-lhe o peito arfante.

.....

Se a dor te envolve o passo em sombra malfazeja,
Sente Deus em ti mesmo e, em prece viva, ausculta
O ritmo do amor que o coração harpeja!...

(*) Poeta espontâneo, de vastos recursos e profunda emotividade, "caráter bondoso e coração terno", Eugênio Savard bem cedo encontrou o termo de uma existência de desventura e sofrimento. Matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não pôde terminar os estudos, por falta de recursos e em razão de seu precário estado de saúde. Grave neurastenia tomou conta do seu organismo, já debilitado pelo trabalho excessivo. Em busca de alívio aos padecimentos, esteve em Portugal, onde fez amizade com o brilhante orador e poeta português Silva Gonçalves, que escreveu, em memória de ES, o livro **Perpétuas e Goivos**, no qual, apreciando o vate brasileiro pelo seu merecimento literário, pôs em destaque "as suas qualidades poéticas, o seu fino temperamento artístico, os requintes de cinzelamento, com que aprimorava a forma, e o sentir, que fazia transparecer nas suas composições" (**apud Asas**, página 8 da 2ª parte - "Juízo sobre Eugênio Savard"). O primoroso autor do soneto

“Camões naufragado em Cambodge” foi igualmente músico, “delicioso compositor e ardente entusiasta de Verdi” (idem, *ibidem*, pág. 24). (Estado do Rio, 13 de novembro de 1865 – Niterói, Est. do Rio, 1º de dezembro de 1899).

BIBLIOGRAFIA: **Asas**: dois poemetos: **Serenata** e **O espectro**; etc.

33. Novamente, aliteração em t.
37. Ler assim este verso: “Mas/ o/ ho/mem/ só/ e/le e/ ra/ mu/do e ex/pec/tan/te”

ALÉM DA TERRA

ORLANDO Martins TEIXEIRA *

Confio o pensamento a sonho terno,
Em holocausto mudo à Divindade,
E sinto a redenção de todo inferno
Na blandícia da paz que, em luz, me invade.

6. À carícia invisível me prosterno.
E por mais ruja a treva e se degrade,
Deus fulgura qual facho imenso e eterno,
Suporte vivo da imortalidade

Há traços resplandecentes de mil vidas
E destroços das épocas perdidas
No mar turbilhonante de mim mesmo.

12. Seguimos... Eu e o sonho que delivro,
Páginas paralelas de um só livro,
14. No livro do Universo aberto a esmo...

(*) Poeta, dramaturgo e jornalista. Funcionário da Prefeitura Municipal de S. João da Boa Vista. Exerceu o jornalismo no Rio de Janeiro, onde secretariou a **Gazeta da Tarde**. Segundo Luís Correia de Melo (**Dic. Aut. Paulistas**, pág. 631), OT “compôs ou traduziu numerosas peças de teatro, principalmente de colaboração com Artur Azevedo, Demétrio de Toledo, Eduardo Vitorino e Moreira Sampaio, sendo de sua autoria o libreto da ópera **Ester**, do maestro Assis Pacheco”. Afirma Fernando Góes (**Pan. IV**, pág. 150) que o poeta teve a “vida marcada pelo sofrimento, pela doença, por um amor inatingível”. Andrade Muricy (**Pan. Mov. Simb. Brás. II**, págs 171-172) dá melhor a conhecer a página amorosa do poeta de “voz roufenha” e “físico infeliz”, “a quem” – segundo as palavras de João Luso – “a tuberculose devorava os pulmões e o amor o coração”. (S. João da Boa Vista, Est. de S. Paulo, 27 de agosto de 1875 – Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 25 de fevereiro de 1901**.)

BIBLIOGRAFIA: **Magnificat**.

** Luís Correia de Melo (**op. cit.**, pág. 631) registra 1902 como o ano de desencarnação

6. Elipse: "E por mais (que) ruja..."
12. Aposiopese: "seguimos..."
14. Ler assim este verso:

No/ li/vro do U/ ni/verso a/ ber/to a/ es/mo...

Neste soneto, revela-se o poeta pouco afeito aos altos vôos do artesanato poético e, para que possamos observar o quanto OT, ainda encarnado, era distraído quanto à forma, vamos citar-lhe alguns versos alexandrinos, uns trimembres, outros não. De início, cf. o quarto verso do soneto "Horas Mortas" (Pan. IV, pág. 150), com acentuação na 1ª, 4ª, 8ª e 12ª sílabas. Em seguida, cf. "Paisagem Espiritual", 7º e 8º versos, respectivamente, com acentuação na 3ª, 7ª e 12ª e 4ª, 9ª e 12ª sílabas (id., pág. 151).

PERTO E LONGE

João Marques RENATO DA CUNHA

Na câmara olorosa, antes do réveillon,
Há sedas no alvo leito e holandas de bordados,
Fitas e rendas sobre os móveis entalhados,
Loções no toucador, pentes, rouge e baton...

Na mesma casa, em quarto pobre e de mau tom,
Ante um catre modesto há roupas sem plissados,
Forros sem bibelots, limpos e descuidados,
Um livro de orações e a paz de um ninho bom...

Duas irmãs no mundo, em diversos destinos...
Uma, a sofrer, fruindo ilusões passageiras;
Outra, a penar, gemendo entre sonhos mofinos...

- Cada qual conduzindo um dever e uma cruz,
Caminham, perto e longe, embora companheiras,
14. Buscando o mesmo amor... sonhando a mesma luz...

(*) De Renato da Cunha afirma Antônio Carlos Machado (**Coletânea Poetas Sul-Riogr.**, pág. 155): "Foi um dos grandes poetas gaúchos do século XIX. Foi também um dos mais discutidos do seu tempo." Colaborou no **Jornal do Comércio** e no **Correio do Povo**, dos quais era redator, na **A Batalha** e em outros jornais de Porto Alegre, aí fundando **O Reclame**, em 1895. É tido como iniciador dos simbolistas no Rio Grande do Sul, antecedendo a geração de Marcelo Gama e Zeferino Brazil. Seus versos "brilham, não só pela beleza de imaginação, galas de estico e elevação e grandeza de pensamento, bem como pela metrificação" (**apud RC, Maldições e Crenças**, pág. 5). Patrono, na extinta Academia Rio-grandense de Letras, da cadeira nº 36. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 15 de abril de 1869 – Porto Alegre, 2 de maio de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Rutilações; Pérolas e Diamantes; Vesúvios**; etc.

14. Para que possamos comprovar o gosto do poeta pelas palavras estrangeiras, de preferência francesas, vamos transcrever-lhe apenas os terceiros de um "Soneto", citado pelo autor da Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses:

"As lindas cortesãs, envoltas em arminhos,
Nos fofos dos coupés, como rolas nos ninhos,
Saíam dos bordéis cansadas das vigílias.

E nas mesas do jogo os velhos crapulosos
Davam ao bacarat, febrentos, sequiosos,
Os últimos ceitis roubados às famílias" (Pág. 157)

Aliás, só mesmo um grande amigo dos francesismos para fundar um jornal do gabarito de O Reclame, cujo título, por si só, faria corar a qualquer gramático inimigo dos galicismos

DILEMA

BASÍLIO SEIXAS

1. Alguém partiu... E ao longe a estranha e muda escolta
Segue um casulo inerme à estreita cova escura...
Se a trilha humana foi a vasta semeadura,
O caminho do Além traz a justa recolta.

O corpo cai, a terra o esconde e a turba volta...
Morrem na alcova fria e ultriz da sepultura
Os derradeiros ais da escala da amargura

Em que o triste marcava o suplicio e a revolta...

Mas dilema cruel de ansiedade me inunda,
Ao fitar a alma livre até que se reintegre
Na extrema exaltação da vida que persiste...

Não sei dizer quem sente a emoção mais profunda:
Se quem ficou na sombra arrasado e alegre;

14. Se quem subiu à Luz ditoso e triste!...

(*) Poeta de origem humilde, nascido em 1884, dele diz Edgard Rezende (**Os Mais...**, pág. 211): "Criado por sua avó, quitandeira, foi tipógrafo, tendo sido impressor e assíduo colaborador da revista **Tagarela**, dirigida por Peres Júnior. (Teles de Meireles)". Atacado de tuberculosos galopante, o poeta veio a falecer em 23 de março de 1903, com apenas 19 anos de idade, quando ainda cursava o 2º ano do curso jurídico, no Rio de Janeiro. A revista **Tagarela** de 26 de março desse ano, em breve necrológico à pág. 3, após afirmar que "Basílio Seixas era um talento de primeira água", salientou que ele "se fez à custa de uma raríssima força de vontade, estudando com denodo enorme e inabalável". Mário Linhas (**Poetas Esquecidos**, pág. 209), diz que o único livro de versos de BS, publicado em 1902, "colocou o seu nome na plana dos nossos melhores poetas". Foi Basílio Seixas amigo e ardente admirador de Emílio de Menezes.

BIBLIOGRAFIA: **Ópera**, versos.

1. Atente-se na eloquência do “enjambement” dando a idéia de que, realmente, um séqüito leva alguém “à estreita cova escura...” Observe-se, ainda, a aposiopese: “Alguém partiu...”

14. A nosso ver, “Dilema” é a resposta sincera do poeta ao seu “Pela Glória de Partir”, por ele escrito quando ainda na terra e dedicado a Peres Júnior, que vamos transcrever, a fim de que possamos comprovar semelhante fato:

“É um funeral que passa. Um mais que, venturoso,
Abandonou do mundo as dores e as quimeras,
E sua alma, espalhando o horror pelas esferas,
Sumiu-se qual se fora um sopro vaporoso.

Irmão nosso – mortal – tão deslumbrante gozo
Jamais ele sentiu nas esquecidas eras.
Vida, sonhos líricos, amores, primaveras
Nada lhe vale esta hora o cândido repouso!

Por que chorais? Por que sofreis dessa ventura,
Se não há mais para ele a ríspida tortura
Que ora as nossas paixões amargurando vai?

Todo sonho da vida encerra-se na Morte,
Portanto, pelo amor desse final transporte,
Hosanas, meus irmãos, seu funeral saudai!”

ADEUSES DE SAUDADE

F. MANGABEIRA (FRANCISCO Cavalcanti MANGABEIRA) *

Olhando a Terra envolta em sombra escura,
Fico a cismar sozinho na saudade...
O' Galera da Vida, que procura
O teu giro na luz da imensidade?

5. Vejo o assomar de cenas vis e insontes
Do palco de mim mesmo ressurgidas.
Nos brilhos festivos dos horizontes
Decifram-se mistérios de outras vidas.

9. Recordo os dias tristes e risonhos...
10. No presente, o passado entre em conflito...
Na teia luminosa de mil sonhos,
O meu pensar desmaia no Infinito...

13. Doces notas ecoam delicadas...
Há lira oculta além dos promontórios
Das nuvens de outras terras, espalhadas
Por alfombras varando espaços flóreos.

Vastos campos de dores e prazeres
Entreabrem-se ao mundo e aos corações.
19. A carícia da fé embala os seres,
E as almas são repuxos de orações.

Em toda a parte o amor vibra e esplendorosa...
A vida – movimento de beleza –
Revela o eterno bem estrada afora
Em cada pulsação da Natureza.

Quais belos focos de esperança,
Almas libertas tomam novo alento.
Do Amor Sem Fim derrama-se a bonança...
EM tudo há melodia e encantamento...

Terra! Galera ao sol, luta e porfia!
Guarda contigo a Grande Humanidade!
Homens! Canta a festa da alegria,
Enquanto choro adeuses de saudade!...

(*) Médico, jornalista e poeta. Viveu uma existência agitada e heróica. À maneira de Luís Delfino, soube associar a Medicina à Poesia, até que a morte o colheu, em viagem, depois de servir na libertação do Acre, vítima de terrível polinevrite palustre. Agripino Grieco coloca-o entre os poetas do "nosso segundo parnasianismo". Nélon Werneck Sodré, por outro lado, situa-o entre os poetas menores do romantismo. Tem a poesia de Francisco Mangabeira, segundo Américo de Oliveira, "eloquentíssimos êxtases passionais, e todos os sentimentos assumiram elevações verdadeiramente inéditas" (**apud** A. Diniz, **Francisco Mangabeira**, pág. 207). Patrono, na Academia de Letras da Bahia, da cadeira nº 70. (Salvador, Bahia, 8 de fevereiro de 1879 – A bordo do paquete **S. Salvador**, na altura de Gapuri, entre Belém e S. Luís, 27 de janeiro de 1904.)

BIBLIOGRAFIA: **Hostiário**; **Tragédia Épica**, poema; **Últimas poesias**; além de inéditos.

5. Entenda-se "Vejo o assomar de cenas vis e insontes / ressurgidas do palco de mim mesmo".

9-13 Ler com sinérese: di/as e e/co/am. Atente-se, ainda, no hipérbato: "Doces notas ecoam delicadas..."

10. Antítese

19. Leia-se com hiato: fé/ em/ba/la

FILII DEI

José Isidoro MARTINS JÚNIOR *

Homem! Filho de Deus! Cansado itinerante!
Fita a glória da Altura e avança, peregrino!

3. O livre arbítrio – a grande estrela, alva e constante,
Demarca-te o fiel supremo do destino.

5. Sê prudente, sê bom, sê puro, viandante!
Teu passo é ouvido além no Universo Divino,
Tanto na ação do bem que se alteia abundante,
Quanto na ação do mal que freme em desatino!

A clava da Justiça, horizonte a horizonte,
Da Sublime Harmonia é sempre a Eterna Fonte,

11. Seja no peito em flor, seja no peito em chaga.

A todo fel da estrada estende a paz em troca,
Segue, antigo viajor, para Deus que te avoca,
À luz do Excelso Amor que todas a sombra esmaga!...

(*) Discípulo ilustre de Tobias Barreto, Martins Júnior foi poeta, orador, jornalista, jurista-filósofo, historiador do Direito e professor catedrático. Membro da Academia Brasileira de Letras. Patrono, na Academia Pernambucana de Letras, da cadeira nº 25. Entre outras homenagens que lhe foram prestadas no Recife, por ocasião de seu primeiro centenário de nascimento, em 1960, o acadêmico Ivan Lins, em sessão especial da Academia Brasileira de Letras, em 07-12-60, consagrou-lhe brilhante conferência sob o título "Martins Júnior e a poesia científica". (Recife, Pernambuco, 24 de novembro de 1860 – Rio de Janeiro, GB. 22 de agosto de 1904).

BIBLIOGRAFIA: **Visões de Hoje; Estilhaços; Tela Policroma;** e numerosas obras de Direito.

3. Conquanto correto este alexandrino, pode, contudo, ser lido com acentuação na 4ª, 8ª e 12ª sílabas, como no 5º verso do poema "Morta_Viva", de Tela Policroma (apud Supl. Lit. do Jornal do Comércio, 19-03-61):

"Em/quan/to eu/ vou/ mor/ren/do à/ mín/gua de/tu'/al/ma"
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

5-11. Observem-se dois casos de epímone: "Sê prudente, sê bom, sê puro, viandante!" e "Seja no peito em flor, seja no peito em chaga! (Veja-se G. Campos, N. Cl. Nº 32, nota 85, pág. 26).

HOSPITAL

LUÍS DELFINO dos Santos *

Hospital! Praia viva dos efeitos,
És foro das causas esquecidas,
Reduto generoso de mil vidas,
No espinheiral dos trilhos imperfeitos.

Incompreendida dor! Benditos leitos!
Ninho-prisão de loucos e suicidas
Dantes livres nas largas avenidas
Do egoísmo e do orgulho, vis e estreitos.

Em teu regaço, as lágrimas são hinos...
Alguém te vela o clima, atento e mudo:
O médico no leme dos destinos...

Dá-nos, templo da angústia transitória,
O florão da humildade por escudo,
14. O laurel do trabalho por vitória!...

(*) Médico, LD soube, desde cedo, servir-se dos pequenos lazeres da clínica para escrever os magistrais sonetos da sua obra imponente, na qual conseguiu refletir "os três movimentos poéticos do século: o romantismo, o parnasianismo e o simbolismo". Seu filho, Tomás Delfino, já desencarnado, coligiu em vários livros a obra imensa de LD, deixada esparsas em jornais e revistas. "Era um poeta abundante", - confirma-o Manuel Bandeira - "e tanto podia espriar-se longamente em lirismos condoreiros, como sabia limitar-se lapidarmente num soneto". (**Apud LD, Arcos de Triunfo**, pág. 29). (Florianópolis, Santa Catarina, 25 de agosto de 1834 - Rio de Janeiro, GB, 31 de janeiro de 1910).

BIBLIOGRAFIA: **Algas e Musgos; Poemas; Poesias Líricas**; etc.

14. Admirável soneto, digno de um médico-poeta.

AVANTE !

João DAMASCENO VIEIRA FERNANDES *

- Peregrino da vida e da morte oriundo
2. Avança do nascer ao pôr do Sol, durante
A evolução sem fim nos carreiros do mundo,
Pela ronda do tempo, a ressurgir constante.

- Das sombras da maldade à luz do bem fecundo,
Das ruínas morais ao triunfo pujante,
Aprende pouco a pouco e, segundo a segundo,
8. Ergue em tudo, a ti mesmo, o teu grito de – avante!

Segue esgarçando os véus dos caminhos secretos,
Desfazendo aflições e remontando afetos,
Com risos e ilusões, suspiros e agonias.

12. E ao morrer-te o rancor e ao nascer-te a humildade,
Em êxtases de amor e em lances de bondade,
14. Encontrarás, ditoso, a paz de novos dias!

(*) Poeta, jornalista, crítico literário, dramaturgo, historiador, Patrono da cadeira nº 17 da extinta Academia Riograndense de Letras, colaborou ativamente na revista do Pártenon Literário, do qual fazia parte, e em várias publicações periódicas, dentre elas, **Álbum do Domingo, O Mosquito, Lusitano**. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do congênere da Bahia. Gozou de grande prestígio como poeta, e "a sua poesia da última fase é no geral simples, sem distorções, direta, a par de calorosamente humana e fraterna". (Guilhermino César, **in História da Lit. R.G.S.**, pág. 284). (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 6 de maio de 1853 – Salvador, Bahia, 7 de março de 1910 **).

BIBLIOGRAFIA: **Ensaio Tímidos; Auroras do Sul; Esboços Literários**, poesia e crítica; **Escrínios; Albatrozes**; etc.

** Essas datas, tirámo-las do **Diário da Bahia** e do **Diário de Notícias**, jornais de Salvador, que noticiaram o sepultamento de Damasceno Vieira.

2. Note-se o "enjambement" que nos suscita a idéia de alguém que avança do nascer ao pôr do Sol, durante a evolução sem fim...

8. Aliteração em t.

12. Observem-se, não apenas neste verso, mas nos anteriores, as antíteses primorosas.

14. Cf. o soneto "A Lendo do Judeu Errante", de autoria do poeta quando encarnado (apud Col. Poetas Sul-Riogr., pág. 94), cuja disposição rimática é perfeitamente idêntica à de "Avante!".

NO DIA DE FINADOS

INÊS SABINO Pinho Maia *

1. Agradeço, meu filho, a glória que me deste,
O mármore custoso, o imponente jazigo,
A legenda piedosa, as flores que bendigo,
A oração da saudade, a sombra do cipreste...
Mas afasta de nós a pompa que me veste!

6. Este luxo no chão é miséria comigo...
Quero apenas o amor por sacrossanto abrigo,
Dá-me teu coração por tesouro celeste.

Não me busques, em vão, na gelidez das lousas!
Transfunde-me a lembrança em pão que reconforte
A quem viva de fel na aflição que te espia...

Procura-me na dor do caminho em que pousas
E esparze em tudo o bem, porque a bênção da morte,

14. Que me acordou na luz, há-de acordar-me um dia...

(*) Poetisa, jornalista e romancista. Domingos Carvalho da Silva, em sua obra **Vozes Fem. da Poesia Brás.**, pág. 22, considerou-a merecedora de figurar num seleto grupo de poetisas da fase pós-romântica e parnasiana. Iniciou a sua educação literária na Inglaterra. Regressando ao Brasil ainda bem jovem, pouco depois dava a público as suas primeiras poesias e traduzia, para o português, contos, novelas e pequenos romances ingleses e franceses. Foi uma das escritoras que no Nordeste, em fins do século XIX, lutou pela participação da mulher nas lides literárias, contra um meio adverso nesse sentido. No prefácio à sua obra **Impressões**, Inês Sabino Pinho Maia fez esta judiciosa observação: "Retirem-se do manto estrelado da poesia os salpicos do ideal, que um livro de versos não passará de um compêndio enjoativo das verdades amargas que nos rodeiam acremente por todas a parte". O **Jornal do Comércio**, do Rio, em seu úmero de 14 de setembro de 1911, destacou-lhe a "grande nobreza de sentimento",

o "espírito caridoso e esmoler" e a real educação". (Bahia (**), 31 de dezembro de 1853 – Rio de Janeiro, GB, 13 de setembro de 1911).

BIBLIOGRAFIA; **Ave Libertas**, poemeto; **Rosas Pálidas**, versos (1ª série); **Impressões**, versos (2ª série); **Contos e Lapidações**; etc.

(**) Affonso Costa em "Poetas de outro Sexo", p. III, afirma ter ela nascido na Bahia e não em Pernambuco.

1. Enumeração
6. Antítese
14. Poliptoto: "Que me acordou..., há de acordar-te..."

BAGATELA

RAIMUNDO da Mota de AZEVEDO Correia *

O vento corre uivante e desempedra
Alvo seixo engastado na montanha
A pedra solta cai sobre outra pedra,
Brotam faíscas de uma luz castanha...

Novo golpe do vento e o fogo medra
Na alfombra ressequida, em doida sanha...
Há luta que se alteia e se desmedra
No incêndio arrasador em fúria estranha..

- Mais forte zune o vento e a tudo encrispa,
10. Sobem chamas cruéis de chispa em chispa...
O homem chora a perda sementeira...

- Também no mundo é assim... Por bagatela
13. Surge a paixão que se desencastela,
14. Queimando a safra de uma vida inteira

...

(*) Para Manuel Bandeira, RC "certamente é o maior artista do verso que já tivemos". "O maior dos parnasianos", afirma Agripino Grieco – "e um dos poucos que tiveram íntima sensibilidade, foi Raimundo Correia". Exerceu cargos de magistratura, administração e diplomacia, e foi professor da Faculdade de Direito de Ouro Preto. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (**Pequena Hist. Lit. Bras.**, pág. 295) declara que o poeta, "por suas tendências à meditação e seu entranhado amor aos problemas íntimos da consciência, ficou mais perto da **anima rerum** que os seus companheiros. "Em sua arte poética existia algo de nobre e superior, dentro de uma emoção nunca transbordante, mas sempre vigiadas pelo senso crítico." (A. Lins e A. B. Hollanda, **Rot. Lit.**, II, pág. 611). (A bordo do vapor brasileiro **San'Luiz**, barra de Mangunça, Município de Cururupu, Maranhão, 13 de maio de 1859 – Paris, 13 de setembro de 1911).

BIBLIOGRAFIA: **Primeiros Sonhos; Sinfonias; Versos e Versões;** etc.

10. Observe-se a onomatopéia, acentuando a idéia de incêndio: "chamas cruéis de chispa em chispa.../ O homem chora...

13. "Surge a paixão que se desencastela". Este decassílabo sáfico com acento secundário na 8ª sílaba, conquanto venha de um parnasiano, não constitui inovação na poética de Raimundo Correia. Pelo menos é o que depreendemos dos exemplos seguintes, colhidos em sua Poesia Completa e Prosa:

- "Por sobre as águas indolentemente" (Verso 14º do soneto "Ofélia", páginas 145-146);

- "De espuma, e raios e fosforescências..." (Verso 18º do poema "O Dia acorda"! Deus por uma fresta", de Versos e Versões, pág. 190)

- "Vi-te no céu; e enamoradamente," (Verso 2º do soneto "Beijos do Céu", pág. 301)

14. O tema deste soneto – "Bagatela" – corresponde às características apontadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos, sobre a poesia de RC: "As características de sua poesia são, pelo fundo, um agudo sentimento da transitoriedade das coisas e insolúvel pessimismo; e, pela forma, perceptível senso das virtualidades vocabulares. Sempre foi considerado um dos grandes do parnasianismo; e não há por que rever essa posição" (Pan. III, págs. 77-78)

EPÍSTOLA DO ALÉM

Raimundo Antônio de BULHÃO PATO *

Abisma-se a minha alma aos impulsos da prece,
Fitando a dor além que a muitos entristece...

3. Pelos campos da morte onde o mal prepondera,
O ente humano enfermiço agita-se qual fera.

A voragem hiante eletriza e arrebatada
O espírito rendido à revolta insensata.

Na grande inquietação do ser que a tudo anela
E que descobre, alfim, que a carne se esfacela,

A alma forte que ria, hoje chora a sofrer
Na vastidão do umbral que transfigura o ser.

Cavernas e paus, precipícios e furnas...
Mausoléus de quem vive em névoas taciturnas...

13. Neblina e fetidez... O tempo, em caos, dormita
14. Horrendos animais em urros, choro e grita...

Cada vulto é um dragão que indignado ulula
Preso à inveja, à vingança, à dissensão, à gula...

E arrasta-se a sentir remorsos de culpado
Em frio enregelante e em calor abafado.

A população brame... E avança o turbilhão
No gargarhar febril de caminho malsão!

Os farrapos da vida, errantes pelo espaço,
Pervagam sem parar, gemendo a passo e passo...

Mas todos saldarão os seus mais torvos crimes,
Sob a luz do porvir, em vitórias sublimes.

Quando renascerão na carne redentora
Guardados pela dor, nossa mestra e tutora!

E o visitante, em meio aos seres padecentes,
Rega a senda que pisa em lágrimas pungentes.

29. Alguém pode esquecer, no imo de si mesmo,
30. Tantas almas na dor a chorarem a esmo? ...

.....

Reflete, amigo, assim, que aí em teu remanso
O pranto irado e hostil profana o luar manso...

Quando em fúria te açoite a borrasca do inverno,
Aceita a provação que é luz do Sol Eterno!

Há muito companheiro entregue ao sofrimento,
Sob materialismo ingrato e virulento.

37. O ateu, estátua viva a morrer enganado.
Acalenta consigo estranho e horrível fado...

O crime que passou, no qual ninguém mais pensa,
Resta ecoando na alma, igual rude sentença...

Oferece a quem chora o afago da ternura;
Aos frêmitos de dor, a benção doce e pura.

O serviço do amor, sem láurea ou recompensa,
44. Ser-te-á nova luz na luz divina e imensa.

Não olvides jamais o conceito imortal:
46. Há alegria no bem e há tristeza no mal!...

(*) Poeta, prosador e tradutor português, Bulhão Pato pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, tendo ido para Portugal com apenas 9 anos de idade. Afirma João Gaspar Simões que o poeta, amigo dileto de Alexandre Herculano, freqüentou a rodas dos maiores escritores da época. Poeta harmonioso, espontâneo e apaixonado, foi, segundo Mendes dos Remédios (**Hist. Lit. Port.**, pág. 582), "o último representante da escola típica do Romantismo, cujos fundadores conheceu e tratou". (Bilbau, Espanha, 3 de março de 1829 - Torre da Caparica, Portugal, 4 de agosto de 1912).

BIBLIOGRAFIA: **Paqueta; Flores Agrestes; Livro do Monte**, etc.

3. Refere-se o poeta às regiões purgatoriais da Espiritualidade.

13. O espírito, no Umbral, perde a noção do tempo-hora.

14. O poeta faz alusão aos casos de zoantropia. Em grande parte, formas licantrópicas.

29-30 Ler com hiato: no/ i/mo e a/ es/mo.

37. Belíssima imagem: o ateu, estátua viva a morrer..
 44. Epímone: "nova luz na luz divina" – Cf. nota 2, pág. 36.
 46. Dupla antítese.

A fim de que possamos observar o gosto do poeta para os alexandrinos dispostos em parselhas, vamos transcrever-lhe apenas pequeno trecho de "O Pinheiro Bravo" (apud Cláudio Brandão, Antol. Contemp., págs. 423-424):

".....
 Da cruel granizada, em tempos de invernía,
 Muita vez me abrigou a tua ramaria!

O furacão austral não se insultava a frente –
 Em-pé, robusto e só, no píncaro do monte!"

NADA

B. LOPES (Bernardino da Costa Lopes) *

O molho de verde grama,
 Cortado inerme e pendente
 Sobre o rio que o reclama,
 Rodopia inutilmente.

5. Na água que se derrama
 6. Desde o berço da corrente,
 Segue o rio e fica a rama
 No bailado incongruente.

A vida de muitas almas
 Teimosas, tristes e incalmas,
 Assim, estranha, decorre...
 A inércia, mesmo agitada,
 É sombra, ruído, nada –
 Para o ser que nunca morre.

(*) Jornalista e poeta de mérito. Classificou-o João Ribeiro como sendo um dos maiores poetas de sua geração. Mestre do gênero descritivo entre nós, "B. Lopes é" – no dizer de C. Chiacchio, Biocrítica, pág. 62 – "a poesia sem metafísicas complicadas, nem filosofias tétricas. Simples poeta de poesia simples". (Boa Esperança, atual Imbiara, Município de Rio Bonito, Est. do Rio, 19 de janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, Gb, 18 de setembro de 1916.

BIBLIOGRAFIA: **Cromos; Pizzicatos; Val de Lírios, Plumários;** etc.

5. Ler Na / á/gua, com hiato.
 6. Observe-se a metáfora.
 18-20. Ler com diérese: vo-a e cri-an-ça.

Cf. "Cromos" – IV -, 11 verso: "Dis/se/me o/ Ti/o sim/plí/cio"; 12º verso: "E a/ bo/a do/na/ da/ da/ ca/sa" (apud Rot. II, pág. 600): "Quadro", 1º verso: "Ca/í/ra o/ sol/ no ho/ri/zon/te". A propósito de voa, do mesmo sonetinho, observe-se o 8º verso: "Vo/am/ as/ a/vês/ ao/ mon/te". Ainda, o 11º e o 13º versos: "U/ma/ to/a/da/ dis/tan/te", "Es/ta/ um/ ho/mem/ na/ por/ta" (ap. E. Werneck, Antol. Bras., pág. 498

RECADO

EMÍLIO DE MENEZES *

- A você, meu irmão, antes que parta
2. Para o jardim que a escória humana aduba
No cultivo da terra fria e farta,
Falo como quem sopra velha tuba.

Andei fazendo prosa, verso e carta,
Esvaziando prato, copo e cuba,
Mas a morte triunfal tudo coarta
No tiro certo com que nos derruba.

De olhar em outro rumo, inda poeta
Atendendo a alegria do improviso
De coração feliz conquanto inquieto.

- No incenso a Baco já não me agonizo,
Prossigo além, exótico e discreto,
14. Mangando embora, mas com regra e siso...

(*) Amigo de Guimarães Passos e Olavo Bilac, Emílio foi uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro. Temido poeta satírico, o "Caçados de rimas difíceis", no dizer de Agrippino Grieco, conquanto eleito, em 1914, somente dias antes de sua desencarnação veio a tomar posse no **Petit Trianon**, sem as formalidades exigidas pelo Regulamento da Academia. Saliente E. Werneck que "Emílio de Menezes gravou os seus poemas a buril: foi um dos mais extremados na perfeição artística e no labor da forma cuidada". (Curitiba, Paraná, 4 de julho de 1866 – Rio de Janeiro, Gb., 6 de junho de 1918).

BIBLIOGRAFIA: **Marcha Fúnebre; Poemas da Morte; Poesias; Últimas Rimas**; etc.

2. Observe-se a imagem que constitui, aliás, expressivo eufemismo.

14. Neste soneto, o poeta demonstra sua preferência pelas rimas raras e cruzadas, nos quartetos, com disposição característica nos tercetos (cdc, dcd), como o fizera em "Numa Lápide" (apud Os Mais..., pág. 99), "Envelhecendo" (apud E. de M., o último Boêmio, pág. 181), etc. Importante também é que encontramos neste "Recado" cinco martelos, o que corresponde à estatística de M. Cavalcanti Proença (Ritmo e Poesia, págs. 87-88), que, em 840 versos do grande satírico, encontrou 307 martelos. Isto vem demonstrar que, embora mais sério, o vate ainda não se libertou do ritmo comum aos mestres da sátira.

SOMBRA E LUZ

PAULO Silva ARAUJO *

2. Surde a aurora sublime – angélica pintura...
Em breve, murcha a luz qual bela flor sem vaso...
Débil raio de sol passeia pelo ocaso,
4. E cai, bruxuleante... E morre em fímbria escura...

6. Vai o vento brejeiro, ao calor que o tortura,
A brincar de espremer mil cachos, ao acaso,
De nuvens colossais do firmamento raso...
Vem a chuva que esparze o olor da terra pura...

Nosso espírito, assim como o dia triunfante,
É vida e resplendor em trânsitos nervosos,
Insaciáveis quanto o fogo crepitante...

Alma! Doma o querer! Vence o passo erradio!
Falena – subirás em vôos prodigiosos,
Nume estelar transpondo o bátrato sombrio!

(*) Poeta simbolista, médico, farmacêutico e cientista. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Patrono, na Academia Fluminense de Letras, da cadeira nº 31. Castro Menezes, seu dileto amigo de ginásio, sentenciou acerca da personalidade de PA: "coração de Poeta, alma de Sábio, caráter de Apóstolo". Aliás, todos quantos privaram da amizade de Paulo Araújo, como João do Rio, Pereira da Silva, Humberto de Campos, reafirmaram-lhe as superiores qualidades de poeta, sábio e santo. Depois que se tornou "fervoroso espiritista", na última década de sua existência, ele proclamava com desassombro as suas novas convicções (apud Carlos da S. Araújo, Paulo

Silva Araújo, págs. 30-31). Niterói, Estado do Rio, 25 de julho de 1883 – Rio de Janeiro, Gb, 22 de outubro de 1918).

BIBLIOGRAFIA: Alto Mar, versos; etc. Deixou inédita vasta bagagem literária e científica.

Poderosa comparação: "murcha a luz qual bela flor sem vaso..."

4. Observe-se a expressividade da diérese em bru-xu-le-an-te e do polissíndeto que dão, com efeito, idéia de que o débil raio de sol que passeia pelo ocaso, cai...

6. O rípio "ao acaso" corresponde ao "modesta" de "Hipodermia" (apud os Mais..., pág. 207) – 7º verso:

"E quantos sonhos ideais, modesta,/ Ela conduz quando contém morfina..."

AO TOQUE DO AMOR

PEDRO de Castro VELHO *

Rompendo a bruma, em louca arremetida, avança
No incrível desvario em que se deblatera,
Onde a sombra abismal domina, esfera a esfera.
O triste obsessor, faminto de esperança.

Preso ao mal que atormenta e à dor que não descansa,
O que mais o acabrunha e o que mais o exaspera
É sua estranha volta aos instintos da fera,
Na loucura feroz que o propele à vingança.

Espírito infeliz, padece no braseiro
De flagelo mental, gargalhantes e escarninho, -
Mil remorsos bramindo em torvo cativoiro...
Mas ao toque do amor, sem que a treva o degrade,
Arrepênde-se e clama, ante o novo caminho,

14. Para nova missão na glória da humildade.

(*) Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira nº 32, e colaborador de diversos jornais e periódicos de sua terra natal, dentre outros, **O Diário**, **O Pampa**, **A Revista do Sul**. A princípio, foi Pedro Velho grande poeta romântico, "intérprete espontâneo da desesperança e da piedade", segundo a expressão de João Pinto da Silva (Hist. Lit. R.G.S., págs. 120 e 124): depois, transformou-se "num profissional do humorismo, muito embora continuasse, no íntimo, a alimentar-se do mesmo pessimismo e da mesma angústia (**idem**, pág. 126). (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 29 de junho de 1882 – Porto Alegre, 7 de setembro de 1919).

BIBLIOGRAFIA: **Ocasos**.

Sobre o esquema rimático dos tercetos, cf. o soneto "Primavera! (apud Col. Poetas Sul-Riogr., pág. 196), uma de suas produções isentas de imagens negativas.

MUSEU DO UMBRAL

FÁBIO MONTENEGRO

3. Rojando em tudo a peste aos guinchos aziagos,
 Tragando força e vida em torturas severas,
Lêmures, avejões, harpias, manes, dragos,
 Mostram gestos de gana, urram quais loucas feras!...

 Tragos de olhares vis, disformes, feios, gagos,
 Quais monstros em tropéis, ontem foram, deveras,
 Homens que agora são abantesmas e magos,
 Mulheres que hoje são vampiros e megeras!...

9. Parcas, bruxas, lusbéis, hidras que fazem ágoras:
 Larvas, serpes, tritões envoltos em mandrágoras;
11. Demos que vêm e vão em funestos reclamos!...

 Tais formas e visões, frutos de nossas mentes,
 Morrem sempre igual sombra exposta a sóis ardentes,
14. Ao vencermos o mal que nós mesmos criamos!...

(*) Como poeta, colaborou na imprensa santista e paulistana, tendo sido um dos redatores da revista **O Verso**, escrita todas em versos, inclusive os anúncios. É patrono de uma das cadeiras da Academia Santista de Letras. A seu respeito diz Fernando Góes (**Pan.** V, pág. 157): "Seus versos traem, a todo instante, a preocupação da forma, que ele próprio confessa, mais de uma vez, desejar seja impecável!. E S. Galeão Coutinho, no seu prefácio a **Flâmulas**, pág. 12, escreveu: "O verso foi para ele o palácio encantado onde se isolava para entregar-se a orgias maravilhosas de sons coloridos." (santos, Esta de São Paulo, 26 de maio de 1891 – Santos, 21 de agosto de 1920).

BIBLIOGRAFIA: **Jornada Lírica; Flâmulas;** etc.

3. Enumeração

9. Cf. nota anterior (nº 3).

11. Demo: "Demônio; pessoa turbulenta ou astuciosa"

4. Obs.: Tomem-se as palavras demônio, Lúcifer e outras que tais com o significado de Espíritos, nossos irmãos, que permanecem temporariamente nos círculos da ignorância, Espíritos esses, no entanto, que, um dia, se voltarão para o Eterno Bem.

14. Dos diversos aedos que nos trouxeram notícias do Umbral, nesta Antologia, nenhum talvez tenha alcançado tanto realismo nas descrições quanto FM, nestes perfeitos alexandrinos. E o mais importante é que, depois de fazer um inventário completo de todo o museu, fecha o soneto com chave de ouro, afirmando que "Tais formas e visões, frutos de nossas mentes,/Morrem sempre igual sombra exposta a sóis ardentes,? Ao vencermos o mal que nós mesmos criamos!..."

NEM TUDO É SILÊNCIO

FÁBIO MONTENEGRO

Contempla o campo agreste... Eis a tela soturna
Do imenso chapadão a perder-se de vista...

17. Mas se tudo é deserto e tristeza na crista,
Sob a terra que dorme, a semente se enfurna.

19. Da cova pequenina, improvisada urna,
Anônima e largada à lama que a contrista,
A árvore ao sol com beleza imprevista,
Vencendo a expectativa da gleba taciturna...

Ausculda, assim também, a solidão da lousa...
Nem fala que a revele ou força que a transporte...
Tudo aparente inércia ao lodo em que se olvida!

Entanto, à plena sombra, em que a cinza repousa,
Onde se junte o caos à escuridão da morte,
28. Emerge, soberana, a excelência da vida...

(*) Como poeta, colaborou na imprensa santista e paulistana, tendo sido um dos redatores da revista **O Verso**, escrita todas em versos, inclusive os anúncios. É patrono de uma das cadeiras da Academia Santista de Letras. A seu respeito diz Fernando Góes (**Pan.** V, pág. 157): "Seus versos traem, a todo instante, a preocupação da forma, que ele próprio confessa, mais de uma vez, desejar seja impecável!. E S. Galeão Coutinho, no seu prefácio a **Flâmulas**, pág. 12, escreveu: "O verso foi para ele o palácio encantado onde se isolava para entregar-se a orgias maravilhosas de sons coloridos." (santos, Esta de São Paulo, 26 de maio de 1891 – Santos, 21 de agosto de 1920).

BIBLIOGRAFIA: **Jornada Lírica; Flâmulas;** etc.

17. Aliteração em t.

19. Leia-se com hiato: "... improvisada/ ur/na".

28. Não obstante o poeta, em algumas de suas composições, tais como "introspecção" e "A um descrente", deixe transparecer, pelo menos intuitivamente, idéias reencarnacionistas, pedimos vênia para transcrever-lhe, aqui, o soneto "A Árvore" (apud Pan. Págs. 157-158), escrito por ele quando se achava no Plano Físico, a fim de comprovar que "Nem tudo é silêncio" revela a preocupação do poeta de desfazer a idéia negativa que existe em "A Árvore":

"Hirta, negra, espectral, chora talvez. Responde
Seu próprio choro à voz do vento que a fustiga,
Ela que ao sol floriu às chuvas, onde
A paz é santa, o campo é doce, a noite é amiga...

Essa que esconde a chaga, essa que a história esconde,
Que conhece a bonança e a borrasca inimiga,
Já foi flor, foi semente, e, sendo arbusto, a fronde
Ergueu para a amplidão às aves e à cantiga.

Que infinita tristeza o fim da vida encerra
A quem já pompeou do Sol na própria luz.
As flores para o céu e a sombra para a terra!

Foi semente, brotou... Árvore transformada,
Sorriu em cada flor; e hoje, de galhos nus,
Velha, aguarda a tortura estúpida do nada!"

PÊNFIGO

Antônio VALENTIM da Costa Magalhães (*)

15 "Fogo! Fogo!..." – esbraveja o inquisidor, fremente,
Torvo olhar na expressão implacável e crua.

17 Coleia a chama enorme e, trágica, flutua
A subir e bailar qual rúbida serpente.

- "Piedade, meu Deus!..." – Choram vítimas, rente
Ao fogo que lhes rompe a carne viva e nua.
Estorcem-se de horror, ante os gritos da rua,
22 E somem-se, a bradar: - "Inocente! Inocente!..."

O tempo voa e abate o verdugo do povo...
24 Ordena a Grande Lei que ele nasça de novo
Para que o lume vivo o experimente e encangue;

E o terrível algoz na prova a que se aferra,
Aos singultos de dor, arrasta sobre a Terra
28 O corpo torturado em brasas cor de sangue!...

(*) Romancista, poeta, crítico literário, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante anos no Ri de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do célebre jornal literário – **A Semana** – e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de **Rimário** exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos (**Pan.**, III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, Gb, 16 de Janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, Gb, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: **Cantos e lutas; Rimário; Quadros e Contos; Horas Alegres; etc.**

15. Epizeuxe.

17. Note-se o efeito deste "enjambement". Como que chegamos a ver a rúbida serpente a subir e a bailar, coleante e trágica.

22. Ricochete: "... – " Inocente! Inocente!..."

24. *Grande Lei*. Refere-se o poeta à Lei de Causa e Efeito.

AOS CARAVANEIROS DO BEM

AUTA DE SOUZA*

Caravana do amor, ditosa e bela
-Esperança e consolo que bendigo -,
Serve e divide o pão do excelso trigo
De que o chão da bondade se constela!

Aqui, há provação e desabrigo;
Além, o pranto é mar que se encapela...
Ao sol do bem a simples bagatela
Acende a excelsa luz do Excelso Amigo...

Segue e restaura a vida semimorta,
Onde a noite da mágoa desconforta
O coração que sangra, sofre e erra!...

Inda mesmo ante o mal, ma luta inglória,
A caridade é o canto de vitória
Do reinado do Cristo sobre a Terra!...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» - di-lo Hostílio Montenegro - «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro **Horto** (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há nas estrofes do **Horto** o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» - observa Domingos Carvalho da Silva (**Vozes Fem. da poesia Brás.**, pág. 25) - «Não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine,

quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Maracaiba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 – Natal. Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Horto**. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: so/fre e/ er/ra;
De/ que o /ho/mem.

39. Leia-se to/da a/ ho/ra, em três sílabas.

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

82. Observe-se a enumeração.

COMPAIXÃO

AUTA DE SOUZA*

Modera a exaltação dos teus sentidos,
Não te faças distante ou displicente,
Ouve as preces, as pragas e os gemidos
Da fornalha em que clama a luta ingente.

Passa e fita os olhares doloridos
Que traduzem a dor de tanta gente,
Qual se avistasses corações queridos
Rogando alívio à mágoa impenitente.

Serve, socorre e ampara a criatura
Que vagueia a pedir de porta em porta,
Revolvendo as entranhas na amargura.

Por ti mesmo, sê brando sem disfarce.
Liberta a luz do amor que te conforta
E anseia por sair a derramar-se...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» - di-lo Hostílio Montenegro - «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro **Horto** (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há nas estrofes do **Horto** o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» - observa Domingos Carvalho da Silva (**Vozes Fem. da poesia Brás.**, pág. 25) - «Não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Maracaiba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 – Natal. Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Horto**. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: so/fre e/ er/ra;
De/ que o /ho/mem.

39. Leia-se to/da a/ ho/ra, em três sílabas.

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

82. Observe-se a enumeração.

DIVIDE

AUTA DE SOUZA*

Não somos simplesmente os bens da vida...
Deus reparte a bondade com grandeza.
O próprio pão que te enriquece a mesa
É mensagem da terra dividida.

Fita a glória solar fremindo acesa,
A fonte que ao repouso te convida
E as flores que se entregam sem medida,
No coração de luz da Natureza...

Divide assim também do que te sobre.
O celeiro do bem nunca está pobre,
Inda que singeleza nele brade.

82 A prece, o bolo, o caldo, o leite e a veste
São dividendos para o Lar Celeste,
No tesouro de amor da eternidade...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» - di-lo Hostílio Montenegro - «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro **Horto** (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há nas estrofes do **Horto** o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» - observa Domingos Carvalho da Silva (**Vozes Fem. da poesia Brás.**, pág. 25) - «Não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Maracaíba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 - Natal. Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Horto**. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: so/fre e/ er/ra;
De/ que o /ho/mem.

39. Leia-se to/da a/ ho/ra, em três sílabas.

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

82. Observe-se a enumeração.

ENTREVISTA

AUTA DE SOUZA*

Não precisas buscá-lo no Azul pleno,
Onde a vida imortal esplende e assume
A estranha forma do Celeste Lume
32 De que o homem percebe vago aceno.

Desce ajudando ao chavascal terreno
Que tragédias e lágrimas resume...
E espalha a caridade qual perfume
Que se evola do lodo ao céu sereno.

Ante o vale da sombra imensa e fria,
Abençoa, restaura, eleva e guia,
39 Lenindo as aflições de toda a hora!...

E perante o suor da angústia em chaga,
Encontrarás o Cristo que te afaga,
Em cada coração que luta e chora!...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» - di-lo Hostílio Montenegro - «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro **Horto** (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há nas estrofes do **Horto** o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» - observa Domingos Carvalho da Silva (**Vozes Fem. da poesia Brás.**, pág. 25) - «Não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Maracaiba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 - Natal. Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Horto**. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: so/fre e/ er/ra;
De/ que o /ho/mem.

39. Leia-se to/da a/ ho/ra, em três sílabas.

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

82. Observe-se a enumeração.

ESTRELAS

AUTA DE SOUZA*

Beija essas mãos que alentas e que afagas,
Quando és bondade apenas, branda e pura,
Mãos engelhadas, mãos em miniatura,
Mãos trêmulas, mãos tristes, mãos em chagas!...

Mãos que recordam naufragos, nas vagas
De atormentado mar, em noite escura,
Mãos que ensinam, em preces de amargura,
Quão pequenina a dor em que te esmaga!...

Beija essas mãos cansadas, quase mortas,
Flores de sangue e fel que reconfortas,
A estender-lhes consolo, pão e ninho.

E, quando a morte apague a luz que levas,
Essas mãos, como estrelas sobre as trevas,
Brilharão por degraus de teu caminho!...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» - di-lo Hostílio Montenegro - «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro **Horto** (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há nas estrofes do **Horto** o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» - observa Domingos Carvalho da Silva (**Vozes Fem. da poesia Brás.**, pág. 25) - «Não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Maracaiba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 - Natal. Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Horto**. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: so/fre e/ er/ra;
De/ que o /ho/mem.

39. Leia-se to/da a/ ho/ra, em três sílabas.

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

82. Observe-se a enumeração.

TRABALHA AGORA

AUTA DE SOUZA*

Pondera o tempo – mar em que navegas,
Invisível apoio que ter escora.
Não te afundes no abismo, sendo afora,
Nem prossigas, em vão, tateando às cegas.

62 Glórias, delitos, lágrimas, refregas,
Tudo é feito no tempo, de hora a hora...
Estende o amor e a paz, semeando agora
As riquezas do tempo que carregas!

Inda que a dor te oprima e o mal te afronte,
Vive, qual novo dia do horizonte,
Sem que a névoa do mundo te abastarde...

Hoje! Trabalha agora, em cada instante;
Agora! Trilha aberta ao sol triunfante!...
Muitas vezes, depois é muito tarde!...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» - di-lo Hostílio Montenegro - «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro **Horto** (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há nas estrofes do **Horto** o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» - observa Domingos Carvalho da Silva (**Vozes Fem. da poesia Brás.**, pág. 25) - «Não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Maracaíba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 – Natal. Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: **Horto**. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: so/fre e/ er/ra;
De/ que o /ho/mem.

39. Leia-se to/da a/ ho/ra, em três sílabas.

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

82. Observe-se a enumeração.

**"Não nos é facultado corrigir todos os erros
e extinguir todas as aflições que campeiam
nas trilhas da existência,
mas todos podemos atravessar o cotidiano,
melhorando a vida e dignificando-a,
em nós e em torno de nós".**

Emmanuel